

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

F. J. OLIVEIRA VIANNA	Populações meridionaes do Brasil	129
MARIO PINTO SERVA	O problema do transpor- te maritimo	147
OLIVEIRA LIMA <small>da Academia Brasileira</small>	O meu professorado em Harvard	154
HELIO LOBO <small>do Inst. Hist. e Geographico Brasileiro</small>	Brasil-Estados Unidos	168
MONTEIRO LOBATO	Pollice verso	178
AMADEU AMARAL } MARTINS FONTES }	Poesias	190
MEDEIROS E ALBUQUERQUE <small>da Academia Brasileira</small>	Livros...	205
GODOFREDO RANGEL	Vida Ociosa (romance)	215
COLLABORADORES	Resenha do mez	230

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 18 - ANNO II

VOL. V

JUNHO, 1917

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Vicente pe Carvalho — Ophir (*Othoniel Motta*) — Missões de professores paulistas (*Carlos da Silveira*) — Bibliographia — Movimento literario — Machado de Assis — NOTAS DE SCIENCIA (A paralyssia infantil — A vista das creanças — A utilização mechanica dos raios solares — O problema da morte — Os couraçados terrestres) *M. P* — Expressões technicas da architectura (*João Ribeiro*) — A França e a Grecia (*Afranio Peixoto*) — Ricardo Wagner e o germanismo — O inventor do Esperanto — A educação da mulher — Um novo programma escolar — O patriotismo de Renan — As repetições da historia — O theatro francez e a guerra — Superstições de soldados e lendas da guerra — Ladrões intellectuaes — O medo do kaiser — Publicações recebidas — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES: Vicente de Carvalho (*Wasth Rodrigues*) — As galeras portuguezas (*trichromias*).

As assignaturas começam em qualquer tempo
e terminam em Junho ou Dezembro.

A "REVISTA DO BRASIL" só publica tabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO
ALFREDO PUJOL SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS PARA 1917:

ANNO	15\$000
SEIS MEZES	8\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques s quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10.000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.



INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Traversa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. **Condes.**

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das **crianças** — Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo — S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIAO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Cidade) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107.—Rio: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 881. — S. Paulo: Rua Boa Vista, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. Telegrammas: "Belli".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emilio Rocco — Novidades em case-

mira ingleza. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 5151 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, caudelas de casas de penhores e do Monte de Socorro de S. Paulo

— A CASA MARCELLINO compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG.: DOSMAN - CAIXA, 962

TELEPHONE, 4305

SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

OS ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

INSTALAÇÃO DE LUZ E FORÇA

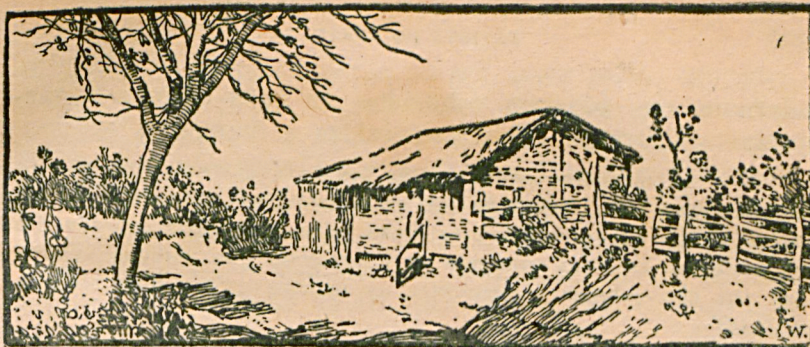
Loteria de São Paulo

PARA 6 DE JULHO

30:000\$000

POR 2\$700

**Os bilhetes estão á
venda em toda a parte**



POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL

(POPULAÇÕES RURAES)

I — FORMAÇÃO DO TYPO RURAL

I

Nada mais surpreendente do que o estudo da vida e dos costumes da aristocracia rural do sul e do norte, durante os primeiros seculos coloniaes, principalmente nos seus dous centros mais vivazes: Pernambuco e S. Paulo. Dir-se-ia um recanto de côrte européa transplantada para o meio da selvageria americana. Tamanhas as galas e as louçanias da sociedade, o seu maravilhoso luxo, o seu fausto espantoso, as graças e os requintes do bom tom e da elegancia.

Da nobreza de Pernambuco, nos começos do II seculo, diz o autor do *Valeroso Lucideno* que por miseravel é tido entre ella quem não tem um serviço de prata, e que as damas são tão ricas nas vestes e nos adereços com que se

adornam, que parecem “chovidas em suas cabeças e gargantas as perolas, rubis, esmeraldas e diamantes”:

— “As mulheres andavam tão louças e custosas que não se contentavam com os tafetás, os chamalotes, os velludos e outras sedas, senão que arrojavam as finas telas e os ricos brocados; e eram tantas as joias com que se adornavam que pareciam chovidas nas sua cabeças e gargantas as perolas, rubis, esmeraldas e diamantes.

Os homens não haviam adereços custosos de espadas e adagas, nem vestidos de novas invenções com que se não ornassem. Os banquetes quotidianos, as escaramuças e os jogos de canas em cada festa se ordenavam. Tudo eram delicias e não parecia esta terra senão um retrato do terreal paraizo”. (1)

Entre os senhores de engenho é, ao que parece por esse tempo, a vida uma perpetua festa, uma ininterrupta troca de folganças e prazeres. — “Ha homens muito grossos de 40, 50 e 80 mil cruzados de seu — diz o proibidoso Fernão Cardin, descrevendo a nobreza pernambucana dos fins do I seculo. Vestem-se, e as mulheres e filhos, de toda a sorte de velludos, damascos e outras sedas; e n’isto têm grandes excessos. As mulheres são muito senhoras e não muito devotas. Os homens são tão briosos, que compram ginetes de 200 e 300 mil cruzados, e alguns têm trez e quatro cavallos de preço. São, sobretudo, muito dados a banquetes, em que de ordinario andam comendo um dia dez ou doze senhores juntos e, revezando-se desta maneira, gastam quanto têm, e bebem cada anno dez mil cruzados de vinho de Portugal, e alguns annos houve que beberam oitenta mil cruzados dados em ról” (2)

Nas fazendas do interior pernambucano, “maiores e mais ricas do que as da Bahia”, encontra Cardin igual opulencia e iguaes larguezas. Os senhores dellas lhe fazem grandes honras e gazalhados; mas, com tão grandes gastos, que elle confessa não poder descrever. Dão-lhe “banquetes de extraordinarias iguarias” e o agasalham em “leitos de damasco cramezim, franjado de ouro, e ricas colchas da India”. Estes aristocratas de Pernambuco guardam ainda as tradições hippicas do tempo de D. Duarte, o rei cavalleiro, que havia composto o *Livro de ensynança de bem cavalgar*

(1) — Frei Manoel Callado — *O Valeroso Lucideno*.

(2) — Cardim — *Narrativas epistolares*.



toda sella. E' de vêl-os então no seu amor pelas touradas, pelas corridas, pelas cavalhadas. Cavalleiros eximios, cheios de donaire e arrojo, primam todos na elegancia e gentileza da montaria, na riqueza dos jaezes, todos cobertos de prata, na destreza com que toureiam, no garbo com que praticam os jogos da argolinha, das canas, das justas e das alcancias. — Quando, em 1641, Nassau, em commemoração á aclamação de D. João IV, dá, em Olinda, uma grande festa, o luxo dos cavalleiros brasileiros mostra-se deslumbrante. — “Todos cavalgaram á gineta — diz Frei Manoel Callado —; e corriam tão fechados nas sellas, e tão compostos, e tão airosos, que levavam após si os olhos de todos, e principalmente os olhos das damas”.

Não ostenta a aristocracia colonial do sul menor sumptuosidade de viver. Os homens, que a formam, vêem da mesma estirpe ethnica e trazem a mesma civilização social e moral. Como os de Pernambuco, os representantes da nobreza paulista são altamente instruidos e cultos. Nas suas relações sociaes e domesticas o tratamento, que mantêm, é perfeitamente fidalgo.

Ha dentre elles um, que póde ser citado como o typo verdadeiramente modelar de todos elles, pela grandeza, pelo luxo, pela liberaliidade. E' Dr. Guilherme Pompeu, da familia illustre dos Lemes. Graduado em canones, espirito cultissimo, é a sua casa o centro de reunião de todo o escól de S. Paulo; nos dias de festa é toda ella como “uma populosa villa ou côrte”; tamanha a assistencia e o concurso dos hospedes.

E' numerosa a sua bibliotheca; “ricos e de primor” são todos os seus moveis. Como das muitas arrobas de prata, que herdara dos seus paes, mandara em Lisboa pôr em obra mais polida, póde, dest'arte ostentar “a copa mais primorosa que nenhum outro seu nacional”. Para maior agrado dos seus hospedes, cultivava elle grandes vinhedos. — “O vinho era primoroso, de uma grande vinha que com acerto cultivava, diz Pedro Tacques; e, supposto o consumo era sem miseria, sempre o vinho sobrava de anno a anno”. No preparo das iguarias e na sua profusão, tudo era igualmente primor e prodigalidade. — “Foi tão profusa a mesa do Dr. Guilherme Pompêu, que

nella as iguarias de varias viandas se praticavam com tal advertencia que si, acabada a mesa, depois della, passadas algumas horas, chegassem hospedes, não houvesse para banquetear-os a menor falta. Por esta razão estava a ucharia sempre prompta". (3)

Para bem avaliar-se a grandeza do tratamento com que Guilherme Pompeu honra os seus hospedes, basta dizer que para acolhel-os elle tem, ricamente paramentadas, cem camas, cada uma com um cortinado proprio, lençóes finos de bretanha, guarnecidos de rendas, e "uma bacia de prata debaixo de cada uma dellas", segundo o expressivo detalhe de Tacques. — "Entrava o hospede, ou fosse um, ou muitos em numero, e nunca mais nos dias que se demoravam, ainda que fossem de uma semana ou de um mez, não tinha nenhum dos hospedes noticia alguma dos seus escravos, cavallos e trastes. Quando, porém, qualquer dos hospedes se despedia, ou fosse um ou quinze ou muitos ao mesmo tempo, chegando ao portão cada um achava o seu cavallo, com os mesmos jaezes em que tinha vindo montado, as mesmas esporas e os seus trastes todos, sem que a multidão de gente produzisse a menor confusão na advertencia daquelles criados, que para isto estavam destinados. Esta advertencia era uma das acções de que os hospedes se aturdiavam por observarem que nunca jámais entre a multidão de varias pessoas, que diariamente concorriam a visitar e a obsequiar dias e dias ao Dr. Guilherme Pompêu de Almeida, se experimentára uma só falta, nem uma só troca de trastes a trastes." (4)

Como se vê, Guilherme Pompeu recebe na sua casa, á maneira dos "ricos hombres" peninsulares. E, como elle, toda a fidalguia paulista do tempo. Nenhum dentre estes aristocratas ha que não possua de cavallos os mais finos e ardegos exemplares. De José de Góes Moraes diz, por exemplo, o mesmo Tacques — que "não teve no seu tempo quem o igualasse no tratamento, porque de cavallos da melhor fama e bondade tinha muitos e todos bons em actual cavallarice, e tão briosos, que nem para beber agua sahiam para fóra sem antólhos nem cabeções".

(3) — Pedro Tacques — *Nobliarchia paulistana*.

(4) — Tacques — *obr. cit.*

Como em Pernambuco, o cavalgar com arte, donaire e luzimento se faz tambem aqui distinctivo e pundonor de nobreza. O coração das damas — tal como nas côrtes de amor da idade média — está com os que com mais gentileza e brio meneiam o ginete, farpeiam o touro, ou manejam a lança nos jogos da cavallhada. E' Pedro Lara, da familia dos Laras, quem tem, ao que parece, no seu tempo, o primado nesses exercicios da arte da picaria. Delle nos fala Tacques, como sendo, pelas suas habilidades de cavalleiro, o mais gabado dos mancebos entre as damas e o mais invejado delles entre os homens.

Aliás, pela elevação dos sentimentos, pela hombridade, pela altivez, pela dignidade, mesmo pelo fausto e fortuna que ostentam, estes aristocratas, paulistas ou pernambucanos, mostram-se muito superiores á nobreza da propria metropole. Não são elles sómente homens de cabedaes, com habitos de sociabilidade e de luxo; são tambem espiritos do melhor quilate intellectual e da melhor cultura. Ninguem os excede nos primores do bem falar e do bem escrever. Sente-se na sua linguagem ainda aquelle raro sabôr de vernaculidade, que na peninsula parecia já haver-se perdido. Pois é aqui, na colonia, segundo Bento Teixeira Pinto, que os filhos de Lisboa vêm aprender aquelles bons termos, que já lhes faltavam, e com os quaes se fazem, no tracto social, polidos e distinctos.

II

Ora, no meio dessa civilização de "Far-West", estes costumes de sociabilidade, estes habitos de grandezas, surpreendem, á primeira vista. Tão contradictorios são elles com a classica rusticidade dos nossos homericos desbravadores de sertões. Explica-se, porém, a sua apparição aqui pelo accidente da presença, no ecumeno a colonisar, de um escól consideravel de fidalgos de sangue, descendentes authenticos das mais notaveis e illustres casas da peninsula. Para S. Paulo Martim Affonso de Souza traz

uma vintena delles, todos da melhor linhagem. Com a dominação hespanhola, numerosos representantes da nobreza de Hespanha aqui chegam, e se fixam. Em Pernambuco igualmente, no dizer de Domingos Loreto, a nobreza local é “innumeravel e illustre, como procedida de nobilissimas casas de Portugal, Castella, França, Italia e Allemanha”. (5)

Por outro lado, os primeiros seculos da nossa colonização correspondem justamente ao periodo, em que, na Europa, as côrtes estão em pleno fastigio, e brilham do mais vivo fulgor. — Em Portugal, por exemplo, os reis já não são mais aquelles heróes primitivos e rudos, armados de ferro, couraçados de ferro, calçados de ferro, que fizeram as guerras da reconquista e as campanhas da Africa. Reflectindo o espirito medieval na sua ultima feição, fazem da sua côrte, ao contrario, um centro de luxo, fausto e galanteiria, para onde accorrem, em cardumes, desde o tempo de D. João II, os descendentes da nobreza guerreira da primeira dymnastia. — Como observa Rabello da Silva, “os grandes proprietarios ecclesiasticos e seculares, desde o reinado de D. João II que tinham principiado a viver ausentes das suas terras e solares a maior parte do tempo, não os visitando senão de largos em largos intervallos. Longes das herdades e dos costumes campestres, as pompas e distracções da côrte iam-lhes desvanecendo do animo o amor do solo, por tantos respeitos digno do seu interesse e cuidados, ao passo que lhes quebrava nos exercicios aulicos a rija independencia das outras éras”. (6)

Estes fidalgos e cortezãos, educados, dest'arte, na vida dos paços reaes e nos seus prazeres e galas, é que, descoberta a America, trazem para entre nós, com o gosto das mundanidades, esses habitos, tão surprehendentes aqui, de sociabilidade, de urbanidade, e de luxo.

(5) — Domingos Loreto — **Desaggravos do Brasil e Glorias de Pernambuco**, cap. 19, L. 3.

(6) — Rabello da Silva — **População e agricultura de Portugal**, pag. 203.



III

Estes habitos mundanos e sociaes representam, porém, como se vê, exclusivamente modos de viver só compatíveis com uma existencia palaciana, com uma vida de côrte — em summa, com uma aristocracia essencialmente urbana. E' completa a contradição delles com essa rusticidade, em cujo seio bravio e aspero penetram os colonisadores. Neste ambiente de florestas e campos, essa nova sociedade em formação é, e ha de ser por muito tempo ainda, uma sociedade de estructura fundamentalmente rural, asentada por inteiro sobre uma base exclusiva de latifundios pastoris e latifundios agricolas. Portanto, uma sociedade de habitos e costumes caracteristicamente ruraes.

Dahi esse conflicto interessantissimo, que assistimos, durante todo o periodo colonial, entre o espirito peninsular e o novo meio, isto é, entre a velha tendencia européa, de character visivelmente centripeto, e a nova tendencia americana, de character visivelmente centrifugo: a primeira, atrahindo as classes superiores da colonia para as cidades e os seus encantos; — a segunda, impellindo essas mesmas classes para os campos, e o seu rude isolamento.

Este conflicto, tão vivace, entre as duas tendencias sociaes é impossivel comprehendel-o, na sua exacta significação e importancia, sem uma breve observação sobre a maneira porque se compõe a nossa nobreza territorial por essa época, — ao sul pelo menos. Ella é formada de uma dupla camada: — a camada dos latifundiarios de origem fidalga e a camada dos latifundiarios de origem plebéa.

E' a primeira camada composta de elementos nobres, com o sangue das mais fidalgas linhagens da península. Tem os habitos das aristocracias européas, o traquejo dos paços reaes, o orgulho das suas genealogias illustres. Os melhores cargos da colonia são exercidos por ella; os seus representantes possuem immensos latifundios agricolas, numerosas fazendas de criação, e, como observa Diogo de Vasconcellos, têm voto consultivo no governo.

Compõe-se a segunda camada de elementos plebêos—lavradores do Minho, de Tras-os-Montes, das Beiras, da

Extremadura — homens pobres e honrados, embora de poucas posses — “homens de qualidades”, como se lê em algumas cartas de sesmarias — que pedem terras; e, obscura e silenciosamente, se vão fixando, com os seus gados grossos e miudos, nos campos e mattas do *hinterland*. (7) E’ remediada, a principio. Depois, é abastada. Engrossando de cabedaes, attinge em regra a grandes fortunas; torna-se senhora oplenta de latifundios valiosos, de vastos curraes, de importantes engenhos, de copiosa escravaria.

Com isto classifica-se, aos poucos, ao lado da nobreza authentica. Do III seculo em diante é visivel a ascensão dessa camada, que acaba, por fim, por submergir a primeira — e absorvel-a.

E’ justamente esta segunda classe de proprietarios ruraes—rica, opulenta, incomparavelmente mais numerosa — que, pondo-se em contacto com a pequena minoria dos fidalgos de sangue, deixa-se fascinar por elles; e entra então a copiar-lhes ingenuamente — “com furor”, como se diria hoje nas chronicas mundanas — a sociabilidade, o tratamento, os modos urbanos de vida. (8)

Nos primeiros tempos prevalece, por isso, a tendencia européa, — de concentração urbana. Para as raras cidades existentes na colonia por essa época, ao norte e ao sul, são attrahidos os senhores ruraes. Elles organisam um duplo domicilio; installam-se em casas proprias na cidade; e procuram fruir ahi todos os prazeres da sociedade; e as suas pompas; e os seus requintes; e as suas diversões.

Entretanto, esta nova situação é instavel e extremamente difficil para elles. Porque, como diz o nosso classico Antonil: — “Quem se resolva a lidar com engenhos, ou se

(7) — E’ uma das mais absurdas abusões o preconceito de que entre os elementos formadores do nosso povo estão os criminosos e degredados. Estes elementos detricarios são parte absolutamente insignificativa na formação da nossa nacionalidade; não tem importancia alguma. Nós, ao contrario, formamos o nosso povo com os elementos mais excellentes da peninsula, quer da aristocracia, quer da plébe.

(8) — “Os senhores de engenho pretendiam imitar os antigos fidalgos na grandeza das acções, no orgulho do sangue, na importancia do tratamento e na hospitalidade generosa, que ostentam nas suas propriedades”. — (Pereira da Silva — *Historia da Fundação*, I pg. 210)

ha de retirar da cidade, fugindo das occupações da republica, que obrigam a divertir-se; ou ha de ter actualmente duas casas abertas, com notavel prejuizo onde quer que falte a sua assistencia, e com dobrada despeza”.

O duplo domicilio, como se vê desse trecho, sacrifica duramente os fazendeiros nos seus interesses mais materiaes e immediatos. E' patente a incompatibilidade entre esta vida urbana, onerosa e descuidada, e os prementes e mutliplos labôres fazendeiros. O trato dos engenhos exige, naquelle tempo mais do que hoje, ao que parece, uma attenção continua. Tanto que, segundo o testemunho do mesmo Antonil, homens de bastante cabedal e juizo preferem ser lavradores possantes com canna obrigada a moenda alheia, que senhores de engenho, “com a lida e a attenção, que pede o governo de toda essa fabrica”. (9)

Os grandes senhores ruraes, que, attrahidos pela vida das cidades, gravitam, como asteroides, em torno do pequeno nucleo fidalgo, são, assim, collocados, pela força das circumstancias, por simples exigencias de natureza puramente economica, entre as pontas deste dilemma imperioso: — ou optam pelo campo, onde estão os seus interesses principaes; ou pela cidade, centro apenas de recreio e dissipação. Ora, com o correr dos tempos, elles acabam optando pelo campo, como é natural; e recolhem-se, aos poucos, á obscuridade e ao silencio do viver rural...

Desse recuo, dessa retirada, dessa sórte de transhumancia da nobreza colonial para o interior, dá-nos expressivo testemunho o Conde de Cunha, o nosso primeiro vice-rey. N'uma carta, que dirige ao rei, em 1767, diz elle: — “Com errada politica introduziram os meus antecessores nesta cidade luxos e excessivas despezas em divertimentos indecentes, assim tambem como em carruagens inuteis, para abaterem e arruinarem as casas nobres e distinctas, o que conseguiram com esta desordenada idéa; com ella viram-se precisadas todas as pessoas nobres, e retiraram-se as suas fazendas e engenhos, onde teem existido e vivem presentemente sem apparecerem, nem terem com quê”. (10)

(9) — Antonil — *Riqueza e opulencia do Brasil*.

(10) — Felisbello Freire — *Os portuguezes no Brasil*, pag. 228.



Dahi, a decadencia, nesta época, dos centros urbanos. Dessa decadencia dá-nos ainda o Conde de Cunha, na mesma carta uma descrição flagrante e impressiva, ao referir-se ao retorno dos patriarchas ruraes á sua rusticidade:

— “Estas pessoas, que eram as que tinham com que luzir e figurar na cidade — diz o Conde, com referencia ao Rio — e as que a enobreciam, estão presentemente dispersas pelos districtos mais remotos, e em grandes distancias umas das outras, sem tratarem com pessoa alguma, e muitas dellas casando-se mal, e algumas deixando só filhos naturaes e pardos, que são seus herdeiros. Pelo que se vê esta cidade, que pela sua situação e porte deve ser a cabeça do Brasil, e nella a assistencia dos vice-reys, sem ter quem possa servir de vereador, nem servir cargo autorisado, e só habitada de officiaes mechanicos, pescadores, marinheiros, mulatos, pretos boçaes e nós, e alguns homens de negocios, dos quaes muito poucos podem ter este nome”.

Este trecho da carta do Conde de Cunha tem, aliás, para nós uma significação immensa. Elle nos deixa vêr, — já nos meizados do III seculo — este duplo factó, da maior importancia para a nossa historia social: — *de uma vida urbana rudimentar, em contraste com uma vida rural intensissima.*

Ao Conde de Cunha este isolamento rural, em que se mette a classe nobre da terra, parece extranho e dá-lhe a impressão de um *declassement* doloroso. E' que elle não póde comprehender a vida em solidões tão apartadas, elle o aristocrata, o homem da côrte, filho, além disso, de uma terra, onde a população, pela sua extrema densidade, não sabe o que é viver “sem trato com pessoa alguma...”

Ora, a verdade é que este retrahimento significa apenas que a vida social dos colonisadores do Brasil se está organisando, differenciando, e adquirindo uma physionomia propria, perfectamente incomprehendida, por inédita, aos portuguezes. O que o Conde de Cunha chama “casar-se mal” não é, talvez, sinão o casar-se com pessoa sem nobreza, a ligação do luso nobre com o elemento não nobre, mais rico e rural, do paiz.

Essa ligação, essa alliança, essa fusão dos nobres vindos d'além-mar com os nossos fzeideiros do



interior, prova quanto a obra de adaptação rural, de *conformismo rural*, — em uma palavra, a obra da ruralização da população colonial, durante o III seculo, é rápida, vasta, profunda. Sente-se que o nosso typo do homem rural, — *homo rusticus* —, com os caracteristicos com que o conhecemos hoje, já se vai modelando por esse tempo, e diferenciando-se cada vez mais do typo peninsular originario. — De maneira que nada ha a admirar ao vê-lo surgir, um pouco mais tarde, já no IV seculo, depois da independencia nacional, no governo do paiz, com a sua physionomia inconfundivel e propria.

Mas, desse empobrecimento e quéda da nobreza colonial não ha só o testemunho valioso do Conde de Cunha. Ha tambem o precioso testemunho do meticuloso Antonil, que plenamente o confirma. Modela Antonil o seu quadro pelo viver dos senhores do norte; mas, a consonancia da sua descripção com a do vice-rey, mostra a generalidade do phenomeno na época colonial.

— “Cavillos de respeito mais do que bastam — pondera elle — chameleiros, trombeteiros, tangedores, e lacaios mimosos, não servem para ajuntar fazenda, mas para diminuil-a em pouco tempo com obrigações e empenhos. E muito menos servem as recreações ameudadas, os convites superfluos, as galas, as serpentinas, e o jogo. Por este caminho alguns, em poucos annos, do estado de senhores ricos, chegaram ao de pobres e arrastados lavradores, sem terem o que dar de dote ás filhas, nem modo de encaminhar honestamente os filhos”.

— E' este irremediavel antagonismo entre a vida urbana e a vida rural, que acaba por dar, afinal, victoria á tendencia centrifuga, — propria ao meio americano. E' elle que impelle, pouco a pouco, como se vê, a nossa aristocracia colonial para o isolamento dos engenhos, para a vida rustica e tranquillada das fazendas e dos campos de criação. No sul principalmente, os grandes dominios cafeeiros de S. Paulo, as grandes fazendas cerealiferas de Minas, os grandes engenhos assucareiros do Rio de Janeiro estabelecem a preponderancia definitiva do regimen agricola sobre o pastoril e, impondo, de uma mneira absoluta, a residencia local, não permitem mais o absenteismo.



Esta dispersão da nobreza colonial pelo interior rural é vigorosamente intensificada pela collaboração de outros agentes possantes de centrifugismo urbano. E', primeiro, a penetração dos sertões, em busca dos indios. E', depois, a expansão pastoril nos planaltos. E', por fim, a conquista das minas. — Tudo isto concorre poderosamente para deslocar e dispersar a população para fóra da periphéria das cidades e das circumvisinhanças dos centros urbanos.

Os proprios nucleos mineradores, formados em torno ás explorações auríferas, e tão vivazes, e compactos, e populosos, exhibindo um aspecto sensivelmente urbano, têm todos elles, como é sabido, uma existencia ephemera. Extincta a febre da mineração, exgottadas as "catas", morrem de inanição, e desapparecem de todo, absorvidos rapidamente pelo oceano rural.

IV

Essa forçada internação da alta classe da colonia nas fazendas e campos do *hinterland* exerce, por seu turno, uma influencia considerabilissima sobre o destino de todos esses elementos de pura extracção fidalga, que a compõem, e que vemos illuminar com as suas sumptuosidades e grandezas a nossa rude barbaria colonial. Elles tendem a desaparecer, á medida que avançamos do I para o II, do II para o III seculos, através de um rapido e vigoroso processo de selecção, exercida num sentido democratico.

Esta é, pelo menos, a impressão synthetica, que se tem, lendo-se, com attenção, as paginas da *Nobiliarchia paulistana*, e acompanhando-se cuidadosamente o desdobramento das suas varias genealogias pelos tempos em fóra. Porque, realmente, á proporção que nos approximamos dos fins do II seculo, sentimos que as grandes casas paulistas vão perdendo progressivamente aquelles altivos costados aristocraticos, em que ellas fundamentam o seu orgulho e a sua soberba; e a pureza do sangue; e o lustre; e os titulos; e os brazões das suas linhagens. Com o expandir das grandes familias pelo interior, com o seu ramificar crescente, com a sua multiplicação em novas familias



frondejantes, os elementos puramente fidalgos, que lhes constituem, a principio, o nucleo central, como que se vão dissolvendo, — e se esvanecem.

Destas novas familias, diffusas pelo vasto ecumeno rural, os troncos formadores já não são mais, como nos primeiros tempos, exemplares, authenticos e sem mescla, de fidalguia; muito ao contrario, o que se deprehe de das discriminações genealogicas de Tacques, é que são figuras mais ou menos obscuras, sem nobreza de sangue, sem tradições aristocraticas, ás vezes, mesmo sem o *cursus honorum* das magistraturas locaes. Quer dizer: genuinos representantes dessa pequena nobreza rural, que vemos formar-se, e crescer, e prosperar ao lado da grande nobreza.

Eis porque estas tradições de urbanismo e sumptuosidades, tão vicejantes no I e no II seculos, desapparecem. E' que a internação, cada vez mais profunda, da população nos sertões do *hinterland*, pouco a pouco, as elimina dos costumes.

Familias ha, por certo, que, fiéis aos seus instinctos aristocraticos e voluptuarios, resistem a esta geral transformação, e levam para o interior das fazendas, e ahi conservam com orgulho, os remanescentes dessas brilhantes tradições de opulencia e conforto, em que se educaram e viveram os seus nobres antepassados. Dahi essa serie de solares luxuosos, que vemos esmaltar, com a sua riqueza e imponencia, o interior do Rio, de Minas e de S. Paulo, no periodo imperial.

Fóra dahi, porém, exceptuada essa pequena minoria de fidalgos de instincto, a nossa nobreza territorial apresenta-se, durante o IV seculo, perfeitamente rural na sua quasi totalidade, pelos habitos, pelos costumes e, principalmente, pelo espirito e pelo character. Das tradições da antiga nobreza peninsular nada lhes resta, senão o culto cavalheiresco da familia e da honra. Pelo menos, a descripção dos interiores paulistas e mineiros, feita por Saint-Hilaire, nos principios do IV seculo, é a menos indicativa da existencia de habitos de conforto e de luxo entre a nossa aristocracia rural. Muito mais expressivas sobre este ponto são as referencias de Koster á riqueza e aos habitos mundanos da gente alta de Pernambuco.



Esta obra de *ruralisação* da população colonial dura seguramente tres seculos, e só está completa e integralizada no IV. Quando se faz a independencia, o elemento authenticamente fidalgo já rareia na sociedade e no governo. Nos dous imperios, os elementos dominantes na politica e na côrte são já, como veremos, na sua quasi unanimidade, homens de pura formação rural. (11)

V

Dissemos que no IV seculo a população brasileira está completamente ruralizada. Realmente, esta necessidade forçada da presença permanente no latifundio agricola acaba gerando, no seio da sociedade colonial, um estado de espirito, em que o viver rural não é mais uma sorte de provação ou de exilio para a alta classe, como outr'ora; mas, um signal mesmo de existencia nobre, uma prova até de distincção e importancia. O que nos primeiros seculos era aceito sómente pela pressão invencivel das circumstancias, passa neste seculo a ser querido, procurado, estimado, como fonte de prazer e de encantos. Facto este, que vale como uma esplendida verificação daquelle conceito profundo de Tarde, quando affirma que qualquer sentimento social só se forma e propaga quando se faz socialmente util. (12)

Com effeito, ao alvorecer do IV seculo, o sentimento da vida rural está perfeitamente fixado na psychologia da sociedade brasileira: a vida dos campos, a residencia nas fazendas, a fruição do seu bucolismo e da sua tranquillidade, se torna uma predilecção dominante da collectividade. Todas as pessoas capazes de posição procuram preferencialmente a roça.

No Rio, a sua nata social, no III como no IV seculo, vive no retiro das bellas chacaras afazendadas, por estes recantos umbrosos, por onde se estende actualmente a casaria de nossos bairros e suburbios. (13). Tão grande é a attracção

(11) — v. cap. II sobre: — **Preponderancia do typo rural.**

(12) — Tarde — **Logique sociale**, pag. 304.

(13) — Felisbello Freire — **A cidade antiga, passim.**



pelo campo, que estrangeiros illustres, que aqui chegam nos começos do seculo IV, por ella se deixam levar, numa irresistivel seducção. Chamberlain, consul inglez, explora uma fazenda de café um pouco adiante do actual aqueducto da Carioca. O seu collega russo, Landsdorff, cultiva, por sua vez, na Raiz da Serra, uma fazenda de cereaes. (14)

Em S. Paulo é sensivel o aspecto rural, mesmo na capital. Martius encontra alli uma vida perfeitamente patriarchal; nas residencias urbanas — ao contrario do que assistimos no II ou no III seculo — domina, segundo elle, a mais absoluta ausencia de conforto e de luxo. Tudo o que alli se lhe depara denuncia, na essencia, “uma collectividade agricola”. (15). Debalde se procuraria alli as velhas grandezas aristocraticas do tempo de Guilherme Pompeu.

Em Minas, segundo ainda os mesmos observadores, os nucleos urbanos são um pouco mais vivazes, é verdade; mas, é manifesta a sua transição para uma phase agricola e pastoril preponderante. (16)

Esse profundo character rural da nossa população dá-nos a razão da pouca importancia demographica dos centros urbanos, ao sul. Nos começos do IV seculo, S. João d’El-Rey conta apenas 6.000 hab.; Villa Rica não é mais do que a sombra da sua antiga grandeza; Barbacena e Marianna — outr’ora, rumorosas e brilhantes cidades—são agora povoações secundarias e sem vulto. S. Paulo tem sómente 20.000 habitantes. Já na época da chegada da familia imperial, o proprio Rio é uma “mesquinha séde de monarchia”. Em 1808, conta 60.000 hab.; em 1820, cerca de 80.000; e é uma aldeia desolante... (17)

Sómente o amor do campo, sómente a seducção rural, sómente uma forte predilecção pela vida agricola, poderia produzir essa profunda anemia dos centros urbanos, em tamanho contraste com a vitalidade que exhibiam um ou dous seculos antes. Em 1820, pelo que nos conta Saint Hilaire, essa seducção pelo campo é enorme e dominante:

(14) — Oliveira Lima — **D. João VI**, pag. 1

(15) — Oliveira Lima — **obr. cit.**, pag. 131.

(16) — Oliveira Lima — **obr. cit.**, pag. 126.

(17) — Oliveira Lima — **obr. cit.**



— “La possession d’une sucrerie, établit parmi les cultivateurs de Rio de Janeiro — diz elle, falando do interior fluminense — une sorte de noblesse. On ne parle qu’avec consideration d’un “senhor de engenho”, et le devenir est l’ambition de tous. Un “senhor de engenho” a ordinairement un emboinpoint qui prouve qu’il se nourrit bien et travaille peu. Il se regorge, tient la tête élevée et parle avec cette voix forte, ce ton imperieux qui indique l’homme accoutumé a commander un grand nombre d’esclaves”. (18)

Este trecho de Saint Hilaire nos deixa vêr claramente que, na sociedade colonial do primeiro quartel do IV seculo, a ambição preponderante é a posse de um fundo agricola, o senhorio de um grande dominio rural. Tornar-se senhor de fazenda, proprietario territorial, grande feudatario assuacareiro, é o desejo geral: *et le devenir est l’ambitiôn de tous*.

Não é mais, então, o goso dos encantos urbanos, a vida folgada e divertida das cidades, como nos dous primeiros seculos, o que se procura; já agora todos querem viver no campo a existencia larga e luminosa das estancias e dos engenhos. O objecto das preferencias sociaes não é mais, como no I ou no II seculo, o luxo das sêdas e dos salões; é já o dominio rural com os seus gados, os seus cannaviaes, os seus cafezaes, os seus engenhos, e a sua escravaria numerosa.

— “O brasileiro que pôde — diz Tavares Bastos — é agricultor; vai exercer a unica verdadeiramente nobre profissão da terra. Os empregos servis, elle os pospõe. Esse é o orgulho nacional. Recordai-vos dos ares senhoris e certas maneiras fidalgas do grande proprietario: eis o typo brasileiro rico. Exprimo o pensamento de muitos observadores”. (19).

Dahi o traço fundamental da nossa psychologia nacional. Isto é, pelos costumes, pelas maneiras, — em summa, pela feição mais intima do seu character, o brasileiro é sempre, sempre se revela, sempre se affirma um homem de campo, á maneira antiga. O instincto urbano não está na sua indole; nem as maneiras e os habitos urbanos.

(18) — Saint-Hilaire — *Voyages au Rio Grande du Sud*, pag. 497.

(19) — Tavares Bastos — *Cartas de um solitario*, pag. 215.

(20) — Demolins — *La supériorité des anglo-saxons*.

Esta indissimulavel vocação rural do brasileiro não terá talvez a energia da vocação rural do saxão puro, o homem de pura formação particularista (20); mas, é muito superior á do romano antigo. Este é principalmente um urbano; não vai ao campo esnã em villegiatura (21). Os magnatas dos engenhos, ao contrario, não vêm as cidades e as villas senão em recreio, ou para negocios: a sua vida se passa, na maior parte, no pleno isolamento das fazendas.

E', pois, erro, e grande erro, dizer-se que o que os attráe para o campo, e ahi os prende, é apenas e simplesmente um fito commercial, isto é, a ambição material de explorar industrialmente a terra (22). Tambem, e principalmente, os prendem e fixam no campo as bellezas e as doçuras da vida rural, bem como a importancia social decorrente da posse de grandes fundações agricolas.

Este temperamento fundamentalmente rural é de pura formação americana, oriundo da acção combinada de varias particularidades nossas, particularidade do nosso meio e da nossa historia. Os luzos, que nos colonisam, não o possuem, — pelo menos, com a nitida e exclusiva feição que nos é propria. Sendo, a um tempo, uma raça duplamente dotada com aptidões para o commercio e para lavoura, isto é, sendo, a um tempo, commerciantes e colonos, não são organicamente nem uma, nem outra cousa, — nem puros commerciantes, á maneira dos phenicios e judeus, nem puros colonos, á feição dos povos de formação particularista; o que faz com que a sua vida oscille entre uma dupla polaridade, a dos campos e das cidades. Das suas aldeias trazem certas tradições de vizinham e urbanismo, explicaveis alli pelo seu regimen de

(21) — H. de Tourville — *Hist. de la formation particulariste*, pag. 145-6.

(22) — Este é, de um certo modo, o pensameto de Sylvio Romero e de Alberto Torres. Em ambos esses pensadores, porém, a visão do phenomeno é dominada pela impressão da exploração da terra nos primeiros seculos. Elles não quizeram ponderar o silencioso e obscuro trabalho das forças interiores de adaptação e conformismo, cujos effeitos esparsos e locais, só se totalisam e se tornam visiveis no IV seculo. Por outro lado, essa tendencia para as cidades, esse centripetismo urbano, tão sensível hoje, e que Sylvio, deixando-se influenciar demasiado pela escola de La Play, julga ser uma característica do nosso povo, é, ao contrario, um facto recente, que data de 88, quando se desorganisa a nossa vida agricola e se desmantela a nossa nobreza territorial.



pequena propriedade e pela natureza do seu trabalho agrícola, que é quasi uma jardinagem. Estas tradições dissolvem-se, porém, aos poucos, transportadas para aqui, e perdem-se totalmente, á medida que augmenta a nossa penetração pelo interior. Dahi o typo differencial do brasileiro, do “natural da terra”, surgir com um caracter essencialmente rural.

— Em synthese: expansão pastoril, expansão agrícola, expansão mineradora, e, por fim, emersão, no IV seculo, do latifundio cafeeiro nos planaltos —, tudo isto acaba por fazer prevalecer em nossa sociedade meridional sobre o typo peninsular e europeu do “homem urbano” ou do colono “semi-urbano”, o typo especificamente nacional do “homem do campo”, cujo supremo representante é — o fazendeiro.

VI

Este possante senhor de latifundios e escravos, obscurecido longamente, como acabamos de vêr, no interior dos sertões, entregue aos seus pacificos labores agrícolas e á vida estreita das nossas pequenas municipalidades colonias, — sómente depois da transmigração da familia imperial, ou melhor, sómente depois da independencia nacional, desce das suas solidões ruraes para, expulso o luzo dominador, dirigir o paiz. (23).

F. J. OLIVEIRA VIANNA.

(23) — V. cap. proximo: — **Preponderancia do typo rural.**



O PROBLEMA DO TRANSPORTE MARITIMO

O problema do transporte marítimo no Brasil assume cada dia uma feição mais grave e se apresenta cada dia mais insolúvel.

Na França uma das inferioridades reconhecidas da marinha nacional é a legislação que impõe a obrigação de compôr a equipagem com tres quartos ao menos de marinheiros francezes, de onde resulta um monopólio de facto para estes, monopólio que se traduz por exigencias cada dia maiores, salarios mais elevados, alimentação mais abundante e menos tempo de trabalho, com a consequente necessidade de maior numero de homens a bordo. E' o que vem succedendo exactamente entre nós.

Aliás esse monopólio dos marinheiros francezes vinha provocando os mais vivos protestos, porque, syndicados em associações, elles já chegaram a suspender a navegação entre a França e a Algeria, cujos portos estão sujeitos ao monopólio da cabotagem.

Por isso o frete na França é muito mais caro normalmente que nos outros paizes visinhos, com enorme prejuizo para o commercio francez.

Entre nós a situação vai-se caracterisando cada dia mais grave.

As exigencias por parte dos marinheiros nacionaes crescem dia a dia. Senhores da situação em virtude do monopólio das empresas nacionaes, unicas que podem fazer o commercio de cabotagem, não ha limite para as exigencias dos ma-



rinheiros nacionaes. Como consequencia, o frete que é função dos elementos de custeio, forçosamente terá que subir consideravelmente.

E assim nós vemos grande numero de portos brasileiros completamente abandonados, em que se acumulam as mercadorias inutilmente á espera de vehiculos que as transportem. E assim nós vemos innumeradas lavouras que perecem ou que deixam de se desenvolver porque o frete as impossibilita de subsistirem. E o que se dá com as lavouras, dá-se tambem com o trabalho industrial no Brasil inteiro.

E' uma situação que perdura insolúvel eternamente graças á legislação actual.

Ha 14 annos, na mensagem presidencial de 1903, dizia o então presidente da Republica:

“A restricção aos navios nacionaes da navegação de cabotagem, como preceito que, por constitucional, não comporta as modificações que cada situação commercial reclame, acarretou para as classes productoras difficuldades e embaraços que o tempo já teria permittido attenuar grandemente, si a crise que a nação atravessa não lhe tivesse consumido os elementos que facilitariam á iniciativa privada o augmento da nossa frota mercante”.

Na mensagem de Maio de 1906 externava-se o chefe de Estado:

“O serviço de cabotagem continu'a a fazer-se defeituosamente e assim perdurará, até que haja material sufficiente e apropriado para as necessidades crescentes do movimento commercial entre os portos nacionaes”.

Na de 1907 dizia-se ainda:

“A situação da nossa navegação costeira mantem-se precaria, apesar da concessão a outras empresas dos mesmos favores de que tem gosado o Lloyd Brasileiro, excepto a subvenção, e do augmento da frota a ella destinada”.

Na de 1908 dizia o Presidente da Republica:

“A situação da nossa navegação costeira não é lisongeira, apesar da concessão a varias empresas dos mesmos favores de que tem gosado o Lloyd Brasileiro, excepto a subvenção, e do augmento de algumas unidades da frota a ella destinada. *Os capitaes nacionaes, encontrando melhor remun-*



neração na exploração de outras industrias, com difficuldade se empregam na dos transportes maritimos, e dahi o pequeno incremento da nossa marinha mercante, não obstante as medidas protectoras que lhe têm sido dispensadas”.

E', pois, positivamente um problema insolúvel dentro da legislação actual.

Tem-se dado no Brasil phenomeno identico ao observado nos Estados Unidos: a protecção á marinha mercante brasileira tem servido para atrophiar e impedir o desenvolvimento da navegação nacional, entorpecendo toda a enorme série de transacções de porto a porto nacional, de Estado a Estado.

Ainda em 1907 dizia a Associação Commercial da Bahia, em representação ao Governo Federal: “Vêm de longe as difficuldades causadas pela navegação costeira ao commercio, lavoura e industria do nosso paiz, sendo a sua principal origem a lei de 11 de Novembro de 1892, que instituiu, embora com intuitos de reconhecido patriotismo, o monopolio da cabotagem para a navegação exclusivamente nacional, que era áquelle tempo, e ainda hoje é, insufficiente á expansão commercial do nosso vastissimo littoral”.

Isso era em 1907. Actualmente a situação se tornou muito mais grave, muito mais angustiosa. Actualmente os navios nacionaes têm sido empregados no commercio internacional, havendo abandonado muitos portos do paiz quasi por completo.

No Amazonas e no Pará accumulam-se os productos nacionaes sem encontrarem vehiculo maritimo que lhes dê escoamento.

A Associação Commercial do Piauhy dizia ha pouco, dirigindo-se á Federação das Associações Commerciaes: “A situação angustiosa do commercio do Piauhy, impossibilitado de transportar os seus productos em consequencia da suspensão das viagens dos navios estrangeiros ao porto de Tutoya, obriga-nos a pedir a vossa intervenção urgente perante o Governo Federal, no sentido de conseguir que os vapores do Lloyd Brasileiro, da linha da America do Norte, *toquem uma vez ao menos por mez no referido porto*”.

Da mesma forma no Rio Grande do Sul, em Santa Catharina, no Paraná, accumulam-se nos respectivos portos



mercadorias que não encontram vehiculo que as transportem para outros portos de destino. E note-se que quando por acaso ha transporte esse é o peor possivel, não só na careza dos fretes respectivos como nas condições offerecidas pelos navios.

Demais, em tal situação, aproveitando-se dos lucros que lhes advieram de circumstancias assim anormaes, as nossas empresas de navegação cuidavam de alienar as melhores uni-dades de suas frotas, certas de que os seus lucros actuaes só perdurarão emquanto não findar a guerra.

Finda a guerra européa, sem duvida decahirão os lucros momentaneamente obtidos pelas empresas nacionaes, graças ao desaparecimento dos navios estrangeiros. Além disso se aggravarão certamente as despesas de custeio com as novas exigencias sempre crescentes dos marinheiros nacionaes.

Ha, pois, necessidade de mudar radicalmente a legisla-ção que nos rege no assumpto. Não podia ser maior o fracasso da politica que nos tem orientado nessa materia, como não podiam ser mais desastrosas as consequencias que ella tem produzido na vida nacional.

O monopolio que a Constituição e a legislação republicana conferiram á marinha mercante nacional, relativamente ao serviço de transporte entre os portos do paiz, tem tido como consequencia o atrophamento e a desorganisação completa do commercio littoraneo, entre os differentes Estados e portos nacionaes.

Toda a industria monopolisada evidentemente fica com a faculdade sem pêas de elevar os preços dos seus serviços, desde que se não acha sujeita á concorrência, que é o unico factor efficaz contra essa elevação. Todo aquelle que monopo-lisa eleva os preços tanto quanto possivel.

Na hypothese occorrente a elevação dos preços de trans-porte não só tem prejudicado todas as industrias cujos pro-ductos dependem da cabotagem, como tambem não tem sequer favorecido o desenvolvimento da marinha mercante nacio-nal. Esta se mostra cada vez mais insufficiente ás necessida-des do commercio nacional. Não temos estaleiros de cons-trucção naval, de maneira que a protecção por nós conferida



é apenas ridícula, porque protege uma industria nacional no rotulo, pois todos os navios da marinha mercante nacional são de construcção estrangeira.

O regimen monarchico já havia resolvido sabiamente o problema, decretando a liberdade de cabotagem, num acto acertadissimo.

Referindo-se a esse acto diz o Visconde de Ouro Preto:

“Applaudiu-o a nação inteira, pois comprehendeu que permittindo a multiplicidade e barateza de transportes movimentar valores até então inertes, ociosos ou perdidos, avultariam as transacções mercantis, com vantagem de todas as classes e do Estado, pelo accrescimento da receita, da qual maior quota seria possível reservar-se para a manutenção da marinha de guerra”.

“O problema a decidir, continu’o Ouro Preto, assim se formulava: — insufficiencia da marinha mercante brasileira para bem servir ao commercio costeiro; impossibilidade de desenvolver essa marinha quanto preciso, sem sacrificios que não comportava o Thesouro; necessidade urgente de fomentar aquelle commercio. A solução offerecia-se naturalmente: — admittir o concurso dos navios estrangeiros, que affluem numerosos onde quer que haja carregamento e passageiros a tomar”.

Desde que o Estado ou Governo não pode ser obrigado a manter a expensas suas marinha mercante, ao lado da de guerra, — não ha senão abrir mão do privilegio da cabotagem conferido aos navios nacionaes, organisando-se um outro systema de protecção que não seja tão formidavelmente lesivo dos supremos interesses nacionaes consistentes na producção agricola e industrial, cuja expansão não exige senão frete barato e transporte facil e frequente.

Na facilidade do transporte reside o principal elemento da civilisação.

A civilisação surgiu nas margens do Mediterraneo em consequencia das facilidades que esse enorme mar interior offerecia á navegação, pela tranquillidade das suas aguas, pela multidão das suas ilhas, pela proximidade das praias que o cercam, o que facilitava o transporte mesmo quando não



existia a bussola nem as perfeições a que attingiu a arte da construcção naval.

Entretanto a legislação brasileira não faz senão crear difficuldades e complicações em materia de transporte maritimo.

Com a multiplicidade de producções e de climas que possuímos, logicamente o trabalho economico no Brasil poderia diversificar-se e tornar-se extremamente diferenciado nas varias regiões e zonas nacionaes, com o augmento consequente do trafego interno de Estado a Estado, de porto a porto, de região a região. Entretanto, pela careza do frete, pela escassez dos vehiculos de transporte maritimo, cada vez são mais difficeis as relações commerciaes dos Estados entre si, separados cada vez mais profundamente pelas barreiras consistentes nos altos fretes e na deficiencia dos navios.

Em consequencia da falta de navios e careza dos fretes, a producção nacional estiola-se, a riqueza perece, as terras desvalorizam-se, o desanimo, o desalento, a inercia dominam a nossa população.

Multipliquem-se, porém, os meios de transportes, abai-xem-se os fretes, e, como consequencia, surgirão por toda a parte as culturas novas, as terras se valorisarão, a riqueza se espalhará por todo o paiz, com a expansão da cultura e da civilisação.

O brasileiro precisa produzir e não pode produzir por falta de transporte.

A exportação por habitante no Brasil é hoje dez vezes menor que na Argentina. Um argentino exporta dez vezes mais que um brasileiro. Por isso a prosperidade extraordinaria da Argentina, a valorisação colossal das suas terras, a expansão da sua civilisação.

No Brasil nós não podemos produzir porque as leis não permitem, porque não temos transporte, porque os fretes nos asphyxiam, porque os impostos nos escorcham.

Entretanto dizia Bryce:

“Considerado o Brasil no seu todo, nenhum paiz no mundo, habitado por uma raça européa, possui uma tão grande extensão de terras aproveitaveis para a subsistencia humana



e para o trabalho productivo. Nos Estados Unidos ha extensas regiões occupadas por desertos arenosos e na Russia igualmente se encontram em maior parte desertos e terras inhospitas. Mas aos portuguezes do Brasil a natureza nada deu que o homem não possa utilizar para qualquer fim. Um tal dominio era mais que sufficiente para compensar o pequeno reino da perda do Imperio que elle começou a edificar na India no século XVI, antes que surgissem os desastrosos dias que se seguiram á morte do Rei Sebastião”.

MARIO PINTO SERVA.



O MEU PROFESSORADO EM HARVARD

(Conferencia feita na Faculdade de Direito do Recife por occasião da posse da directoria do Centro Academico, a 3 de Maio de 1917).

O Centro Academico da Faculdade de Direito de Pernambuco manifestou o amavel desejo de que eu me occupasse n'uma das suas reuniões de um assumpto que o pudesse interessar, e concordamos em que porventura o interessaria o meu recente semestre academico nos Estados-Unidos. Os professores brasileiros no estrangeiro são raros, mais raros mesmo do que os professores estrangeiros no Brasil, e penso haver eu sido o primeiro brasileiro a occupar n'uma Universidade americana uma cadeira de professor, eleito pela congregação e confirmado pelos *trustees* ou junta directiva para o periodo de um anno.

Não se tratava d'esta vez de conferencias como as que realizei na Sorbonne, na Universidade de Lovaina e em doze das principaes Universidades americanas. Taes conferencias eram livres: não faziam parte integrante do programma lectivo; não constituíam um curso. Deviam ser consideradas como accessorias do ensino e a frequencia dos alumnos era de todo facultativa. A cadeira de historia e economia da America do Sul que eu fui chamado a inaugurar em Harvard não se acha, porém, no mesmo caso. E' uma das cadeiras que compõem o departamento de historia, e o alumno, ao organizar o seu *curriculum*, pôde escolhel-a de preferencia a outra, si



entende que ella está mais de accôrdo com seus gostos intellectuaes ou com as exigencias da illustração do seu espirito.

Em varias Universidades americanas funcçionam hoje cadeiras de historia da America Latina. Em Stanford ha uma regida pelo professor Martin, o qual está presentemente escrevendo uma historia do Brasil; em Urbana, no Estado de Illinois, outra, regida pelo professor Robertson, auctor, entre outros trabalhos, de um livro excellente sobre Miranda, e que acaba de visitar a America do Sul; em Columbia, na cidade de Nova York, rege cadeira identica o professor Sheperd, conhecido como uma das primeiras auctoridades n'estes estudos nos quaes foi pioneiro; em Yale, que é a Universidade rival de Harvard, professa o distincto escriptor Bingham, cujas explorações archeologicas e ethnographicas no Perú são notaveis, e que n'um opusculo celebre demonstrou a inanidade da doutrina de Monroe segundo a encaram muitos dos seus compatriotas. Não me demorarei em enumerar toda a lista.

Porque fui chamado a reger semelhante cadeira, quando são tantos dados a esses estudos e no caso de expol-os com mais traquejo e proficiencia do que eu? Simplesmente porque a Universidade de Harvard, a mais antiga dos Estados-Unidos, fundada no seculo XVII pelo legado de um medico da Nova Inglaterra, deseja converter-se quanto possivel n'um centro cosmopolita de saber, dahi derivando experiencia e irradiando influencia. Com relação á referida cadeira, sua idéa é vel-a occupada cada anno por um intellectual latino-americano, mais identificado cada um d'elles com as instituições do seu paiz, que são o fructo do seu desenvolvimento historico.

Todos os annos professorés estrangeiros alli vão de varias partes levar o ensino das suas especialidades. Ao mesmo tempo que eu discorria sôbre as cousas da America do Sul, um professor belga, da Universidade de Lovaina, tratava da philosophia escolastica, e outro professor, japonéz, da Universidade de Pekim, explicava a philosophia ou antes a moral confuciana. Antes da guerra, quando o mundo andava mais ou menos regulado, havia até troca constante, annual, de professores entre a Universidade de Harvard e certas Universidades europeas, como as de Berlim e de Paris. Este



uso, que os meios universitarios norte-americanos desejariam estender ás Universidades sul-americanas, para mais estreitar os laços entre os dous continentes, traz vantagens para o melhor conhecimento dos intellectuaes entre si, mas sua execução não é facil nem representa uma panacéa.

Em primeiro lugar é indispensavel que os professores permutados fallem respectivamente a lingua do paiz aonde vão leccionar, sob pena de ser infructifera sua actividade docente: fallem a lingua e conheçam alguma cousa da psychologia dos seus alumnos, a saber, da sua nacionalidade, porque o ensino, para ser fecundo, tem que ser adaptado a cada povo. Não penso aliás que da permuta só por si possam resultar beneficios extraordinarios.

Os professores americanos destacados para Berlim foram tratados com distincções singulares. O Imperador os recebia á sua mesa e os condecorou, e á Universidade de Harvard fez elle o presente de um Museu Germanico. Não ficaram por isso os professores mais allemães de coração. Quando rompeu a guerra, Harvard salientou-se como um centro vehementemente anglophilo, e os professores de patria ou ascendencia teutonica, que não são poucos alli, porque a sciencia é em boa parte allemã, passaram suas tribulações. Velhas amizades foram cortadas; camaradas tornaram-se inimigos ou pelo menos indifferentes, e houve quem chegasse a querer excluir das suas cadeiras os mestres allemães.

O presidente da Universidade, que é no emtanto muito amigo dos inglezes, n'esse ponto reagiu e negou-se a praticar tal arbitrariedade, mesmo a respeito do professor Munstemberg, de psychologia, o qual se tornára notorio pela virulencia das suas polemicas. A morte foi quem o excluiu, e Harvard acaba de receber de um grupo de allemães a doação da rica bibliotheca do eminente cientista, para ser conservada em memoria "dos seus serviços á Universidade e aos Estados-Unidos".

Taes manifestações anglophilas, francophilas, russophilas, germanophilas e quejandas, confinaram-se aos professores: não se estenderam aos estudantes. Estes, nos Estados-Unidos, não costumam manifestar-se em politica. Na crise actual alguns, fanaticos pela França, foram alistar-se e pe-



gar em armas contra os allemães, sem se interromper com isso a boa ordem academica. Mesmo depois de declarada a guerra entre os dous paizes, não tenho visto nos jornaes americanos outras demonstrações dos estudantes além da assiduidade nos exercicios militares que entraram a fazer parte dos programmas universitarios e que são tanto mais bem vindos quanto, representando um desporto, abonam faltas nas aulas.

O estudante americano reparte o seu tempo entre o preparo do seu curso e o atletismo; em rigor deve dizer-se que reparte o seu tempo em trez, e que a terceira fracção é a mais agradável. Cada estudante tem a sua namorada, o seu *flirt*, e o *flirt* consome tempo. Não é por um sentimento maior de disciplina, comparado por exemplo com o estudante francez, que o seu collega americano se abstem de intervenções que considera fóra da esphera das suas preocupações: é mesmo porque sua idiosyncrasia é assim. Pelo que se passa no estrangeiro elle nutre de ordinario, ao memo tempo que certa curiosidade, bastante indifferença. Creio que até tratando-se de uma guerra — na qual, já se sabe, não estejam mettidos os Estados-Unidos porque então fallará naturalmente mais alto o sentimento patriotico — não haveria feito militar que lhe provocasse o enthusiasmo que suscita o torneio annual de *foot-ball* entre Harvard e Yale, o qual monopoliza a attenção de todo o paiz e attrai espectadores de todos os cantos da União.

Não sei de materia prima melhor do que aquella que constitue o estudante americano: é bem humorado, alegre, deferente, applicado. Tenho as mais vivas saudades do tempo passado com os meus discipulos de Harvard. Os professores nos Estados-Unidos tem muito mais trato com os seus alumnos do que os professores no Brasil. Começa porque, afóra as horas de classe, cada professor dedica uma a duas horas por semana a receber aquelles dos seus alumnos que o querem consultar sobre pontos de ensino: escolha da these, esclarecimento de uma passagem mais obscura da prelecção, indicação de obras a lêr para um determinado trabalho, etc.

A nova e esplendida livraria de Harvard facilita muito este serviço. E' um edificio que custou dous milhões de



dollares e foi doado pela Sra. Widener, cujo filho, que era um joven bibliophilo, falleceu no desastre do *Titanic*. No centro do enorme quadrilatero foi collocada, em sala especial, a bibliotheca do mallogrado rapaz, com seu retrato a oleo no lugar de honra. Uma somma destinada a tal fim permite pelos seus juroes que todas as mezas d'essa sala sejam diariamente enfeitadas de flôres frescas e das mais finas. No resto do edificio, além das salas de leitura, depositos de livros etc., existem accomodações bastantes para cada professor ter seu gabinete de trabalho, o total de uns 200, situado perto dos livros, cujo prompto accesso lhe convém: assim o professor de physica perto dos volumes da sua especialidade, o de historia idem e igualmente os outros. O professor tem apenas a obrigação de mobilar o gabinete á sua custa e ao seu gosto, e não se lhe consente que ponha cortina na porta, que é metade de vidro. Foi uma medida de fiscalisação que, até minha sahida de Harvard, permittira descobrir que o professor de historia das religiões fazia ás 5 horas o seu chá e passava em seguida por uma curta somneca. O escandalo não foi grande.

A convivencia entre professores e alumnos não se limita porém ás questões de ensino: dá-se no campo propriamente da sociabilidade, sem que entretanto a familiaridade venha deturpar esse intercurso. Aos sabbados á tarde as senhoras dos professores offerecem aos alumnos uma recepção, ou mais exactamente um chá, e aos domingos á noite a senhora do presidente da Universidade recebe-os nas suas salas. Os estudantes adquirem assim um traquejo mundano que d'outra forma lhes poderia faltar e que constitue um bom complemento da sua educação domestica. Talvez por isso seja o americano, como de facto é, o cavalheiro que melhor sabe tratar com senhoras, com um respeito que não é acanhamento e com uma naturalidade que não é petulancia.

Nos proprios clubs universitarios se encontram professores e alumnos. Não raro, depois da minha licção, que findava á 1 hora, vinha um dos meus discipulos convidar-me a lunchar com elle. Lá iam para o seu club, tomavamos uma refeição frugal — um bife ou uma costeleta, um naco



de queijo ou uma fructa e uma chicara de café — e passava-se n'isso meia hora de agradável palestra.

Onde comtudo me espantei de ver professores associados aos seus alumnos foi nas sessões de troça. Assisti a uma *iniciação* no club *Signet*, do qual aliás me fizeram socio e possuo a medalha. Uma duzia de candidatos a membros fazia n'essa noite suas provas, entre elles um filho do ex-Presidente Roosevelt. Depois de lida por cada um uma composição litteraria, em prosa ou verso, séria ou humoristica, passa-se á parte jocosa. A sala é posta ás escuras; illumina-a frouxamente a luz da lareira e os candidatos são trazidos um por um para responder ao mais comico dos interrogatorios e prestar juramentos disparatados. Dirigem-lhe perguntas absurdas a que elle tem de responder com espirito: ai d'elle si toma a cousa ao serio! Cai-lhe a faculdade em cima com uma vaia.

Os professores pareciam gosar tanto ou mais do divertimento que os alumnos. Lembro-me de que n'essa occasião estavam presentes o professor Coolidge, que é o chefe do departamento de historia e o director da bibliotheca, o homem talvez de mais prestigio na congregação de Harvard, e o professor Merriman, que é um athleta e um anglophilo exaltado, cuja casa está toda decorada de caricaturas contra os allemães — o que eu não deixava de repetir-lhe, quando lá ia, ser pouco caridoso.

Perguntar-me-heis talvez de que especie de alumnos se compunha a minha aula, o que os levára a alli se matricularem? Motivos varios. Alguns, levados pelo puro espirito scientifico. Citarei como exemplo um rapaz da Nova Orleans, de ascendencia hollandeza, que escreveu uma these excellente sobre as missões jesuiticas no Paraguay e que pensava ser de futuro professor de historia latino-americana ou professor na America Latina. Outros porque visavam fins mais praticos: pretendiam ganhar dinheiro na America do Sul ou com a America do Sul — si não fazem mal as musas aos doutores, muito menos mal lhes fazem os negocios — e desejavam conhecer alguma cousa do passado e das instituições do continente irmão. O commercio hoje em dia tornou-se uma cousa scientifica e todas essas no-

ções adquiridas pôdem representar uns tantos por cento de lucro a mais.

Tive entre os meus discipulos um naturalista que ia para a região do Roraima, onde convergem as fronteiras do Brasil, da Venezuela e da Guyana Ingleza, em excursão zoologica. Este rapaz era alumno da Universidade, mas já tinha seu emprego como ajudante de preparador no Museu. Certo numero d'aquelles moços pretendia entrar em exames para seguir a vida diplomatica e consular que lá, como aqui, seduz muito os jovens, proporcionando-lhes conhecer os paizes estrangeiros de um modo commodo. Um nosso conterraneo, de veia caustica, que reside em Pariz, chama a isso realizar o idéal de viver fóra do Brasil á custa d'elle: manda a verdade que se diga que o nosso alludido patricio poude elle proprio realizar esse idéal pela sorte no jogo da bolsa. Como os concursos nos Estados-Unidos não são tanto uma farça como n'outros paizes, os aspirantes a lugares na America Latina consideram avisado especializar-se a tempo. Antes de findar o curso, já um d'elles estava escolhido secretario particular pelo embaixador americano em Pariz, que é afinal de contas a verdadeira capital da America Latina.

Seja por isto ou por aquillo, o facto é que os meus discipulos estudavam bastante e que a applicação é a regra geral nas Universidades americanas. Em Harvard um alumno que não der boa conta de si, é excluido das aulas sem que lhe valham empenhos, si é que estes se movem, tão seguros estão do insuccesso da sua tentativa. Indaga-se primeiro qual a razão da insufficiencia manifestada — si defeito mental, si indolencia. Uma vez apurado o inquerito supprime-se o elemento de mau exemplo. Na minha aula tive dous que assim foram eliminados pelo voto da congregação, não por queixa minha — a nossa indulgencia nacional, n'alguns casos fraqueza, mas ás vezes tambem virtude, não m'o permittiria — mas por queixa de outros professores.

Fui ouvido a respeito, abstando-me, posso garantil-o, de carregar a mão sobre os ameaçados, um dos quaes, rapaz aliás de fortuna, era muito sympathico e si melhor copia não dava de si, era porque a intelligencia lhe não chegava para isso. A sorte encarregara-se de compensal-o do-



tando-o de bens, e não falta quem muito prefira ser rico a ser sabio.

Já estaes vendo que a vida academica nos Estados-Unidos não é uma pagodeira. Trabalha-se a valer. Cada mez realizam-se provas escriptas, acompanhando o adiantamento da classe, e no fim ha que redigir uma these, escolhida pelo alumno de uma lista assaz longa preparada pelo professor. Não ha inconveniente em que dous alumnos escolham a mesma these para tratá-la cada um ao seu modo. Eu propuz 80 theses, entre ellas as seguintes: Influencia de Las Casas sobre a legislação hespanhola concernente aos indios; Feições communistas do governo inca; O governo hollandez em Pernambuco; Estudo e explorações de Alexandre von Humboldt na America do Sul; A abolição da escravidão no Brasil; Garcia Moreno e a theocracia no Equador; Origem e desenvolvimento do pan-americanismo; O socialismo na Argentina; A doutrina de Drago; A America do Sul e a doutrina de Monroe; o saneamento da America do Sul; As relações diplomaticas entre os Estados-Unidos e o Brasil; Opulencia e queda da industria do guano; Industria do asphalto em Trinidad e Venezuela; Interesses economicos da Inglaterra, da Allemanha e da França na America do Sul; Valorisação do café no Brasil; Cotejo das Constituições argentina e norte-americana. Posso assegurar-vos que algumas d'essas theses foram excellentemente tratadas.

Nas provas escriptas parciaes o costume é formular trez ou quatro perguntas para serem respondidas durante a hora de aula. A Universidade fornece os cadernos em branco para isso. A ultima d'essas provas obedeceu ao programma seguinte:

- Indicar summariamente quem foram Miranda, Castilla, Mosquera, Guzman Blanco e Garcia Moreno;
- Apontar as causas das guerras de independencia e resumir a carreira ou de San Martin ou de Bolívar;
- Traçar a evolução politica do Chile no seculo XIX;
- Condensar o desenvolvimento do Brasil republicano.

Conservo como lembrança algumas d'essas provas que dão uma idéa optima do aproveitamento dos alumnos. Elles sabem sel-o como os professores sabem ser pro-



fessores. Estes, nos Estados-Unidos, devotam-se ás suas funcções pedagogicas. Os professores não são simultaneamente legisladores, empreiteiros de negocios ou outras cousas alheias á sua profissão. Caso queiram dedicar-se a um segundo genero de actividade, deixam o primeiro a quem o possa exercer sem partilha da sua attenção.

Não significa isto no emtanto que os professores americanos se alieiem da vida politica, ou mesmo das contendas que a compõem. São politicos no sentido mais largo, mais comprehensivo, mais elevado da palavra e o são tambem no sentido mais restricto, na accepção partidaria. Cada um d'elles pertence a uma das aggremações em que se divide politicamente a comunidade, mesmo porque não ha americano que não seja d'este ou d'aquelle partido. Votar é a ultima cousa que esse povo deixaria de fazer. Um americano poderá passar sem o jantar, mas não sem exercer o seu direito nas urnas. Por isso são os Estados-Unidos uma democracia no nome e de facto.

Entre os presidentes de Universidades e os mestres eminentes que em cada uma d'ellas se crearam uma justa reputação, vamos mesmo encontrar guias dos melhores do pensamento nacional. Estes porém consideram os negocios publicos de um plano superior, antes impessoal, onde logra porventura introduzir-se a paixão, inseparavel da natureza humana, mas d'onde se acha banido o vil interesse que torna caricatos, ao mesmo tempo que odiosos, surtos de eloquencia declamatoria e maligna como tantos que se exhibem no tablado das assembléas populares. E os presidentes que se aposentam, como ficam com mais tempo á sua disposição, mais conspicuos se tornam n'essa sua obra de evangelização social.

Assim o presidente emerito de Stanford, Dr. Jordan, não descança em prégar o pacifismo, do qual é discipulo convencido, por mais extraordinario que pareça haver ainda alguem que não preconize a guerra como a theurapetica por excellencia; o presidente emerito de Cornell, Andrew White, que foi embaixador em Petrogrado e em Berlim e delegado chefe á primeira conferencia da paz, dizia ha poucas semanas as cousas mais sensatas do mundo sobre



a consistencia moral da revolução russa, que povôa de tantas illusões a alma sempre ingenua dos crentes que se alimentam das doutrinas da Revolução Franceza; o presidente emerito Elliot, de Harvard, não cessa, muito embora octogenario como White, de tratar de quanto thema se suscita e provoca debate, movendo guerra diária ao alcoolismo, que já se diz será n'um futuro não remoto o eixo de uma campanha presidencial.

Sem excepção saem d'esses meios universitarios palavras dignas de ser ouvidas e discutidas, e ás vezes saem conceitos judiciosos como os não poderia produzir nenhum outro meio que não combinasse, como esse, a reflexão e a imaginação, a visão de conjuncto e o habito da analyse. A titulo de curiosidade vou repetir o que, já depois de rotas as relações entre o seu paiz e a Allemanha, quando se sabia imminente a guerra, dizia aos seus alumnos o presidente Hadley, da Universidade de Yale, a saber que o mundo carece tanto do concurso inglez como do allemão, e que o resultado d'esta guerra não deve ser o triumpho, nem do principio inglez, nem do allemão, mas sim a fusão de ambos n'um producto que sirva de modelo á humanidade. Eis as nobres palavras do grande educador:

“O ideal do inglez cifra-se no character; o do allemão na execução. O inglez deseja ser um homem entre os homens, governado tanto quanto possivel pela opinião publica. O allemão deseja ser uma parte efficiente de uma organização efficiente, contribuindo para que ella execute sua faina melhor do que até então o fizera qualquer outra organização. A guerra abriu-se entre esses dous typos e a licção a ser tirada d'esses annos terriveis é que as virtudes dos dous typos devem ser combinadas e não oppositas. Abandonado a si mesmo, o typo inglez tende a desenvolver-se com mais galhardia e lealdade do que intelligencia. Em identicas condições o typo allemão tende a alcançar seus objectivos immediatos intelligente e efficientemente, mas com o sacrificio d'esses habitos de cortezia e de ethica que são os fundamentos da civilização”.

Não entro na apreciação d'esses conceitos que se prestam a um debate interminavel: quiz apenas pôr em destaque o desassombro mental de quem os proferiu n'um mo-



mento em que se pretende fazer do povo germanico o inimigo irreconciliavel de todo o genero humano. Aliás a idéa que nos seus ultimos dias absorveu o cerebro audaz de Cecil Rhodes, o creador da Africa do Sul, personagem em que se reencarnou a alma dos conquistadores peninsulares do seculo XVI, de Cortez e de Albuquerque, era a da união da raça anglo-saxonica e da raça teutonica, a saber, da Inglaterra, dos Estados-Unidos e da Allemanha.

Tal união, sim, representaria o domínio do mundo, ou melhor dito, a partilha do mundo. O progresso, a civilização talvez lucrasse com ella — é esta a eterna justificação do predomínio das nações fortes — mas o nacionalismo, agora exultante, soffreria um golpe de morte... Porventura tem razão os que pensam que semelhantes abstrações nasceram com a triste sina de serem exploradas e desfazerem-se. Perdoai-me si ia resvalando para o terreno candente da politica internacional, que d'antes podia ser feita com intrigas, mas que hoje se está fazendo com violencias e infamias. O grito — crê ou morre! que consubstanciava a intolerancia das épocas chamadas de obscurantismo, é um grito que infelizmente não desapareceu do mundo, antes n'elle fez uma reaparição ruidosa. O lema do momento é: quem não está por nós é contra nós. E de accôrdo com elle se quer compellir quem tem consciencia a pactuar com as iniquidades e quem tem independencia a acompanhar a enxurrada demagogica, cujos caracteristicos são o desvario e o servilismo deante da força.

Não sacrificuemos, nem mesmo n'esta hora pavorosa, nos altares da intolerancia. Os Estados-Unidos estão em guerra com a Allemanha; durante dous annos se previu e se discutiu esta participação americana na conflagração universal por motivo da acção dos submarinos; existem na União 12 milhões de allemães e descendentes de allemães: entretanto não se deu alli conflicto algum como os que occorreram no Rio Grande do Sul e em São Paulo, e que estão longe de corresponder ao gráo de cultura de que esses Estados justamente se ufanam.

Os allemães que residem nos Estados-Unidos foram deixados em paz, entregues aos seus affazeres: si visassem, alguns d'elles, perturbar a ordem publica, a policia



então se encarregaria de os pôr a bom recato. Não foram lá internados milhares de civis innocentes e indefesos, brutalmente roubados ás suas occupações e ás suas familias, que deixavam a braços com a miseria, para serem levados para campos de concentração, onde se pôde bem imaginar qual seja o conforto, pelo méro facto de serem cidadãos de um paiz inimigo.

Recorreram a esta pratica sem discriminação as mais cultas nações da Europa do seculo XX, que nos seus livros de historia tanto infamam a Hespanha e Portugal porque ahi se queimavam outr'ora judeus simplesmente por serem judeus. Hoje perseguem-se criaturas humanas, são ellas condemnadas á tortura lenta da morte pela falta de agasalho, pela alimentação insufficiente, pelo desespero, apenas porque nasceram do outro lado de uma fronteira historica traçada muitas vezes em resultado de usurpações territoriaes, sem o menor respeito á famosa theoria das nacionalidades, e que portanto só engendrou rancores e só consagra odios. E estes rancores e estes odios são os que as potencias europeas querem agora transplantar, como si lhes não bastassem os seus continentes pejados de miserias, para este mundo novo, cujas nações se constituiram e organizaram por effeito de um bello movimento geral de emancipação, quando lhes chegou a hora da maioridade politica, e cujas fronteiras se regularam pela prioridade da occupação, pelo principio do *uti possidetis*, porque são o fructo de explorações e expedições que não apparecem por certo incruentas, visto que envolveram a escravidão e a anniquilação das tribus indigenas, mas ás quaes não devemos ajuntar luctas e remorsos alheios ao nosso desenvolvimento.

E' verdade que um dos nossos intellectuaes mais requintados e mais cosmopolitas, Joaquim Nabuco, disse que os americanos, isto é, todos os nascidos na America, teem a alma europeá. A asserção está-se tornando mais exacta do que elle proprio queria significar e podia prever, porque o seu espirito gentil não se referia senão ás cousas da intelligencia e não ás da bestialidade. Emquanto "alma europeá" significava alma de luz, de altruismo, de *sympathia* humana, como ella propria aspirava a definir-se, bom era



que a tivéssemos, animando a nossa gente para formar a qual concorreram tantos elementos, que a expressão de *mãe patria* passou a ter um valor todo relativo. Hoje porém que "alma européa" quer dizer alma de trevas, do egoísmo mais feroz, votada á destruição desápiada, melhor é que se forme uma alma americana composta de isenção e de bondade, que seja compassiva para com todas as dores, equanime para com todos os erros, generosa para com todas as faltas. N'ella residirá o espirito christão, que é o espirito stoico sobre que gottejou o orvalho divino da misericórdia.

O Brasil honrava-se da sua brandura, orgulhava-se da sua aversão ás soluções violentas. Para que tão brusca mudança como aquella para que alguns o querem impellir? Na nossa Constituição acha-se mesmo estampada em mais de um artigo essa preferencia pelas soluções pacificas. Exceptuam-se, é evidente, os casos de aggressão contra a nossa soberania, de violação do nosso territorio, de ameaça á nossa independencia ou á integridade nacional. Não se trata felizmente de nada d'isso na crise que nos confronta. Trata-se de uma questão de liberdade de commercio, de direitos de neutros, a que o estado europeu de guerra veio emprestar uma nota tragica.

Os que advogam nossa participação na guerra são os primeiros a dizer que afortunadamente estamos a coberto de qualquer ataque do inimigo em perspectiva, e que só podemos auferir lucros e não derivar perdas da nossa attitude bellicosa. A suggestão, como elles a concebem, abona mais a prudencia do que a coragem. A prudencia está porém, ao meu ver, em evitar uma contenda inutil, não em medir-lhe os ganhos possiveis realizados á sombra de outros, sob cuja protecção nos haveriamos de collocar.

Não carecemos, Deus seja louvado, de licções de patriotismo. Quando um destacamento naval francez desembarcou no Amapá e victimou compatriotas nossos alli estabelecidos, não declaramos guerra á França, antes conscios do nosso bom direito reprimimos nosso justo impeto e appellamos para o arbitramento, de que proveio a mais formosa e a mais importante das victorias diplomaticas de Rio Branco. Quando a affronta assumira outras propor-



ções, quando o territorio nacional, invadido pelos paraguayos, deixára de comportar sua integridade, não medimos os sacrificios e teriamos marchado sós para a lucta — que rematamos afinal sós — quando mesmo não tivessemos aliados.

Sejamos pois n'este momento ainda **BRASILEIROS** como o temos sido em todo o decorrer da nossa historia, sabendo associar a equidade com a longanimidade e a combatividade com a moderação. Foi devido a esses traços que eu tive tanto desvanecimento em recordar na Universidade de Harvard os nossos fastos. Que prazer não foi o meu quando, no dia em que tratei da questão servil, contei que o Brasil, unico entre os paizes do mundo, resolveu esse problema de economia e de humanidade dentro da legalidade e por uma affirmação inequivoca da vontade nacional, não obstante os appellos á rebellião e á devastação! Que prazer não foi o meu quando, ao descrever a guerra do Paraguay, conclui mostrando que fomos talvez o unico paiz do mundo a sahir de uma guerra de cinco annos, com os louros da victoria, sem ter annexado uma parcella de territorio inimigo, nem extendido sobre este um humilhante protectorado!

Provamos n'um dos casos como sabemos encaminhar para um desfecho ordeiro uma transformação social, e no outro como sabemos zelar o respeito pelos direitos alheios. Identico respeito melhor o poderemos exigir dos outros, em criticas circumstancias, temperando a dignidade com a imparcialidade. A consequencia é a justiça.

OLIVEIRA LIMA.



“ national, d'exempter la propriété particulière sur l'océan, de
 “ toute saisie, par les croiseurs armés par un E'tat, de même
 “ que par les corsaires, nous sommes prêts à nous rencontrer
 “ avec elles sur ce large terrain.”

Pareillement dans la note sous-mentionnée, deux ans après, le ministre américain dans la capitale brésilienne disait au gouvernement impérial:

“ Le soussigné a reçu du président l'ordre de proposer au
 “ gouvernement du Brésil d'entrer dans une entente pour
 “ acquiescer aux quatre principes de la déclaration du Congrès,
 “ moyennant la modification du premier de ces principes spécifiée
 “ dans la note de M. Marcy, du 28 Juillet 1858, au Comte de Sartiges. Sans cette modification le président sera tenu,
 “ par plusieurs raisons importantes, dont quelques-unes s'y
 “ trouvent exposées, de ne pas accéder au premier principe de
 “ la déclaration.”

Dans la note à laquelle se rapporte celle-ci, M. Marcy, Ministre d'E'tat à Washington, s'adressait à M. de Sartiges, Envoyé Extraordinaire et Ministre Plénipotentiaire de la France aux E'tats-Unis, en renouvelant la même protestation, la même revendication et la même proposition, qui, depuis Benjamin Franklin et Thomas Jefferson, signalait, avec tant de cohérence et de fermeté, dans cette question, la politique nord-américaine.

“ Le soussigné — disait le Ministre des E'tats Unis au représentant du gouvernement de Napoléon III — a reçu du président l'ordre de déclarer qu'il est prêt à donner son assentement au principe de protection de la propriété particulière sur l'océan, de même que sur terre, du moment qu'on l'applique sans la moindre restriction.”

Cette note était longuement raisonnée, et, en montrant les fâcheuses conséquences, pour l'intérêt général des nations, de la pratique maintenue par les termes incomplets de la Déclaration de Paris, concluait:

“ Le président propose, donc, qu'à la première clause de la Déclaration du Congrès de Paris on ajoute ces mots: Et la propriété privée des sujets ou citoyens d'une des puissances belligérantes sur la haute mer ne pourra pas être saisie par les vaisseaux de guerre nationaux de l'autre, excepté dans le cas de contrebande de guerre.”

Quelques mois après, c'est à dire le 2 décembre 1856, le président Pierce, dans son message annuel au Congrès, en reproduisant ce qu'il avait dit en 1854, insistait avec la même précision dans cette ligne de conduite.

“ J'ai exprimé — disait-il — de la part de ce Gouvernement la disposition d'accéder à tous les principes contenus



“ dans la Déclaration de Paris, pouvu que l'on altère celui
 “ concernant l'abandon de la course, dans un sens qui réalise
 “ l'objet qu'il a du avoir en vue, c'est-à-dire, l'immunité de la
 “ propriété privée sur l'océan à la capture hostile. Pour aboutir
 “ à ce résultat, nous proposons d'ajouter à la Déclaration que
 “ — la course est et reste abolie — une addition, qui exempte
 “ de la capture par les vaisseaux de guerre d'un E'tat belligé-
 “ rant la propriété de sujets et citoyens de l'autre sur l'océan.
 “ Cet amendement — ajoutat-il — a été présenté, non seule-
 “ ment aux puissances qui ont demandé notre acquiescement à
 “ la déclaration qui éteint la course, mais encore à tous les au-
 “ tres E'tats maritimes. Aucun d'eux, juqu'ici ne l'a repoussé, et
 “ tous ceux qui nous ont répondu, l'ont accueilli favorablement.”

En effet, la France, la Prusse, la Russie, les Pays-Bas, la Sardai-
 gne se montrèrent disposées à accepter la proposition américaine
 d'abolir tout ensemble la course et la capture des bâtiments de com-
 merce ennemis et leurs cargaisons. La Grande Bretagne elle-même re-
 connut dans l'amendement proposé par le gouvernement américain
 le pourrait se trouver année, dans l'examen des détails de la question,
 un principe équitable, et déclara qu'elle ne voyait aucune objection
 à en faire l'objet d'une délibération commune — tout en annonçant
 qu'elle pourrait se trouver amenée, dans l'examen des détails de la
 question, à faire quelques réserves, qui pourraient être soumises, en
 temps et lieu, à l'appréciation des puissances appellées à discuter la
 matière.

En répondant à la proposition américaine, le Gouvernement du
 Brésil ne s'est pas mis d'accord avec elle pour ce qui était de nier
 son assentement à l'art. 1 de la Déclaration de Paris. Loin de ça,
 il l'approuva. Mais, en même temps, il s'associa avec effusion à l'ini-
 tiative des E'tats-Unis pour que l'on établit l'immunité complète de
 la propriété particulière ennemie dans la guerre navale.

Voici les termes de notre Déclaration, consigné dans la note que
 la Chancellerie Brésilienne adressa, le 18 mars 1857, à la Legation
 de la France.

“ L'humanité et la justice doivent certainement au Con-
 “ grès de Paris une grande amélioration à la loi commune des
 “ E'tats; mais, au nom des mêmes principes, il nous faut en-
 “ core demander aux puissances signataires du traité de 30
 “ mars 1856, comme conséquence de leur oeuvre de paix et
 “ de civilisation, la conséquence bienfaisante, que se renfer-
 “ me dans les maximes y proclamées. Cette conséquence est
 “ que toute propriété particulière inoffensive, y compris les
 “ bâtiments de commerce, doit rester sous la protection du
 “ droit maritime contre quelconque atteinte des croiseurs de
 “ guerre. Le Gouvernement Impérial adhère ici à l'invitation

UMA AMIZADE TRADICIONAL

BRASIL — ESTADOS-UNIDOS

1822 - 1916

VI

A GUERRA MARITIMA

(1828)

Não o podia fazer melhor do que transcrevendo o que, a propósito, disse perante a Quarta Comissão da Segunda Conferencia Internacional da Paz, ainda a 28 de Junho de 1907, o Delegado do Brasil (Deuxième Conférence de la Paix, Actes et discours de Ruy Barbosa, La Haye, 1907, pag. 3). Discorrendo então do Congresso de Paris e de suas quatro resoluções, orou o Sr. Ruy Barbosa:

“Dès cette époque là, c'est à dire depuis le premier moment où la question nous a été pesée, le Gouvernement Brésilien a adhéré au principe de l'inviolabilité de la propriété privée sur mer. Comme vous savez les Etats-Unis ont refusé de souscrire à l'abolition de la course, en la considérant inconséquente, inique et, comme telle, inadmissible. si l'on ne l'associait à la règle absolue de l'inviolabilité de la propriété privée dans la guerre maritime. Jamais, depuis le dix-huitième siècle, la République Nord-Américaine n'avait cessé de soutenir l'inséparabilité entre les deux aspirations libérales de la suppression de la course et de l'extinction du droit de capture. En s'opposant par ce motif à l'article 1 de la Déclaration de Paris, qui abolissait simplement la course, le Cabinet de Washington adressa, le 5 novembre 1856, une note à celui de Rio de Janeiro, dans laquelle il l'invitait à l'accompagner sur les deux points. Son langage était le même de M. Buchanan, deux années avant, à Lord Clareudon et du président Pierce, le 4 décembre 1854, dans son message au Congrès.

“ Si les principales puissances de l'Europe, disait ce président, s'accordent à proposer, comme principe de droit inter-



“ des E'tats-Unis d'Amérique et, dans l'espoir de voir s'accomplir l'ampliation proposée par cette puissance au premier des principes adoptés au Congrès de Paris, se declare prêt à l'embrasser tout de suite comme l'expression entière de la nouvelle jurisprudence internationale.”

En se prononçant ainsi, le département des affaires étrangères du Brésil s'empresse de renseigner la Légation Américaine à Rio, par moyen de la note expédiée le 18 mars 1857, où le gouvernement de l'Empereur lui disait:

“ M. Trousdale constatera dans le document ci-joint, auquel le soussigné se rapporte, que le Gouvernement Impérial a cru devoir donner son approbation aux maximes proclamées par le Congrès de Paris, d'autant plus qu'elles étaient déjà, en grande partie, consacrées dans le droit conventionnel de l'Empire. Mais ce qui est extrêmement agréable au soussigné d'ajouter, M. Trousdale pourra voir de ce document même où le gouvernement de S. M. l'Empereur, déférant à ces principes, se déclara, en même temps, disposé à souscrire à l'ampliation proposée par les E'tats-Unis d'Amérique, comme le complément nécessaire et salutaire de la nouvelle politique internationale.”

Ces notes mémorables étaient signées l'une et l'autre par le Ministre Silva Paranhos, plus tard Vicomte du Rio Branco, dont le nom, célèbre surtout comme celui d'un des protagonistes de l'émancipation des esclaves au Brésil, a rencontré dans son fils, le Ministre actuel des Affaires E'trangères chez nous, un continuateur de l'esprit et des services de son père; heureuse coïncidence, qui imprime une expression, pour ainsi dire, d'identité personnelle, à la continuité nationale de notre tradition.

En vous donnant ce témoignage, Messieurs, je suis heureux de vous signifier, dans ce moment, que ni les sentiments de mon pays, ni ceux de son Gouvernement, qui est tenu de les interpréter, et dont j'observe les instructions n'ont varié, à ce sujet, dans les derniers cinquante ans.

Nous ne faisons, donc, que préserver un ancien héritage, en adoptant de bon gré la proposition déposée au Bureau de la Conférence au nom de la Délégation des E'tats-Unis, et en répondant, au nom de la Délégation Brésilienne, qu'à notre avis il convient d'abolir la pratique, jusqu'ici en vigueur, de la capture et confiscation de la propriété ennemie sous pavillon ennemi dans la guerre maritime.”

O Tratado de 12 de Dezembro de 1828 é sob este aspecto da garantia dos neutros, um padrão de gloria para os Estados-Unidos da America e o Brasil. Nem por findar seus effeitos doze annos de nego-



ciado, ficaram valendo menos seus principios e suas prescripções. Bastará dizer que determinou, entre outras cousas, que as pessoas encontradas a bordo de um navio livre e inimigas de uma das partes contractantes nunca poderiam ser delle retiradas "salvo se fossem officiaes ou soldados em serviço actual dos inimigos"; que a bandeira cobriria a carga; que o contrabando de guerra seria limitado ao que se ennumerava no artigo XVI; que o apresamento só poderia justificar-se em caso de bloqueio, quando fosse o navio notificado, e, apesar disso, tentasse passar a linha de assedio maritimo; que no caso de visita de um navio neutro por um de guerra, o primeiro se conservaria a distancia durante a realização della, "não sendo a parte neutra em nenhum caso obrigada a ir a bordo do navio examinador, para o fim de apresentar os papeis, ou para outro qualquer"; que na hypothese de comboio bastaria ao visitante "a declaração verbal do commandante dando sua palavra de honra que os navios que elle protege pertençam á nação cujo pavilhão tivesse ficado, e, si se destinassem a um porto inimigo, que elles não tivessem genero de contrabando a bordo"; que as dividas dos individuos de uma nação a individuos da outra, as acções ou dinheiros que pudessem ter nos fundos publicos ou em bancos publicos ou particulares, jámais seriam sequestrados ou confiscados no caso de guerra occorrente, e, finalmente, no caso de infracção de alguma das clausulas do tratado, que nenhuma das partes contractantes ordenaria ou autorizaria "acto algum de represalia, nem declararia guerra á outra por queixas de prejuizos ou damnos, antes que a dita parte contractante, que se considerasse offendida, tivesse primeiro enviado á outra um relatório daquelles prejuizos ou damnos, verificado, com provas competentes, reclamando justiça e satisfação e tivesse a mesma sido negada ou desarrazoadamente demorada".

Nesta disposição sadia, que a harmonia e amizade entre os Estados Unidos da America e o Brasil jámais tiveram occasião de executar, está-se a ver a semente de que nasceu, longos annos depois, ha dois annos apenas, o tratado que sob o nome de **Tratado Bryan** unio, a 24 de Julho de 1914, os dois paizes. E' de hontem a assignatura dessa convenção, egual á que a Republica Americana concluiu com outros povos da terra. Não é preciso, pois, dizer nem de seus intuitos, nem de seu nobre significado. Baste salientar que pela letra della, assentaram o Brasil e os Estados-Unidos em "submitter á investigação de uma Comissão Permanente, que sobre ellas dará parecer, todas as difficuldades de character internacional, que surjam entre elles e não possam ser directamente resolvidas por via diplomatica, nem caibam nos termos da convenção de arbitramento vigente entre ambos; e accordam em não declarar guerra um ao outro, nem começar hostilidades, emquanto não fôr apresentado o resultado dessa investigação". (Relatório da Repar-



tição dos Negocios Estrangeiros, 1857, pag. 2. — Relatorio das Relações Exteriores, 1915, 1, pag. 141. — Pereira Pinto, Apontamentos citados, II, pag. 339).

Que diria a Europa conflagrada ante essa sadia e madrugadora messe de bons principios?

VII

UMA DIVERGENCIA DE INTERPRETAÇÃO

(1845)

Sobre o tratado mesmo, levantou-se depois, entre o Governo de Washington e o do Rio de Janeiro pequena divergencia na interpretação quanto aos seus cessados efeitos.

Valido por doze annos, estatuiu que suas disposições, no que se referiam á paz e amizade, considerar-se-iam perpetuas. Uma amizade sem reservas podia ter seguranças desta natureza. Quasi um seculo depois, vê-se que não errou.

Pretendeu, porém, o Ministro Wise, então acreditado no Rio de Janeiro, que a clausula de perpetuidade devia interpretar-se de modo amplo, abrangendo tambem a attribuição, reconhecida por extensão aos consules americanos, de procederem á arrecadação e administração das heranças jacentes de cidadãos americanos fallecidos no Imperio sem testamento. "O negocio de maior importancia na epoca actual, escreveu S. Ex. em nota de 1.º de Julho de 1846, que existe entre os Estados-Unidos e o Brasil, é a perpetuidade do Tratado de 12 de Dezembro de 1828, em certos pontos, assim determinados na primeira parte do disposto no art. 3.º. Concordou-se por este artigo em que, um anno depois da notificação da cessação do tratado ter sido feita por uma das partes contractantes á outra, o tratado, em todas as suas partes relativas ao commercio e navegação, cessaria de todo e terminaria; e, em todas aquellas partes que se referissem á paz e amizade, seria permanente e perpetuamente obrigatorio para ambas as potencias. Em conformidade com esta positiva clausula, todas as partes do tratado referiam-se necessariamente a esses quatro objectos respectivos, commercio, navegação, paz e amizade. Os pontos que não diziam respeito ao commercio e navegação naturalmente referiam-se, segundo o espirito do tratado, á paz e amizade. Todos os pontos portanto que não eram relativos ao commercio e á navegação, eram permanentemente e perpetuamente obrigatorios para ambas as potencias".

Respondeu para logo Cayrú, em notas de 21 e 24 de Agosto do mesmo anno de 1846, pondo em claro o engano dessa interpretação. "Sé bem, no paragrapho 1.º do artigo 33, escreveu elle, se



considerem permanentes e perpetuas todas as partes do referido tratado, relativas á paz e amizade, era evidente que uma tal estipulação devia ser entendida segundo o tem sido eguaes clausulas nos tratados entre os mesmos Estados e varias outras potencias, como termos genericos e indicativos de què entre as duas nações se observariam todos aquelles principios universaes e regras geralmente estabelecidas como protectoras dos direitos individuaes e internacionaes que tendem a firmar a paz e amizade entre os povos, e não abrangem quaesquer disposições regulamentares taes como as que regulamentam a maneira de se fazer a arrecadação e administração das heranças jacentes, e bens vagos eixstentes no imperio, sobre que não houve declaração expressa das duas partes contractantes". (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1847, pag. 110)

Tinha acceito tacitamente o Governo Americano a interpretação brasileira, quando um facto occorreu que determinou a retirada de Henry Wise do seu posto.

VIII

DESATENÇÃO NÃO APPROVADA
(1847)

Em fins de 1846, uma patrulha de policia do Rio de Janeiro prendeu junto do caes de desembarque a tres marinheiros da marinha de guerra dos Estados-Unidos, um dos quaes foi sorprendido no acto flagrante de puxar uma faca para outro.

Apresentou-se então o tenente Alonso Davis, da corveta Saratoga, norte americana, exigindo que a patrulha entregasse os presos e, "não sendo attendido, foi buscar sua espada, que tinha deixado em um armazem proximo, e com ella desembainhada correu atraz da patrulha, que se dirigia ao Palacio Imperial, pretendendo até nelle entrar nessa attitude offensiva das leis do paiz; foi então preso pelo commandante e remettido, acompanhado por um official brasileiro, para o estado maior do corpo de permanentes emquanto os marinheiros eram conduzidos ao Aljube". (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1847, pag. 8)

Entretanto, tinha apparecido o consul dos Estados Unidos exigindo a soltura e protestando contra a prisão como uma offensa (indignity) ao seu paiz; o que fez tambem dous dias depois, o ministro dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, Henry Wise, que, além da soltura, exigia ainda o castigo da patrulha e do commandante da guarda.

O Governo Imperial, attendendo a discordancias e contradicções no relatorio da autoridade e na reclamação da legação, man-



dou proceder a um summario para se conhecer da verdade. Entretanto, como o *Saratoga* devia seguir no dia immediato para os Estados Unidos, ordenou a entrega do official Davis "dando assim, como disse, uma demonstração da sua deferencia para com o Governo da União, a cujo conhecimento seria levado o summario, para se applicar o castigo correspondente".

O acto de deferencia Imperial não foi, porém, devidamente apreciado. Henry Wise respondeu que não admittia a soltura de Davis sob condição alguma e, instando pela entrega immediata d'elle e dos marinheiros, reclamou de novo o castigo dos responsaveis. O ministro americano poz mesmo em duvida o direito de soberania do Brasil em suas praias, desconheceu a força publica por não trazer brilhantes uniformes nem ter rosto claro, qualificou de traição e cobardia a captura do tenente Davis, e vio nella um insulto á bandeira e commando do comodoro Rousseau. Ao receber o Governo Imperial esta nota, já tinha sido entregue a bordo o tenente Davis.

Ordenou, em consequencia o Gabinete do Rio de Janeiro, ao seu representante em Washington, que entabolasse ali a competente reclamação, para o que lhe remetteu toda a correspondencia e documentos necessarios. A discussão tinha sido suspensa no Rio de Janeiro por acto de Henry Wise, que, entre asserções menos verdadeiras e ameaças ambiguas, declarou esperar ordens de seu Governo.

Depois da discussão aberta convidou o Governo Imperial ao representante americano para o acto de baptismo de S. A. a Princesa Isabel; mas o ministro não só não compareceu, como ordenou ou consentiu que o commandante da estação naval dos Estados Unidos se conservasse no porto sem acompanhar os outros navios fundeados, nos respeitoos devidos por tão alto acontecimento. O successo repetiu-se a 2 de dezembro seguinte, anniversario do Imperador.

Escreveu o Ministro de Estrangeiros de então, Barão de Cayrú: "Depois de tão estranho como inqualificavel procedimento, faltaria o Governo Imperial á sua dignidade e aos seus deveres para com a nação, se continuasse a entreter relações com o ministro que desconheceu o acatamento devido ao governo junto de quem foi acreditado para promover a paz, boa intelligencia e todos os interesses que ligam as nações." Suspendeu em consequencia as relações com Henry Wise, ordenando ao seu representante em Washington que exigisse sua retirada do Rio de Janeiro.

Naquella capital havia, porém, o ministro do Brasil acceto, contra a letra das suas instrucções, uma explicação isolada dos acontecimentos, da qual, segundo se lê no documento official do tempo, "poderia deduzir-se que se propoz dar uma satisfação em vez de sollicitar-a como lhe foi ordenado". Teve, por isso, ordem de recolher-se ao Rio de Janeiro, depois de notificado o Governo Ame-



ricano de que o Brasil havia desaprovado o procedimento de seu agente e insistia nas satisfações a que se julgava com incontestável direito. Sem duvida não tinha havido nas prisões realizadas "a me- por intenção de offender ou insultar os Estados-Unidos, ou sua ban- deira; não houve mesmo esse insulto ou offensa, e nessa parte não podia ser censurada a declaração daquelle ministro; o que sustenta- va o Governo Imperial era que nas ditas prisões não houvera se- não o exercicio de um direito perfeito, e que por isso a declaração do ministro, de que o Governo do Brasil adoptaria os meios pro- prios para prevenir semelhantes occurrencias no futuro, não podia ter o assentimento Imperial, pois seria o mesmo que admittir que a patrulha de policia fora a provocadora quando prendera os ma- rinheiros americanos em semelhante delicto, e que nenhum direito tinha ella de prevenir desordens nas ruas da cidade, direito incon- quistavel e emanado da soberania do Imperio". (Relatorio da Re- partição dos Negocios Estrangeiros, 1848, pag. 9)

Emquanto pendia o caso de solução, chegou ao Rio de Janei- ro o novo ministro americano, designado em substituição de Hen- ry Wise, David Tod. Foi recebido na fórma do estylo. Seu procedi- mento cavalheiro, suas maneiras conciliadoras fizeram logo esque- cer os actos do antecessor. E as relações com a Legação dos Estados Unidos retomaram o pé de harmonia e cordialidade então quebrado.

A questão pouco depois findou com satisfação para ambos os lados. Em Abril de 1849 o Secretario dos Estados-Unidos declarou á Legação do Brasil em Washington "que tendo o seu antecessor, Mr. Buchanan, reconhecido amplamente o direito das autoridades brasileiras para processar e punir os crimes e infracções de seus re- gulamentos de policia, commettidos no seu territorio por marinhei- ros, cidadãos ou subditos de qualquer nação, as questões conside- radas pendentes sómente diziam respeito á apreciação dos factos occorridos em 31 de Outubro de 1846; e que, não havendo a menor utilidade, no estado das relações amigaveis que subsistiam entre os dois paizes, e promoviam as boas disposições de seus ministros, em recommear essa questão, com prazer lhe manifestava que o Presi- dente dos Estados-Unidos lastimava aquella occurrencia, que ha- via infelizmente interrompido, temporariamente, a boa intelligen- cia entre os dois Governos, muito principalmente pelo grande de- sejo de cultivar com o Brasil relações intimas e pacificas, e pelos sentimentos de consideração e amizade que nutria para com o So- berano Constitucional e o Povo Brasileiro". Tambem foi disse in- formada a Legação Americana no Rio de Janeiro.

A tal gesto não podia corresponder o Brasil senão da mais a- nistosa maneira. "A tão benevolas e amigaveis expressões, disse o Ministro de Estrangeiros, Paulino José Soares de Souza, ao Par- lamento, respondeu a Legação Imperial que, estando assim reconhe-



cido o direito e esquecidos os factos, pelos sentimentos manifestados pelo Governo dos Estados-Unidos e seu representante no Brasil, não duvidava que o Governo Imperial visse na declaração que lhe era feita um meio honroso de entregar a um completo olvido as desagradáveis occorrencias... O Governo Imperial, approvando o procedimento da Legação em Washington, deu assim por terminado este negocio”.

No seu Relatorio ao Parlamento, em 1846, escrevera o Barão de Cayrú, Ministro de Estrangeiros do Imperio:

“ As nossas relações com os Estados-Unidos da America tornam-se cada dia mais importantes, sobretudo pelo des-
“ envolvimento que se nota nos interesses commerciaes dos
“ dois paizes. As demonstrações de verdadeira consideração
“ do Gabinete de Washington pelo Governo Imperial, nomean-
“ do successivamente tres enviados extraordinarios para resi-
“ direm nesta Côrte, foram ultimamente correspondidas, ele-
“ vando S. M. Imperial á mesma cathegoria o seu represen-
“ tante junto do Presidente da União.” (Relatorio da Reparti-
ção dos Negocios Estrangeiros, 1850, pag. 17. — Pereira Pinto. Apontamentos cits. II, pag. 391. — Clovis Bevilaqua, Direito Publico Internacional, — **A synthese dos principios e a contribuição do Brasil** — Rio de Janeiro, 1910, 1, pags. 118 e 257. — Moore **A Digest of International Law Washington**, 1906, IV pag. 495. — Consulta do Conselheiro de Estado de 9 de Maio de 1847).

(Continúa)

HELIO LOBO.



POLLICE VERSO

Dos dezeseis filhos do coronel Ignacio Gama, cedo revelou o caçula singulares aptidões para medico. Pelo menos assim julgára o pae como quer que o visse na horta, interessadissimo em destripar um passarinho agonisante.

— Descobri a vocação do Nico, — disse o arguto sujeito á mulher — dá um optimo esculapio. Inda agorinha estava lá fóra dissecando um sanhaço vivo.

Hão de duvidar os naturalistas estremes que o homem dissesse dissecar. Um coronel indigena falar assim, com esse rigor, é cousa inadmittida pelosmeticulosos, que abalisam o genero inteiro pela meia duzia d'azemolas agaloadas do seu conhecimento.

Pois disse. Este coronel Gama abria excepção á regra; tinha suas luzes, lia seu jornal, devorára em moço o *Rocambole*, as *Memorias de um medico*, e acompanhava os detalhes da camara, com grande admiração pelo Ruy Barbosa, o Barbosa Lima, o Nilo e outros. Vinha-lhe disso um certo apuro na linguagem, destoante do achavascado ambiente glossico da fazenda, onde morava.

Quem nada percebeu foi Dona Joaquininha, a avaliar pelo ar emparvecido que deu á cara.

— Dissecando, explicou superiormente o marido, quer dizer destripando.

Destripar, dada a sua boa vontade paterna em descobrir no menino pendores chirurgicos, equivalia a dissecar. Tomem nota os dicionaristas que têm filhos.

— E você dexou-o commetter semelhante “malvadeza”? exclamou a excellente senhora compadecida da ave-sinha.

— Lá vens tu com as tuas pieguices!... Deixal-o brincar. E' da idade. Eu em pequeno fazia peiores, e nem porisso virei nenhum ogre.

Outra vez! *Ogre!* Que querem? O homem nascera rebuscado. Este ogre devia ser reminiscencia do Ogre da Corsega, Napoleão de nome. Perdoem-lhe, á guiza de compensação á parcimonia da esposa, cujo vocabulario era dos mais restrictos.

Dona Joaquininha fechou a cara, e quando o pequeno facinora entrou do quintal, pediu-lhe contas da perversidade, asperamente. O coronel, que nesse momento lia, na rede, as folhas recémchegadas, houve por bem interromper a ingestão de um discurso flammante sobre o Amapá, para acudir em apoio do fedelho.

— Uma vez que será medico, não vejo mal em ir-se familiarizando com a anatomia...

— A anatomia está ali, rematou a encolerizada mãe, apontando a vara de marmello occulta no desvão da porta; eu que saiba que o *Senhor* me continua com judiarias aos pobres animaesinhos, que te disseco o lombo com aquella anatomia, ouviu, *seu carniceiro?*

O menino raspou-se; o coronel retomou resignado o fio do discurso; e o caso do sanhaço ficou pr ahi.

Mas não ficou por ali a malvadez do Nico. Acautelava-se agora. Era ás escondidas que apanhava moscas e "depennava-as", brinquedo muito curioso, consistente em arrancar-lhes todas as pernas e azas, para gozar o soffrimento dos corpinhos inertes. Aos grillos cortava as saltadeiras, e ria-se de ver os mutilados caminharem como qualquer bichinho de somenos. Gatos e cães farejavam-n'o de longe. Fora elle quem derrubára o misero Brinquinho, da Emilianna, aggregada, e era quem descadeirava a todos os gatos da fazenda.

Isso, longe. Em casa era um anjinho. E assim, anjo internamente, e demonio *extra-muros*, cresceu até á mudança de voz. Entrou nessa occasião para um collegio, e deste passou ao Rio, matriculado em medicina.

O emprego que lá deu aos seis annos do curso, soube-o elle, os amigos, e as amigas. Os paes sempre viveram empulhados, crentes de que o filho era uma aguia a plumar-se,



futuro Torres Homem de Itaóca, onde, vendida a fazenda, então moravam. Nesta cidade tinham em mente encarrear o menino, para desbanque dos quatro caducos esculapios locais, uns onagros, dizia o coronel, cuja veterinaria rebaixava os itaócuenses á categoria de cavallos.

Pelas férias o doutorando apparecia por lá, e cada vez "voltava outro", mais desempennado, com tiques de carioca, ss sibilantes, roupas caras, e uns palavriados technicos de embasbacar. Quando se formou, e veiu de vez, estava já definitivo, nos seus 24 annos. Não se lhe descreve aqui a cara porque retratos por meio de palavras têm a propriedade de fazer imaginar feições ás vezes oppostas ás descriptas. Dir-se-á unicamente que era um rapaz espiado, entre louro e castanho, bonito mas antipathico, — com o olhar do Emilio Chione, dizia a Sinhasinha Lopes, menina sabidissima em cinemas. No queixo trazia barba de medico francez, andó, parece, coisa que muito accrescenta á sciencia medica do seu proprietario. Doentes ha que entre um doutor barbudo, e um glabro, ambos desconhecidos, pegam sem tir-te no pelludo, convictos de que pegam no melhor.

O Dr. Ignacinho, entretanto, aborrecia aquelle meio acanhado, "onde não tinha campo".

— Isto por aqui, escrevia a um collega do Rio, é um puro degedo. Clinica escassa e mal pagante, sem margem para grandes lances, e inda assim repartida por quatro curandeiros que se dizem medicos, perfeitas vaccas de Hyppocrates, estragadoras da pepineira, com as suas consultinhas de cinco mil réis. O cirurgião da terra é um Doyen de 60 annos, emerito extractor de bichos de pé, e cortador de verrugas com fios de linha. Dá iodeto a todo o mundo, e tem a imbecilidade de arrotar scepticismo, dizendo que o que cura é a Natureza. Estes rabulas é que estragam o negocio, etc.

Negocio, pepineira, grandes lances, — está aqui a psychologia do moço medico. Queria panno verde para as boladas gordas...

— Além disso, continuava, é-me insupportavel a ausencia da Yvonne e de vocês. Não ha em Itaóca mulheres,



nem gente com quem uma pessoa palestre. Uma pocilga! As boas pandegas do nosso tempo, hein?

Esta Yvonne, estes amigos, estas pandegas foram o melhor do seu curso. Com mão diurna e nocturna manuseou-os, a estes tratadistas da anatomia, da physiologia e da calaçaria e agora roiam-no saudades.

Yvonne voltára á patria, deixando por cá a meia duzia de amantes exclusivos que depennára, a morrerem de saudades dos seus encantos. Antes de ir-se deu a cada parvo uma estrellinha do ceu, para, a tantas horas, encontrarem-se nella os amorosos olhares. Os seis idiotas todas as noites ferravam o olho, um no *Taureau*, (ella distribuiu as contellações em francez) outro na *Ecrevisse*, outro na *Chevelure de Berenice*, o quarto no *Bélier*, o quinto em *Antarés*, e o derradeiro na *Epi de la Vierge*. A marota de lá morria de rir nos braços dum *apache*, contando-lhe a historia comica dos seis parvos brasileiros e das seis estrellas respectivas. E liam juntos, elle e ella, as seis cartas recebidas por cada vapor, nas quaes os protestos amorosos em temperatura de ebulição faziam perdoar a ingrammatilidade do francez antarctico. E respondiam de collaboração em carta circular onde só variava o nome da estrella e o endereço. Promptas todas as copias, o *apache* abria o canhenho da Yvonne, e dictava:

— Mr. Gomes, *le Taureau*; Mr. Silva, *l'Epi de la Vierge*; Mr. Souza, *le Bélier*...

E Yvonne ia collocando as estrellas, a rir. Esta circular era o que havia de terno. Queixava-se ella, a rapariga, de saudades — essa palavra tão poetica que fôra aprender no Brasil, o bello paiz das palmeiras, do ceu azul, e do amor... Acoimava-os de ingratos, consolados já para novos amores, emquanto ella, a pobresinha, solitaria e triste "comme la juryty", na casa humilde dos velhos paes consumia os dias em rememorar o doce passado e os serões a fitar a estrella...

Eis explicada a razão pela qual, em noites limpidas, o Dr. Ignacinho ficava-se pensativo á janella, de olho posto na *chevelure de Berenice*. A cabelleira de Berenice era a sua constellação... E tambem se explica o segredo dumas



cartas que lhe entregava o correio, carimbadas de França, sobre a figurinha da Semeadora.

O sonho do moço era enriquecer ás rapidas, para reatar a gostosura do idyllio interrompido.

— Paris!... Paris!... balbuciava a meia voz, nos momentos de devaneio, semi-cerrando os olhos, no antegozo do paraíso.

Sonhava-se lá, riquinho, com a Yvonne pelo braço, flinando no Bois, tal qual nos romances; e a realisação d'este sonho era o alvo de todos os seus passos. Jurára á amiga ir ter com ella, logo que a prosperidade lhe abastasse meios.

Entretanto o tempo corria, e nenhuma piabanha de vulto lhe cahia na rede. Tardava a bolada...

Em francez senegalesco, Ignacio *chorincou* epistolarmente, no collo da diva, nestes termos:

— Não adoce por cá nenhum rico; não ha "margem para grandes lances"; o pae está velho mas ainda riço, além de que somos dezeseis herdeiros! Não sei quando poderei estreitar-te nos braços, ó minha...

Aqui vinham tres ou quatro comparações a fio, qual mais poetica, relembrativas do estro de Salomão quando cantava a Sulamita.

Entre os medicos antigos de Itaóca, o Dr. Ignacinho gozava pessimo renome, se um renome pessimo é coisa de gozo.

— E' uma bestinha, dizia um; eu fico pasmado mas é de sairem da faculdade cavalgadas daquelle porte! E' medico no diploma, na barbicha e no anel do dedo. Fóra d'ahi, que cavallo!

— E que topete! accrescentava outro. Presumido, petulante e pomadista como não ha segundo. Não diz humores, ou syphilis: é mal luetico. Que pedante! Eu o que quero é pilhal-o, n'uma conferencia, para escachar...

O pae, já viuvo por essa epoca, esse babava-se d'orgulho. Filho medico, e inda por cima destabocado e bem petulante como aquelle... Era de moer d'inveja aos mais. Enlevava-o sobretudo o seu modo alcandorado de exprimir-se. Revia-se no filho, o coronel...

— A terminologia inteira da sciencia allopatha, coisas em grego e latim, circumvolve ali n'aquella cabecinha,



disse uma vez ao vigario, que olhou de revez, por cima dos olhos, áquelle circumvolve, lindo, mas inapropositado.

E assim corria o tempo entre diatribes das duas sciencias, a moça e a velha, com entremeios dos bellos vocabulos que o coronel nunca perdia de embrechar no phraseado.

Entrementes, adoeceu o major Mendanha, capitalista aposentado com tresentas apolices federaes de conto, o Rockefeller de Itaóca. Deu-lhe uma subita afflicção, uma canceira, e a mulher alvoroçou-se.

— Não é nada, isto passa.

— Passará ou não; o melhor é chamar um medico.

— Qual, medico! Isto é nada.

Não era tão nada assim, como elle pretendia. Aggravou-se-lhe á noite o mal estar, e o velho cedeu ás instancias da esposa. Chamar a qual delles, porém?

— Pois o Moura, disse a mulher, para quem o da sua confiança era este Moura.

— Deus me livre, retrucou o marido. Aquillo é homem mal azarado. Não foi elle quem tratou o Zeca, o Peixoto, o Jeronymo? E não esticaram a canella todos os tres?

— O Dr. Fortunato, então...

— O Fortunato! Já você esqueceu o que me elle fez por ocasião do jury, aquelle tranca? Cobrar por um attestado falso! Não me pilha mais um vintem, o maroto.

No Dr. Elesbão não se falou; era adversario politico.

— Chama-se o Galeno...

— E' tão burrego o Galeno... gemeu o doente com cara desconsolada. Andou annos a tratar o Faria do Hotel como diabetico, e já o dava por morto, quando um curandeiro da roça o poz sanissimo com um côco da Bahia comido em jejum. Os biabetes do homem eram solitaria... Só se vier o filho do Ignacio.

Aqui foi a mulher quem reluctou.

— Eu, a falar a verdade, prefiro a ruindade do Galeno, a má sorte do Moura, e até o Elesbão...

— Esse, nunca!! interrompeu o velho n'um assomo de rancor politico.

— ...do que a antipathia do tal doutorzinho. Os outros, ao menos, têm a experiencia da vida, ao passo que este...



— Este o quê?

— Este, Mendanha, é moço bonito que o que quer é dinheiro e pandega, você não vê?

— Qual! embirrinhou o teimoso, sempre ha de saber um pouco mais que os velhos; aprendeu coisas novas. No caso da Nhazinha Leandro, não a poz boa n'um apice?

— Tambem que doença!... Prisão de ventre...

— Seja prisão ou soltura, o caso foi que a curou. Mandé chamar o menino.

— Olhe, olhe! depois não se arrependa!...

— Mandê, mande chamal-o, e já, que não me estou sentindo bem.

Ignacinho veio. Interrogou detidamente o major, tomou-lhe o pulso, auscultou com o semblante carregado, e disse, depois de longa pausa:

— Não diagnostico por emquanto, porque não sou leviano como "certos" por ahi. Sem auscultação esthetoscopica nada posso dizer. Voltarei mais tarde.

— Vê? disse Mendanha á esposa, logo que o moço partiu. Se fosse o Moura, ou qualquer dos taes, já ali da porta vinha berrando que era isto, mais aquillo. Este é consciencioso. Quer fazer uma auscultação, quê?

— Stereoscopica, parece.

— Seja o que for. Quer fazer a coisa pelo direito, é o que é.

O moço voltou logo depois, e com grande cerimonial applicou o esthetoscopio no peito magro do doente. Vincou de novo a physionomia das rugas da concentração, e por fim concluiu com imponente solemnidade:

— E' uma pericardite aguda, aggravada por uma phlegmasia hepatico-renal.

O doente arregalou o olho. Nunca imaginára que dentro delle surgissem doenças tão bonitas, embora incompreensiveis.

— E é grave, doutor? perguntou a mulher apprehensiva.

— E', e não é, respondeu o sacerdote; seria grave se, modestia á parte, em vez de me chamarem, chamassem um desses matasanos que por ahi rabulejam. Para mim, não. Tive no Rio, na clinica hospitalar, numerosos casos mais



graves, e a nenhum perdi. Fique descansada que porei o seu marido são dentro de um mez.

— Deus o ouça! rematou a mulher, já reconciliada com a “antipathia”, acompanhando-o até á porta.

— Então? perguntou-lhe o doente; fiz ou não fiz bem em chamal-o?

— Parece. Deus queira tenhamos acertado, porque isto de medicos é sorte.

— Não é tanto assim, redarguiu o velho, os que sabem conhecem-se por meia duzia de palavras, e este moço, ou muito me engano, ou sabe o que diz. Fosse o Fortunato...

E riu-se, ao imaginar as doencinhas caseiras que o Fortunato descobriria nelle.

A doença do Major Mendanha ninguem sabe qual fôra. O lindo diagnostico do Dr. Ignacinho não passava de mera sonoridade pelintra. Bacorejava ao moço que o velho tinha o coração fraco, e qualquer maromba pelo figado. Palpite. Isto, porque lhe doia a elle aqui no “vasio”; aquillo, por ser natural em organismo já combalido pela idade. Confessal-o com esta semceremonia, porém, seria fazer clinica á moda Fortunato, e desmoralisar-se. Além do mais, quem sabe não estaria ali o sonhado lance? Prolongar a doença... Engordar a maquia...

Ignacio não enxergava em Mendanha o doente, senão uma bolada maior ou menor, conforme a habilidade do seu jogo.

A saude do cliente importava-lhe tanto como as estrelas do ceu, excepção feita á cabelleira de Berenice. Como desadorasse a medicina, não vendo nella mais que um meio rapido de enriquecer, nem sequer o interessava o “caso clinico” em si como a muitos. Queria dinheiro, porque o dinheiro dar-lhe-ia Paris, com Yvonne de lambugem. Ora, o major tinha 300 apolices... Dependia, pois, da sua artimanha malabarisar aquelle figado, aquelle coração, aquellas palavras gregas, e n’um prestidigitar manhoso reduzir tudo a uns tantos contos de réis bem soantes.

A carta desse mez disse á Yvonne:

— Os negocios melhoraram. Estou mettido em uma empreza que se me afigura rendosa. Sahindo tudo a contento,

tenho esperança de inda este anno beijar-te sob a luz da terna confluyente dos nossos olhares...

O velho peiorou com a medicação. Injecções hypodermicas, capsulas, pilulas, poções, não houve therapeutica que se não experimentasse nelle, desastrosamente.

— E' mais grave o caso do que eu suppunha, disse o doutor á mulher, e os escrupulos do meu sacerdocio aconselham-me a pedir uma conferencia medica; os collegas da terra são o que a Sra. sabe; entretanto, submetto-me a ouvir-os. Se a familia quer...

— Não, doutor, Mēdanha não quer ouvir falar nos seus collegas; só tem confiança no doutor Ignacio Gama.

— Nesse caso...

Ignacinho voltou para a casa esfregando as mãos. Estava só em campo, com todos os ventos favoraveis.

Mau grado seu, na semana seguinte, inesperadamente, o major apresentou melhoras. Sarava, o patife! A Ignacio palpitou que com mais uma quinzena d'aquella arribação o homem se punha de pé. Fez os calculos: trinta visitas, trinta injecções, e tal e tal: tres contos. Uma miseria. Se morresse, já o caso mudava de figura, poderia exigir vinte ou trinta contos.

O costume dos tempos era fazerem-se os máus medicos herdeiros dos clientes. Serviços pagos ahi com centenas de mil réis em caso de cura, em caso de morte reputam-se por contos. Se reluctavam no pagamento os interessados, a questão subia aos tribunaes, com base no arbitramento. Os arbitros, officiaes do mesmo officio, sustentavam o pedido — por colleguismo, dizendo em latim: *Hodie mihi, cras tibi*, cuja traducção medica é: prepare-se você para fazer o mesmo, que eu tambem tenho em vista a minha cartada.

Ignacio ponderou tudo isto. Mediü prós e contras. Consultou accordãos. E de tal modo absorvido andou com o problema que, á noite, na janella, deixava-se ficar até altas horas, mergulhado em scismas, sem erguer os olhos para a Berenice estellar.

O que a sua cabeça pensou ninguem o saberá nunca. As ideias têm para escondel-as a caixa craneana, o couro cabelluda, a grenha; isso por cima; pela frente, têm a men-



tira do olhar e a hypocrisia da bocca. Assim entrincheiradas, ellas, já de si immateriaes, ficam inexpugnaveis á argucia alheia. E vae nisso a pouca de felicidade existente neste mundo sub-lunar. Fosse possivel ler nos cerebros, claro como se lê no papel, e a humanidade crispar-se-ia de horror ante si propria...

Positivo como era o Ignacinho, supponho que metheu em equação o problema das duas vidas.

1.a hypothese.

Cura do Major — 3 contos

3 contos = Itaóca, pasmaceira, etc...

2.a hypothese

Morte do Major — 30 contos

30 contos = Paris, Yvonne, Bois...

Depois desta solida mathematica, esta anavalhante philosophia: A morte é um preconceito. Não ha morte. Tudo é vida. Morrer é a transição de um estado para outro. Quem morre, transforma-se. Continua a viver inorganicamente, transmutado em gazes e saes, ou organicamente, feito Lucilias, Necrophoras e uma centena de outras vidinhas esvoaçantes. Que importa para a harmonia universal das coisas esta ou aquella forma? Tudo é vida. Tudo mata para viver. A grande questão é poder matar!... Eu preciso e quero viver a minha vida. Ha obices no caminho? Afasto-os! Tão simples...

Fiquemos por aqui. Estes soliloquios mentaes são apavorantes quando descarnados da abençoada polpa da hypocrisia.

Hypocrisia! que cascão precioso és tu! e como te injuriam... os hypocritas!...

Fiquemos por aqui.

Não ha tempo para malbaratar com o amoralismo, porque o Major Mendanha peiorou subitamente e lá agonisa. Morreu. O attestado d'obito baptisou a *causa-mortis* de phlegmatite aguda com nephrite elipsoidal. Podia baptisal-a de embolia estourada, nó cego na tripa, tuberculose mesenterica, estupor granuloso peristaltico, ou qualquer outro dos cem mil modos de morrer á grega. Morreu, e está dito tudo.



Morreu, e o Dr. Ignacinho apresentou em inventario uma conta de chegar: 35 contos de réis.

Os herdeiros impugnaram o pagamento. Move-se a traquitana desengonçada que chamam a Justiça, com maiuscula, inda se não descobriu porque. Moe-se o palavriado tabelionesco. Saem das estantes carunchosos trabucos romanos.

Procede-se ao arbitramento.

Os arbitros são Fortunato e Moura, os quaes disseram entre si:

— Que grande velhaco! Mata o homem e inda por cima quer ficar-se herdeiro! O tratamento, alto e malo, não vale cem mil réis. Que valha duzentos. Que valha um conto! Ou tres! Mas trinta e cinco, é ser ladrão.

No laudo, entretanto, acharam relativamente (esqueceram dizer relativo ao que) modico o pedido.

A Justiça enguliu aquelle papel, manipulou-o com os outros ingredientes da praxe, e ao cabo partejou um monstrosinho chamado sentença, o qual obrigava o espolio a alliviar-se de 35 contos em proveito do medico, mais as custas da esvurmada forense.

Ignacinho embolsou os cobres, e reconciliou-se com os dois collegas, que afinal não eram as azemolas que elle supunha.

— Collegas, o passado, passado; agora, para a vida e para a morte.

— Pois está visto, disse Fortunato. Tolo foi você de abrir lucta com os que ajudam o negocio. O colleguismo: eis a nossa grande força!..

— Tem razão, tem razão. Criançada minha, illusões, farofas que a idade cura.

Que mais? Que vôou a Paris? Está claro. Vôou, e lá está, sob o pallio da grenha astral, com a Yvonne, a passear no Bois.

Ao pae escreveu:

— Isto é que é vida! Que cidade! Que povo! Que civilização! Vou diariamente á Sorbonne ouvir as lições do grande Doyen, e opéro em tres hospitaes. Voltarei não sei quando. Fico por cá durante os 35 contos, ou mais se o pae entender de auxiliar-me neste aperfeiçoamento de estudos.



A Sorbonna! A Sorbonna deve ser algum "paraiso" em Montmartre, onde compartilha com o *apache* da Yvonne o dia da rapariga.

Doyen está claro que é a propria rapariga.

E os tres hospitaes? Ora! são os tres *cabarets* mais a geito.

Não obstante o pae scismou naquillo cheio d'orgulho, embora pezaroso: que pena não estar viva a Joaquininha para ver em que alturas andava o Nico, o Nico do sanhaço estripado... Em Paris!... Na Sorbonna!... Discipulo querido do Doyen, o grande, o immenso Doyen!...

Mostrou a carta aos medicos reconciliados.

— Isso de hospitaes, gemeu Fortunato, é uma mina. Dá nome. Para botar nos annuncios é de primeirissima.

— E o Doyen, hein? murmurou baboso o embevecido pae. Não ha como a gente aproximar-se das celebridades...

— E' isso mesmo, concluiu o Moura, relanceando um olhar a Fortunato, n'um commentario mudo áquelle mirifico aproxinamento. E os dois enxugaram, á uma, os copos da cerveja commemorativa, mandada abrir pelo bemaventurado Coronel.

— E a Consciencia? perguntará com indignação algum megatherio, ledor de Hugo e Sue, contemporaneo do remorso, do dedo de Deus e outras antigualhas fosseis.

— Dorme o somno do archaismo no fundo dos dictionarios, responde com o seu riso metallico o nosso prezado amigo Mephistopheles, de dentro de um "Fausto" de qualquer edição. E o megatherio embucha.

MONTEIRO LOBATO



POESIA

O AÇUDE

I

*Quando resoaram no ermo, com fragor,
as primeiras malhadas, em cadencia,
no alto da primeira estaca,
o Artifice passou o olhar dominador,
quebrado numa vaga somnolência,
em torno da barraca.*

*Podia respirar, enfim... Podia,
enfim, sosinho, agora, irradiar energia,
ardentemente, sobre a natureza;
abrir, enfim, toda a comporta agora
á vontade fatal que no ser lhe estuava,
como a agua funda a arfar no ambito da represa.
Havia de sentil-a extravasar cá fora,
viver na vida que criava,
desdobrando-se á luz, como uma cobra,
na turbamulta dos trabalhadores,
resfolegando em bufos de motores,
ondeando em fumo, ardendo em luz, tinindo em aço,
cravando-se no solo, erguendo-se no espaço,
nas muralhas da Obra!*

*Fôra uma longa luta insidiosa e rasteira,
entre as malhas sombrias da cidade...
Vencera, enfim; vencera a custo,*



*e arrancara-se após a esse ascoso aranhol
para o livre horizonte deste campo,
como o rio que ferve na cachoeira
por entre paredões, num passo angusto,
e vai, enfim, ganhar a claridade,
amplo e calado sob o ceu escampo,
benefico e feliz á luz do sol.*

*Podia respirar... Num vivo escorço,
ao sopé da collina, onde, como uma vela,
se arqueava a tenda aos júbilos do vento,
via agitar-se á luz a multidão obreira,
na alegria commum de um harmonico esforço;
e ella lhe pareceu formosa, e ella
lhe pareceu esplendida, um momento,
entre as scintillações dos ferros e o estridor,
e entre nuvens de poeira:
porque viu que em unisono, fremente,
como vibrando ao som de um remoto clarim,
parecia animada, heroicamente,
das audacias de um sonho criador...
E era o seu sonho que vivia assim!*

*Largo e soturno, ao lado,
rebrilha o claro rio entre arbustos escuros,
como um espelho em bronze emmoldurado.
Lança-lhe um longo olhar de desafio,
que a agua e as ribas abarca.
Ha de prendel-o, um dia, entre altos muros:
ha de mudar-lhe, em breve, a insidiosa preguiça,
a frouxa lentidão de livre e calmo rio,
que as planicies inunda e as baixadas encharca,
numa força monstruosa e, entretanto, submissa.*

*E, até então, viverá, dia por dia,
essa vida maior que pela obra plasma:
transformada em legião, com dois mil braços,
será uma força natural bravia,
a luctar com o penedo e a fazel-o pedaços,*



*com a terra, áspera ou branda, a revolvel-a,
com a lama, o charco, o miasma,
a podridão, os vermes, a extinguil-os;
a lutar com a agua molle, a agua rebelde e mansa,
mortífera e cruel sob aspectos tranquillos,
a domal-a e vencel-a.*

*E ha de ver o seu sonho, a ideia aerea,
que era sombra de sombra, a aspiração
que pareceu morrer ao formular-se,
tomar formas visiveis á materia,
transladando-se aos poucos, sem disfarce,
a rápidos signaes de sua mão,
em sylogismos rijos de muralhas,
em conclusões de abóbadas e pontes,
rival dos rios e dos montes,
— sem desvios nem falhas,
sem uma imperfeição!*

II

*E a luta começou, porfiosa, dia a dia.
Vendo o campo talado e revolto, dir-se-ia
que ahí vaga e extravagava um formigueiro humano,
a arder numa paciente insânia, sem mais plano
que apagar as feições á obra da natureza.*

*Já do alveo que era seu banida, a correnteza
muge ao lado, a raivar, na curva de um desvio;
e do que foi ha pouco amplo e sereno rio
resta um jorro banal, saudoso do seu leito,
e um caminho de lama esboroado e desfeito,
onde os seixos ao sol são como os ossos brancos
de um morto apodrecido á sombra dos barrancos.
De um lado e de outro lado, entre montões de areia,
montões de alvenaria. Entre uns e outros, serpeia
confusa multidão de sulcos e de fossos.
E tudo em derredor são ruinas e destroços.*



*Entanto, o enxame, a ir e vir, não pára nunca:
rasga, esbruga, recorta, esmaga, fende, trunca.
Já leve ondulação do terreno não resta,
cuja curva gentil não lha rompa uma aresta.
Já relvado não ha, fresca e viçosa alfombra,
onde um ferro não rasgue uma guela de sombra.
E do seio do bosque ondulante e gemente,
que em vão busca na terra a agua do rio ausente,
surge, a ostentar no espaço a agudez do contraste,
o esqueleto anguloso e riço de um guindaste.*

*Mas, aos poucos, do cahos vem repontando a ordem;
nem só destroços ha no chão que os ferros mordem.
Da larga sementeira espantosa de estragos
parecem já brotar, ainda lentos e vagos,
os contornos subtís de uma ideia, á conquista
da forma estreita e justa onde esplenda e subsista.
Passam dias ainda, e já da terra medra,
buscando o sol estivo, uma phrase de pedra;
outra, aos poucos, além, do solo se desata:
juntam-se, e já o sentido, em commum, se dilata.
Esboça-se mais longe, um arco, de onde em onde,
e aquem, a cada qual, arco igual corresponde.
A cavidade se une á cavidade. A fenda,
que era um enigma ha pouco, agora se desvenda:
será um longo canal. E do emmaranhamento
de escombros e de paus, de pedras e cimento,
que além estrala e range entre nuvens de poeira,
vai deslindar-se em breve a leveza altaneira
de uma ponte graciosa, a espelhar o arcabouço
na agua que ha de fulgir, ampla e funda, no poço.*

*Presente sempre ahí, enquanto o sol é vivo,
o Artifice é a alma audaz do esforço colectivo;
seu gesto, sua voz, seu nome, seu commando,
sua vonade está, por tudo, ahí, pairando.
Vem della o extranho ardor que ergue os alviões na faina.
Aqui, propete o embate; além, o ímpeto amaina;
e a legião, que a lutar tão longos dias passa,*

outra razão não vê do que faça ou desfça.
 Cada pedra partida em lascas, cada mole
 carregada, cada lenho a entrar na argila molle,
 cada alferce rompente a voar nos ares, tudo
 ponto por ponto espelha o pensamento mudo,
 tão prestes como o gesto ansiante ou harmonioso,
 como o olhar, o meneio, a palavra, o repouso,
 quando a saúde, em paz, alma e corpo equilibra.
 Toda essa vibração sae do seu ser que vibra!

Assim o moço forte, embriagado da lida,
 vê cada novo dia ampliar-lhe nova vida.
 Sente-se desdobrar, ser legião, ser torrente,
 crescer em derredor de si como uma enchente.
 E essa larga embriaguez tanto a alma lhe transtorna,
 tão alto o faz viver, tão jubiloso o torna,
 que, amando o que lhe empresta uma força dobrada,
 já quasi teme vêr a grande obra acabada...

III

Um dia, enfim, o Açude, acabado, se alteia,
 ao longe, sob o sol que o dorso lhe incendeia;
 lá fulge entre a cortina ondulosa da mata,
 mar de bronze arripiado em espumas de prata.
 Já o curso da agua, além, regulado pela arte,
 dons que antes não possuía, hoje, aos poucos, reparte:
 toda a cidade, agora, os percebe e reclama,
 e a mão, que os afeiçãoou, grande e forte proclama.
 Já o valle improductivo, á surdina da rega,
 deixa que á messe farta abra espaço a macega;
 e ao mesmo tempo, em vez dos miasmas, a saúde
 vem conquistar mais terra em derredor do Açude.
 E aos domingos, na praça, o burguez que suspira
 por ares menos maus do que o ar que respira
 e por um quadro novo e de nova belleza,
 lá vai, em romaria, em busca da represa...
 Deante da immensa cuba, alta, larga e repleta,



*onde o ceu se despenha, elle sente-se poeta,
livra a imaginação do freio quotidiano...
E do tanque, florão da Cidade, anda ufano!*

*Um côro triumphal de louvores celebra
a forte concepção, a audacia que não quebra,
o suber minucioso, a razão previdente,
o sacrificio, a fé que alcançaram a obra ingente,
a despeito do error, da ignorancia, do pasmo,
da escumante impotencia e do ácido sarcasmo,
a despeito da muda opposição da terra,
do marnel que polue e do morbo que aterra,
a despeito do tempo, — e que assim, a despeito
de tudo, vieram dar num lavor tão perfeito.
O Artífice, porém, usado a ir contra tudo,
quando toda a cidade assim fala, está mudo.
Voa-lhe o nome no ar, porém, quanto mais vóa,
mais se esgueira e se apaga, em sombras, a pessoa.*

*Porque ha de elle fugir á alta gloria que o chama?
Porque, depois da luta em conquista da fama,
quando a fama se rende, elle lhe volta a face,
como quem não a quiz, como se a não amasse?
Julga-a talvez mesquinha? Achará que ainda é pouca?
Pouco, ir assim, de peito em peito e bocca em bocca!
Pouco, poder pregar taes asas á vaidade
— a gratidão do povo, o orgulho da cidade!
Ah! que é preciso arder numa ambição de louco,
para achar que tudo isto, afinal, seja pouco!*

*Assim mais de um varão sensato raciocina.
E a aura feliz do Obreiro, entre chascos, declina.*

*O tempo faz o resto. O tempo tudo apaga,
tudo renova; após uma vaga outra vaga,
tudo alue e desfaz. A rosa em que a luz arde,
é um sonho de manhã, será um farrapo á tarde.
O olvido, cuja marcha esse não ha que tolha,
como a hera — sobre a fama ergue de folha em folha*



*o velario que encobre o vigor, que deslustra
o brilho e as intenções, uma por uma, frustra;
como a lenta humidade — as juntas retalha,
aqui esborôa, ali amolga, além espalha
onde as linhas e a côr se davam mutuo arrimo
a lepra do bolor e a babugem do limo;
e como o carrascal que se larga a si mesmo
— por entre as contrucções mais fortes viça a esmo,
perspectivas destroe, primores desalinha,
e reduz a grande obra a uma ruina mesquinha.*

*Soffrendo sorte igual á do esforço que o alçara,
o Açude soffre, além, a invasão que não pára:
a ruina, o esquecimento incoercível das cousas,
que dá ás obras da vida a tristeza das lousas,
avança: aqui escurece; ali deforma... Avança
como os pontos de sombra avançam na lembrança,
a crescer em tamanho e em negror, lento e lento.*

O esquecimento é ruina. A ruina é esquecimento.

IV

*Alma piedosa parte a consolar o Obreiro:
—“ Bem comprehendo o pesar que te faz prisioneiro
de ti mesmo. Comprehendo esse orgulho ferido,
que anda a soffrer a sós um mal incomprehendido.
Sabias que a ovação da cidade e do povo
premiava em teu labor — não o bom, mas o novo,
(pois de agora não é que o vulgo insciente e pulha
só se abre com rumor ao que chega com bulha)
e quizeste fugir a essa falsa apparencia,
que, se afaga a vaidade, atormenta a consciencia...
E tiveste razão: cessa o rumor; o açude
lá está, triste e apagado, e para a gente rude
é como a arvore boa á beira de uma estrada:*



*pouco importa saber por que mão foi plantada.
Por isso te retraes...*

— *“Sim! como quem se dobra
sobre si mesmo, a erguer, na mente, nova obra,
— obra que lhe renove essa embriaguez de vida
cujo encanto se esvae quando a empresa é concluída!”*

*Que me importa o rumor transitorio ou perenne,
que affectuoso me exalte, ou duro me condemne?
que a obra feita pereça, ou dure e brilhe ainda,
se findou para mim, desde que a dei por finda?*

*Certo é doce pensar, numa volupia calma,
que a feitura onde estão pedaços de nossa alma
ha de permanecer, forte, — quaes penedias
sob inquieta caudal, — sob o dobar dos dias.
Certo é doce a chimera. A's vezes, a chimera
é todo o bem do heroe, que, na treva, ainda espera
ver de brusco raiar, do atro horizonte ao nível,
o encantado esplendor de uma aurora impossivel...
Mas a ancia juvenil que me impulsa e me exalta
não vem dessa illusão, porque a illusão me falta.*

Tudo quanto me alenta o esforço — é o proprio esforço.

*Como quem, sobre um lenho, erra por sobre o dorso
mutante da agua viva, ora os remos batendo,
ora os remos largando, insaciavel bebendo
todo o vario esplendor da infinita paizagem,
sonhando entre dois céus, e só termina a viagem
quando é força parar e, parado, só pensa
em reatar bem depressa a ebriedade suspensa,
— tal eu vou pela vida, ancioso, de obra em obra...
Cada esforço a ambição de um novo esforço dobra.
Minha existencia é um rio, eu quero-a como um rio,
impetuoso, liberto, esplendente, sombrio,*



— e porque amo a caudal, quero vagar sobre ella,
contente se me exalta, e feliz se a acho bella.

Que me importa a represa? a aura infausta ou galerna,
que morra antes de mim, que sobreviva eterna?

O esforço é bom quando nos ergue e nos arrasta
no turbilhão da Vida e do Sonho! E isto basta.”

V

E, tomando o compasso e o esquadro, e reaccendendo
no olhar a chamma azul que ia, ha pouco, perdendo,
— chamma serena e igual de lampada nutrida,
chamma de sonho largo e vontade contida, —
de novo se debruça, arfante, sobre a prancha;
traça, emenda, refaz; recomeça e desmancha...
E nesse extrenuo afan, que é delicia e tortura,
elle arqueja e sorrì, com raiva e com amor,
— qual quem lavra uma gleba dura,
— qual quem sorri para uma flôr...

AMADEU AMARAL

Março, 1916.



SIMPLICIDADE

*Chove. Sombra e silêncio. Que saudade
No coração vazio!*

*Ha na minh'alma a dubia claridade
Deste dia sombrio.*

*Pelos humidos vidros das janellas,
Baças pela friagem,*

*Vejo a dansa das folhas amarellas,
Ao balanço da aragem.*

*Acaso eu amo, para soffrer tanto
Esta magua profunda?*

*E olho cair a chuva, como o pranto
Que os meus olhos inunda.*

*A alma, déserta. A estrada, erma e tristonha.
E eu recordo o passado,*

*No vago mysticismo de quem sonha
Um sonho abandonado.*

*Ninguém, na alma e na rua adormecida.
Que indizível tristeza!*

*Pensa nessa mulher, quasi esquecida,
Que amaste com certeza...*

*A aria da chuva, tremula, de leve,
Tamborilando passa.*

*E, sem querer, a minha mão escreve
Um nome na vidraça...*

*Brilham as letras, vivas, irisadas
De ephmeros cambiantes,
Mas, em perolas finas transformadas,
Escorrem gottejantes...*

*E o coração, no carcere do peito,
Ouço de quando em quando
Soluçar, vendo, em lagrymas desfeito,
O teu nome chorando...*



*Fria, de cada syllaba pendente,
Uma lagryma desce.
E o teu nome se apaga lentamente,
Por fim desaparece.*

*Tudo, tudo na vida brilha e passa,
Miragem de um momento,
Dando a impressão de um pouco de fumaça
Sobre as asas do vento...*

*Tu és como este céu, cinzento e triste,
O' minh'alma viuva...
Tens a mesma tristeza que sentiste
Na musica da chuva.*

CANÇÃO DO CAHIR DAS FOLHAS

A Luiz Paulino Soares de Souza

*Porque te escondes na sombra?
De que modo se traduz,
Este medo que te assombra
De fulgir na propria luz?*

*Porque será que procuras,
Quando a volupia te eleva,
Tornar a sala ás escuras
Para beijar-me na treva?*

*Porque motivo é que trazes,
Florindo-te a pallidez,
As violetas e os lilazes
Presagos da viuvez?*

*Adivinho em teus martyrios,
A dor que te desespera:*



*Escuto a canção dos lírios,
No requiem da primavera...*

*Nos teus olhares descubro
A languidez outomnal,
Que têm as rosas de outubro
No silencio vespéral.*

*Paira em ti a luz tristonha
Da hora solenne e secreta,
Em que a natureza sonha,
Porque Deus se fez Poeta...*

*Como as roseiras, despida,
As tuas folhas se vão...
Sonhos mortos pela vida,
Folhas mortas pelo chão...*

*Alvo, em teu cabelo louro,
Já o inverno se retrata,
Mudando-te os fios de ouro
Em niveos filões de prata.*

*Envelheces, envelheces...
O tempo não volta mais...
E o luar caleia as messes,
No doirado dos trigaes...*

*Presinto, e com que tristeza,
Com que indizível desgosto,
Que, pouco a pouco, a belleza
Vae apagar-se em teu rosto...*

*Muito em breve, muito em breve,
Primavera, vaes morrer...
Cerro as palpebras de leve,
Fecho os olhos para vers*



*Vejo, ao sol da carne, a tua
Cabelleira branca e fria,
Como essa imagem da lua,
Que se vê durante o dia.*

*E soffro, pensando a esmo,
Esta angustia pertinaz:
Amanhan serei o mesmo,
E a mesma tu não serás...*

*Adeus, aos sonhos perdidos,
E ás esperanças mais bellas...
Pobres beijos esquecidos...
Pobres folhas amarellas...*

*Outomno da terra, outomno
Dos corpos ainda em flor...
Prenuncio do ultimo somno,
Como um angelus de amor...*

*Tu, neste teu desengano,
Nas tuas tristezas calmas,
E's o crepusculo do anno,
E o crepusculo das almas...*

*Si é a mesma lei que governa
As flores e os corações,
Si o amor é uma arvore eterna,
E as folhas são illusões,*

*Que, verdes como a esperança,
Perdem a côr e fenecem,
Pois que, da nossa lembrança,
Aos poucos desaparecem,*

*Porque renascem as flores
Nos dias primaveraes?
Mas, entretanto, os amores,
Nos corações, nunca mais?*

*Porque mysterios sagrados
Será que, todos os seres,
Têm tempos determinados
De descanso e de prazeres?*

*Só nós não temos a sorte
De viver sem desejar:
E, velhos, prevendo a morte,
Não nos cansamos de amar!*

*Branca se torne a cabeça;
Flor da neve é o nosso beijo;
E embora a carne envelheça,
Nunca se apaga o desejo!*

*Felizes são os amantes
Que não mudaram depois:
E sempre serão constantes,
Porque envelhecem os dois.*

*Porém nós! — si em mim relumbra
A aurora num céu aberto,
Sobre ti desce a penumbra
De uma noite que vem perto...*

*E esta é a causa de meu pranto,
Porque, infelizmente, sei
Que, si hoje te quero tanto,
Amanhan não te amarei...*

*Fria, em teu corpo se estampa
A brancura de uma lousa:
Tu és a marmorea campã
Em que meu sonho repousa.*

*Mas, si nos mente a miragem
De um amor que se bem diz,*

*Seja um consolo esta imagem
Tão simples e tão feliz:*

*E' sobre os vulcões ardentes,
Cujas entranhas crepitam,
Que, nas calmas apparentes,
As neves se depositam.*

*E assim como o alvor dos gelos
Na cratera abre o lençol,
Mesmo ao luar dos cabellos,
Nas almas ha sempre sol!*

"Verão".

MARTINS FONTES



LIVROS...

PAULO BARRETO — No tempo
de Wenceslau.

Paulo Barreto é um escritor torrencial. Tem-se pelo menos essa impressão ao vêr como os seus livros se sucedem com pequeno intervalo. O ultimo é o vizezimo.

No numero deles ha um pouco de tudo, desde as simples coleções, como os *Fados e Canções de Portugal*, até as reportagens, como as *Relições no Rio*, os inqueritos, como o *Momento Literario*, a reunião de crônicas futeis das elegancias fluminenses, como o *Pall-Mall-Rio*, as crônicas, os contos, as conferencias, as traduções, os dramas...

O caso se explica, porque Paulo Barreto tem uma singularidade entre os nossos homens de letras: ele só é isso. Quem tome a lista dos membros da Academia Brasileira verificará que todos os outros acumulam o trabalho literario com a advocacia, a medicina, a administração, a política... A orijinalidade de Paulo Barreto é a de ser um literato que não faz sinão literatura. Só por um breve espaço de tempo esteve á frente de um jornal, onde se empenhou em discussões politicas.

Empenhou-se com tanto brilho, como os mais brilhantes jornalistas. Mas o jornalismo é tambem literatura e tudo faz crêr que Paulo Barreto deve ter tratado a política como um romance.

Voltado escluzivamente para preocupações literarias, não admira, portanto, que ele produza mais do que outros.

O livro de agora chama-se *No tempo de Wenceslau*. E o autor nos lembra que, outr'ora, os que viviam nos tempos dos cezares romanos, datavam os seus escritos com o nome desses ce-



zares. E pois que vivemos "*regnante Wenceslau*", o titulo se justifica.

Ha no volume 32 artigos publicados em varias epochas, sobre assuntos bem diversos. Isso mesmo torna difficil corrê-los, um por um, analizando-os. Mas, no conjunto, o que se vê é que Paulo Barreto tem uma grande tristeza pela degradação da nossa imprensa, onde, em geral, não se discute nada a serio. Ataca-se a tudo e a todos. Não se procura vêr quem tem razão, mas quem grita mais, quem mais insulta.

Nos ultimos anos, essa evolução se tem acentuado de um modo nitido e irrecuzavel.

O fato aliaz tem uma explicação natural no rejimen politico, que adotamos — o rejimen prezidencial. Trata-se de um rejimen em que a opinião publica não tem meio algum brando de se fazer ouvir. E' preciso forçar a nota e gritar. Gritar até provocar a revolta, porque o rejimen prezidencial, quando o prezidente está em dezacordo com a opinião publica, só tem um correctivo efficaz: a revolução.

O rejimen parlamentar tem valvulas mais dóceis. Desde que a pressão da opinião publica chega a um certo ponto, as valvulas cedem: um ministério cái, outro sobe — e tudo está rezolvido.

No rejimen prezidencial, em que o paiz está arrendado a um chefe de Estado por periodo certo, quer ele proceda bem, quer ele proceda mal, o unico recurso para removê-lo é a revolução. Preciza-se, portanto, chegar a extremos de violencia.

Isso não acontece nos Estados-Unidos, graças a uma longa educação anterior e, sobretudo, á força real das diversas unidades federativas, forças que as nossas não tem.

A violencia de nossa imprensa se explica pelo mesmo motivo porque em uma caza, onde o chefe da familia é surdo, todos tomam o habito de falar muito alto.

Paulo Barreto não entra nestas explicações, mas sente-se que é a sua maior preocupação. E aliaz nada mais explicavel em um homem de letras, que gostaria de trocar ideias, argumentar, bater-se leal e limpamente com armas de cavalheiro.

Na primeira das suas cronicas, ele põe na boca de um jornalista esta tirada:

"O jornalismo tomou a epilepsia como norma, convencido de que o publico deseja exactamente apenas isso. Ora, o publico



póde concordar que varram a páo um bando criminoso, mas exige que se lhe dê em substituição gente boa, ou pelo menos com idéas razoaveis. O jornalismo póde ser comprehendido como uma sentinela de avançada. Aqui transformaram a sentinela em campangada de ataque. Não ha um mal que a imprensa tenha obstado na bacchanal do desaforo. Em compensação a bacchanal trouxe o desrespeito geral, o acanalhamento integral. Tudo é máo, tudo é infame, inclusive os collegas que se mimoseiam mutuamente com taes delicadezas, a proposito dos mais serios problemas nunca discutidos ou das mais estupidas futilidades. E as coisas chegaram a tal ponto que é impossivel acreditar na sinceridade, não da onda nem da mulher, mas do jornalismo e da politica. Ao demais, varridos das columnas dos jornaes (como da politica) os homens de talento, os poetas, os homens de letras, os homens de opinião e tendo cada jornal o lemma hydrophobo: — “vocês todos são uns refinadissimos canalhas” — sem mais nada, cada jornal passa á casa de tiro ao alvo, em que qualquer sujeito entra, pega da espingarda, faz a mira, e conta sempre com o escandalo de quebrar uma porção de cachimbos, sem saber se acertou, se os quebrou e nem mesmo por que os partiu.”

Mais adiante ele escreve uma longa carta a um amigo que pretende fundar um jornal e explica-lhe porque essa empreza é uma loucura.

E como isso é positivamente uma preocupação do seu espi-rito, mais longe faz a sua psicologia do cidadão-modelo, do cidadão tipico, em que se encarna o verdadeiro carioca:

“O cidadão protesta, o cidadão nega, o cidadão é contra. Sempre. Infallivelmente. Podemos de raro em raro vel-o ao lado de alguém. Está assim, não a favor do alguém, mas contra o inimigo desse alguém. Desta arte, o cidadão vê todas as coisas com amargor, descobre más intenções em cada cerebro, julga os homens com o fel do insulto. Os governos são compostos de ladrões; desde que um cavalheiro se destaca, para o cidadão tem vicios e crimes; os actos mais simples transformam-se em batotas, negociatas, bandalheiras.

— Cidadão, que bello gesto o do grande Fulano querendo o Brasil patriota!

— Para cá vens de carrinho. Fulano comeu!

— Comeu o que?



— *Está sendo pago! Uma corja. E' o meu dinheiro que queimam.*

— *Cidadão, Cicrano publicou um bello livro.*

— *E' um canalha. Ha de certo comilança.*

— *Ainda agora, cidadão, o "leader"...*

— *Pulha! Pulha!*

A sua colera, ás vezes gargalhante, ás vezes furibunda, arraza sem distinções. Para que esteja a favor de alguém é preciso que esse alguém seja uma pedra contra os outros. Nas letras, no commercio, nas artes, no magisterio, na diplomacia, nas industrias. Onde, entretanto, a razoura é sem piedade é na politica. Mal uma cabeça se levanta, o cidadão arruma-lhe no alto do craneo a primeira bordoadada. Descobri que alguns nem conhecidos eram do cidadão e já o cidadão os esbordoava, os enlameava.

— *Mas, cidadão...*

— *Canalha! subiu... Boa coisa não fez!"*

Toda esta ultima cronica é excelente. E ela prova que, apesar do seu grande desejo de passar por um ironista dezenganado e cético, Paulo Barreto sente como ninguém esse deploravel estado de couzas.

A's vezes, por exemplo, empreende paradoxalmente a apolojia do analfabetismo. Evoca, para faze-la, o tipo lendario que mais, de certo, sofreu o desejo de saber: o tipo de Adão. Si ele não tivesse tido a curiosidade de provar do fruto da ciencia do Bem e do Mal, não se teria perdido.

O tema é velho. Paulo Barreto renova-o, tratando-o com graça. Mas é uma distração, uma pilheria. O problema do analfabetismo é, ao contrario do que ele diz nessa cronica, uma das couzas que o preocupam. Em dois outros artigos falando da reorganização do exercito, nota-se a satisfação com que assinala o paralelismo entre esse movimento e o combate ao analfabetismo. E em outro ponto, lembrando questões que ainda estão pendentes desde o tempo de D. João VI, não esquece esse ponto.

João do Rio tem, entretanto, uma admiração extranha pelos homens que *sabem querer*, pelos grandes ambiciosos. E' com evidente simpatia que ele traça o perfil de Enver-Pachá:

"De repente, a porta abriu-se. Um jovem airoso — botas altas, — dólman justo, espada; o fez militar de astrakan, o bigode em leve espuma, o olhar macio e dardejante, as mãos longas

e finas — atravessou o salão, parou em frente do general prussiano, fez a saudação militar.

— Quem é esse rapaz?

— *Enver-bey* — o heróe de *Andrinopla*.

Olhei com redobrada atenção. Aquella *sympathia* irradiante era o homem que desencadeara mais paixões em Berlim, era o espirito dominador que se fizera allemão pelo amor de uma grande dama da côrte do imperador, o guerreiro de Tripoli, o indigitado assassino de um ministro da guerra, o mais forte elemento da camarilha que matava a Turquia em nome da dolorosa inconsciencia de Mahomed V! Vel-o seria dizer que elle conseguiria tudo até a morte — que a sua lucta era um duelo entre a sua ambiciosa juventude e a morte. E eu olhava-o como se olha um sêr estranho e fascinador cujo fim deve estar ali ou um pouco mais adiante. E' preciso estar no Mediterraneo ou no Bosforo para comprehender esses estados d'alma diante de alguns homens."

Não justifica o dominador trajico da Turquia, mas vê-se que o admira.

Falando de Pinheiro Machado, que acabava de succumbir ao punhal de um assassino, Paulo Barreto escreve:

"A vida de Pinheiro Machado foi a mais bella tragedia do Brasil. Não é possivel pensar nessa existencia sem lembrar Suetonio, o Silencioso; sem lembrar Skakespeare, sem lembrar Plutarcho, os tres grandes plasmadores de homens para a historia. Pinheiro Machado era, num periodo de dissolução, uma alma punica — alma de conquista, de lucta, de affirmação, de dominio. Elle queria. Queria tudo, nos actos mais simples, como nos momentos mais graves. Queria. Nunca tivemos no Brasil um exemplo mais formidavel do verbo querer, com a consciencia cega de que querer é vencer, é poder, é dominar. Uns querem por ambição de cargos, outros querem por desejo de conquista, outros querem pelo sentimento de conservação propria. Elle queria para cristalizar na movediça onda humana permanente e sempre maior o seu querer. Sacrificava amigos, era de pedra aos rogos, alliciava os inimigos, caminhava sereno para os golpes mais arriscados por querer. E desse querer sem peias brotavam as fontes de opposição, cresciam as caudaes da raiva. E' qualidade dos homens não admittir jugos eternos. E' das democracias o protesto contra os super-homens dominadores. E' o mal da politica a miseria da incaracteristica moral no vai-vem dos interesses. Na Grecia

de Pericles ou de Alexandre. Na Roma de Coriolano ou de Julio Cesar. Na França de Napoleão ou da Revolução. No Paraguay de Flores ou no Mexico de Porfirio Dias. Sempre. Em todos os tempos. Em todos os paizes."

Ora, esse entusiasmo pelas grandes vontades é tudo quanto ha de menos justificavel, quando essas vontades não teem um fito muito elevado.

E este ultimo não é, de certo, o caso de Enver, nem o foi nunca o de Pinheiro Machado.

Dificilmente ainda hoje se consegue falar deste com serenidade, porque os seus amigos procuram obscurecer as verdades mais evidentes. Trata-se, porém, de uma figura a que a Historia tem de fazer referencias, e, quando ella procurar o que possa dizer em sua defeza, não achará.

O caso de Pinheiro Machado na politica brazileira explica-se com a maior simplicidade, sem apelar para nenhuma grande qualidade da sua parte. Os que raciocinam dizendo que não era possivel chegar ao fastijio do poder, como ele chegou, sem ser um super-homem, enganam-se absolutamente. A Historia está cheia do nome de tiranos, de dominadôres, de homens que tomaram de assalto o poder, impelidos apenas por uma grande sêde de mando, mas sem nenhuma superioridade moral ou intelectual, tendo apenas uma completa auzencia de escrúpulos.

Pinheiro Machado teve em 1900 um presidente da Republica que lhe permitiu compôr á sua vontade, livremente, a Camara e o Senado. Só se reconhecia deputado ou senador quem ele mandava.

A maquina politica ficou durante quatro anos aparelhada de acordo com a sua vontade soberana. Quando o novo presidente chegou, teve imediatamente de prezidir a eleições. Não lhe ficou tempo para modificar nada. Dois mezes depois as eleições estavam realizadas e Pinheiro Machado refazia a seu talento os conhecimentos da Camara e sobretudo do Senado.

Esse novo presidente — o Sr. Rodrigues Alves — nunca esteve tão inteiramente escravizado a Pinheiro Machado como o seu antecessor.

Não poude, porém, romper com ele. Inteiramente destituido de qualquer honestidade em questões politicas, Pinheiro Machado fazia proclamar senador pessoas que não tinham tido sinão um



infimo numero de votos e repelia os que traziam maiorias esmagadoras. Rodrigues Alves, achou, portanto, o Sr. Pinheiro Machado com mais de dois terços do Senado e viu-se obrigado a contemporizar com ele. D'ahi por diante o seu dominio se accentuou. Tendo feito a seu modo os reconhecimentos de podêres em 1900, 1903 e 1906, em seis anos ele se viu dono do Senado e, pelo Senado, com força para dominar o prezidente da Republica.

Todo o seu grande poder veio dessa mesquinha manipulação de cozinha eleitoral, falsificando audaciosamente os reconhecimentos de podêres, sobretudo no Senado. A cumplicidade de um Prezidente e a fraqueza de outro, que, occupado com misteres mais elevados, desdenhou de abrir luta com ele, deram-lhe um dominio supremo nos negocios publicos. Toda a sua obra foi esta: compôr um Senado docil á sua vontade.

Essa vontade foi sempre vijilante. Nunca, porém, se exerceu para propôr qualquer iniciativa alevantada.

E' mesmo um assombro o contraste entre o poder imenso desse homem e a esterilidade da sua obra. Nunca defendeu um grande projeto, nunca propoz uma medida nova, que trouxesse real progresso para o paiz.

E' certo que falava sempre no seu amor á Republica. Mas a Republica para ele era o seu proprio poder. Em uma especie de testamento, que deixou para ser publicado depois da sua morte, esse orgulho se ostentava injenuamente. A Republica e Ele — faziam um só corpo.

Mas que Republica? Representante de um Estado absolutamente divorciado das doutrinas democraticas, ele defendia lá e na União normas inteiramente diversas: nesta, se opunha á indicação dos sucessores pelos prezidentes em exercicio; naquele, aceitava não só isso, como a reeleição; na União, queria que o Poder Lejislativo tivesse toda a autonomia, no Estado, que se achasse fundido com o poder do Prezidente....

Nem uma ideia, nem uma convicção, nem um principio politico, a não ser isto: mandar! dominar! ser o senhor absoluto! Quando ele mandava a Republica ia bem... Quando ele era com batido, a Republica corria perigo..

Acabou, assassinado. Mas o assassinato foi um modo de eliminação de adversarios, que sempre lhe pareceu perfeitamente lejítimo. E mesmo sem averiguar muito até que ponto ele o prati-

cou por suas próprias mãos, na campanha rio-grandense, o incontestável é que deu o seu apoio a varias situações estaduais, que só se tinham firmado graças a assassinatos. Para provar não se precisa remontar sinão aos quatro ultimos anos da sua vida.

O interessante é que a ninguem o seu assassinato parecia mais lojico que a ele mesmo. Disse-o no seu testamento politico. E Paulo Barreto refere a seguinte conversa com Pinheiro Machado:

“— *Morro na lucta, menino. Elles matam-me. Mas pelas costas: são uns “perna-finas”. Pena é que não seja no Senado, como Cesar.*

Meditou, balançando a perna, emquando desfazia o cigarro. E grave, como uma promessa:

— *Ha de ser na rua. Mas morro em defesa da Republica.”*

A defeza da Republica era sempre e só a defeza do seu proprio e ilimitado dominio.

Pouco antes da sua morte, alguém entrevistou um deputado sobre a reforma eleitoral e o deputado respondeu que só havia uma lei a fazer: “*Fica extinto o General Pinheiro Machado.*” Nessa resposta humoristica, que foi largamente publicada, estava todo o programa politico, que um rapaz ignorante e impulsivo tomou ao pé da letra e executou.

O desfecho foi lamentavel; mas natural. Estava na linha normal dos acontecimentos.

Paulo Barreto põe mal a sua admiração nos que “querem”, quando se esquece de indagar si eles querem o bem ou o mal. E, quando ele faz a Enver-Pachá o mesmo elogio de força de vontade que o leva a exaltar Pinheiro Machado, é espantozo que não tenha achado o desfecho da vida deste tão natural, como será o de Enver, si tiver “*de cair sob um punhal, junto ao trono do sultanato.*” Pinheiro Machado, na Turquia, ajiria como Enver. Neste, porém, ainda ha uma fagulha romantica, porque se atribui a aproximação com a Alemanha a uma paixão amorosa. E Pinheiro Machado só tinha uma paixão: Mandar! Mandar, para fazer nomeações, demissões, eleições, pequenas couzas de pequena politica...

A vontade é uma bela cauza; mas só ao serviço de belos ideais. Os grandes ambiciosos como Cesar, como Napoleão, que



pretendiam o supremo poder, mas que o utilizavam para grandes fins, são perdoáveis, podem mesmo ser louváveis. Os outros, não.

Si a vontade fosse suscetível de conta, pezo e medida, e alguém tomasse a soma de vontade dispendida por um grupo de grandes criminosos e a soma de vontade dispendida por um grupo igual de grandes intelectuais, a primeira seria um Himalaya ao pé de um grão de areia... Ha mais vontade em uma prizão que em uma Academia...

No fundo, o que a apolojia da vontade feita por Paulo Barreto permite diagnosticar é que se trata de uma qualidade que ele dezejaria muito possuir em alto gráu. Essa apolojia é a inveja do homem que vive no mundo das ideias e que gostaria de passar para o das realizações.

O ceticismo de Paulo Barreto é um falso ceticismo. Vê-se que ele tem medo de que alguém zombe de suas convicções e quando lhe acontece escrever uma fraze um pouco mais solene, apres-sa-se a gracejar antes que os outros o façam.

Num determinado lugar, escapou-lhe esta sentença didatica e imponente: "*Conhecerno-nos é conhecer o que ha em nós de geral...*"

Mas logo ele atalha, com medo que haja quem zombe de tanta gravidade:

— *Muito bem.*

— *Obrigado.*

— *Não ha de que!*"

Parece-lhe que alguém pode querer caçoar e, para prevenir o mal, incumbem-se ele mesmo dessa tarefa.

O estilo de Paulo Barreto é capricante, nervoso, feito de frases muito curtas. Parece o estilo proprio aos humoristas e bem contrario ao dos oradores porque o orador é o tipo do homem que crê em alguma couza ou, pelo menos, que precisa finjir que crê para transmitir a sua convicção. O humorista, antes de chegar ao fim de um periodo um pouco longo, já estaria com vontade de zombar de si mesmo.

Mas Paulo Barreto tem tambem pajinas de emoção. Algumas delas estão na cronica admiravel escrita sobre um epizodio noticiado pelos jornais: o cazo de um pedreiro que ficou atolado num poço, durante dias, e para cuja salvação todos os esforços foram inuteis.



Os cronistas eram outr'ora personajens austeros e enfadonhos. Quem tome a sério as pretensões da Biblia, o precursor de todos foi aquele autor dos dois livros dos Paralipomenos, que começam assim:

- 1 — *Adão, Seth, Enos,*
- 2 — *Cainan, Malaleel, Jared,*
- 3 — *Henoch, Mathusale, Lamech,*
- 4 — *Noé, Sem, Cão, e Jafeth,*
- 5 — *Filhos de Jafeth: Gomer, e Magog, e Madai, e Jovan, Thubal, Mosoch, Thiras.*
- 6 — *E filhos de Gomer: Ascenez, e Rifath, e Thogorma.*
- 7 — *E filhos de Javan: Elisa e Tharsis, Cethim e Dodanim.*
- 8 — *Filhos de Cão: Cus e Mesraim, e Fut, e Canaan.*
- 9 — *E filhos de Cus: Saba, e Hevila, Sabatha, e Regma, e Sabathaca. E filhos de Regma: Saba, e Dadan.*
- 10 — *Porém Cus gerou a Nemrod: este começou a ser poderoso na terra."*

Não se dirá que seja um estilo muito ameno...

Os cronistas modernos são os historiadores de fatos que em geral não figurarão na historia. E, no entanto, escrevendo sob a impressão immediata dos acontecimentos e, tendo quasi sempre de se conformar ao gosto popular, traduzem mais vezes com fidelidade os sentimentos reais de cada época do que os historiadores, que chegam tarde e analisam friamente documentos já resfriados pelo tempo...

Os que mais tarde quizerem conhecer o que foi o Brazil *no tempo de Wenceslau* não perderão seu tempo, si lerem o livro de Paulo Barreto onde por toda parte se revela um escritor de raça, um puro homem de letras, leve, sutil, ironico; mas sempre conceituoso, sempre cheio de ideias.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE



VIDA OCIOSA

V

Volto ao café. Atravessando a casa, eu aspirei com prazer o recender a vassoura verde, que impregnava o ambiente, deixado pela varredura da manhã. Outras conhecidas notas caseiras, vinham augmentar minha sensação de tranquillidade e bem estar: cacarejos e pios no quintal, chios de filhotes de morcego entre a fuligem da telha van. Entrevi em sua placa o velho papagaio sorumbatico.

Na larga mesa da sala de entrada, já estava o bule fumegante, rodeado de pequenas canecas de louça e tigellinhas desbeigadas, com letreiros: "saudade" "amizade", tudo sobre uma grande salva de prata, ultima alfaia preciosa dos velhos tempos, de abastança, reliquia de familia, que desde tempos immemoriaes vinha de paes a filhos. Minha cadeira, forrada com um couro de cachorro do matto, fôra removida para ali. Ouvia-se na cozinha um estralejar de gordura frita, e d'ahi a instantes surgiu siá Marciana com um prato de biscoitos ainda quentes da panella.

Abanquei-me ao lado de Prospero, que estava solenemente assentado deante de um canecão cheio até á borda. Siá Marciana intencionalmente offereceu-me a tigellinha "Amizade" e passou-me os biscoitos fritos, sentenciando:

— Diziam os antigos, dr. Felix, que café deve ser assentado, assoprado e mastigado.

Sem cerimonias, puz deante de mim uma pyramide de biscoitos, e fiz o prato sensivelmente diminuido continuar o



gyro. Em movimentos rythmados, o canecão, especie de patriarcha do vazilhame, ia até os bigodes aparados do patriarcha da familia e voltava para a mesa. O velho Prospero bebia silencioso, com a uncção de quem segue um ritual. No espaçado e no calmo das idas e vindas, havia como que a affirmação segura de que Roma não se fez num dia e que mais tempo menos tempo se veria o fundo do canecão.

— Porque está quieto, sr. Prospero? perguntei-lhe para puxar palestra.

Pousou a vasilha, e voltando-se para mim, disse:

— Ando mais surdo estes dias, dr., e receio que minha prosa o incommode. Sei como é cacete conversar com surdos: é preciso gritar e ainda reter o riso, por causa dos disparates que se ouvem. No meu tempo eu tambem não gostava muito, e só conversava por espirito de caridade. Por isso julgo os outros por mim...

Rematou sorrindo, como quem conta com um protesto certo e delicado. Protestei e perguntei-lhe se o incommodo não o fazia soffrer.

— A's vezes entristece-me um bocado. A gente, dr., quando vae ensurdecendo, tambem vae ficando isolado. O som é um dos encantos de nossa vida e sentir-se elle esmorecer em torno de nós, é como sentirmos o afastar da vida. Com o som, os homens nos fogem, de sorte que vamos ficando trancados no silencio, como em uma nova especie de deserto. Mas emquanto eu tiver olhos para vêr minha velha, não desespéro... — E fitou maganamente siá Marciana, que lhe chamou enjoado, caçoando:

— Isso da surdez do meu velho, dr. Felix, acho que é um pouco de malandrice. Vêm aqui ás vezes umas caboclinhas bonitas, e com a desculpa de não escutar, elle vae renteando-as com desembaraço.

Houve risada, e o velho sentenciou, brejeiramente:

— Tudo neste mundo tem sua compensação. Essa é a da surdez. Deus quando dá o mal, tambem dá o consolo...

Contou-nos, em seguida, como começára aquillo, insensivelmente, affectando a um tempo os dois ouvidos, lá iam annos. Defeito imperceptivel a principio, foi-se aos poucos fazendo doença incommoda. Parecia-lhe que todo o mundo



falava enrolado, ou em lingua extranha. Um dia teve um raio de esperança. Estava sentado na eira, a apreciar a tarde, quando sentiu uma especie de estouro na cabeça. A surdez cessou instantaneamente, por milagre. Ficou com o ouvido apuradissimo como nunca o tivera. Ouvia nitidamente a conversa de dois canoeiros, ao longe, na curva do rio, e o chapinhar compassado do remo na corrente. Levantou-se exultante, tremulo, para dar conta, á "prima". do prodigio; nisto ouviu um segundo estouro, formidavel como um trovão. E desse momento em diante teve occlusão completa de um ouvido. O outro peorava lentamente.

— Dizem que os moribundos têm, ás vezes, visita da saude. Isso foi, decerto, a despedida do som.

Após essas palavras, o canecão, em repouso algum tempo, recomeçou seus pausados movimentos. Para espancar a nuvem melancolica trazida pelo assumpto, resolvi entreter os altos espiritos de Americo com um pouco de physica recreativa. Com garbo de prestidigitador arregacei as mangas, pedi um copo d'agua e meia folha de papel, e perguntei:

— Conhece a experiencia do copo invertido, cuja agua não se entorna?

Apenas de leitura. Mas não suppozera que fosse cousa facil de reproduzir.

— Pois atenção! Um, dois, e...

Fiz a sorte. O pasmo de Americo assumiu as proporções de extase.

—Sim senhor! Ora vê-se! Sim senhor!—era só o que sabia dizer, arregalando olhos admirativos.

Essas surpresas, que eu me divertia a provocar no espirito simples do Americo, constituiam um regalo de minha predilecção. Todavia, em minha convivencia com essas boas creaturas, mais de uma vez pungitivo remorso feria-me a consciencia. Parecia-me não haver lisura em meu procedimento, e que na corrente alternativa de provas amistosas que entreteem a verdadeira affeição, eu alli dava menos do que recebia. Sentia-me profundamente amado pelos meus amigos: era um filho dos velhos e um irmão do Americo; e, para mim, eram todos talvez mero divertimento; pois ana-

lysando, bem pela raiz, meu sentimento por elles, reconheceria serem os quitudes de siá Marciana, as historias de caça do velho e os espantos virginaes do Americo que o entretinham e viçavam — como a certas flôres, garbosas de louçainha e poesia, o estrabo infecto a que se lhe apresam as raizes. Depois de me doer e redoer com essas considerações, eu rematava commigo, para aligeirar escrupulos:

— Afinal, tudo na vida corta-se pelo mesmo modelo; e é avisado, para a não desvestirmos do seu florente recamo, que nos contentemos com aspirar a flôr dos sentimentos, gozando a sua superficialidade amavel, sem cogitar das putridas fermentações dos sub-solos. Se remorsos me pungem, não é que eu peque muito, mas porque vejo mais. Não ha como fluctuar á tona dos bons sentimentos, levados pela sua onda mansa, sem que lhes decomponhamos a estrutura elementar...

O canecão, mais uma vez esquecido durante os ultimos debates, já retomara seus movimentos regulares. Então Prospero pediu-me noticias da conflagração.

— Tudo na mesma, respondi; a Allemanha a investir e a vencer, e os alliados a cantar victoria. E' incrivel o como se morre por lá; cada dia são milhares de soldados que tombam.

— Coitados! murmurou siá Marciana.

Brincando distrahidamente com o copo, em cuja agua clara um raio de sol, chegando obliquamente, accendia rebrihlos alegres, disse-lhe que desejaria estar lá, nos mais fortes da refrega, para apreciar a hecatombe.

— Appreciar! estranhou a velha. Como pôde dizer isto de uma coisa tão triste!

— Siá Marciana, continuei, o homem é um animal perverso. Somos parentes da panthera e do jaguar, e ainda remanescem em refolhos mysteriosos de nossa alma, como uma ninhada de viboras numa greta de lapedo, velhos instinctos vivazes, mal acobertados pela fragilima côdea civilisada com que campamos na sociedade; é um velho legado de sangue, atavismos de indole, de que não nos poderiamos alijar em poucos milhares de annos — um minuto na evolução. Em nós ha rugidos adormecidos, crispações de garras



dissimuladas pelo medo no velludo macio das patas. Amamos o sangue e o spectaculo do soffrimento, das agonias horriveis...

Os velhos ouviam sorridentes, como se a minha lenga-lenga os divertisse. Lançado no thema, e um tanto pela vaidade de exhibir, ante a rustica simpleza, a minha natureza perversamente refinada de homem culto, continuei, a balançar ligeiramente o copo, a cuja beira uma mosca pousara:

— Embora o neguemos, é-nos uma volupia o spectaculo do soffrimento. O sentimento da commiseração é um enxerto das moraes doentias, e por isso como que nos demora apenas á flôr da pelle. Pois o preceito principal da nossa moral indestructivel e primitiva é que cada um de nós é o eixo, o nucleo da humanidade, a sua razão de ser. Só existe o nosso soffrimento. Cada um de nós tem todos os direitos imaginaveis sobre as pessoas e coisas que nos cercam. Sabemos que a luta é necessaria — pois desses fundamentos resulta um permanente e salutar estado de luta. Lutamos para a solução do unico problema que nos interessa: o da nossa felicidade pessoal. E, se tudo foi criado para nosso gaudio, tambem o soffrimento alheio, que não é a menor de nossas delicias. Que deleite estranho e sobrehumano o sentirmos — tigres travestidos de homens — a presa cobiçada impotente entre as nossas garras! E' um ser vivo que pensa ter os mesmos direitos que nós, e que, com toda a sua arrogante presumpção, está á nossa mercê. Saboreamos-lhe o susto, que se lhe accende no olhar esgazeado, voltado para nós a supplicar misericordia. — Não terás quartel! — respondemos, cravando-lhe agudamente o olhar impiedoso, para augmentar o terror. E, como requinte da voluptuosidade da carnagem, brincamos primeiro com a presa inermes, alentando-a a espaços com uma falsa esperança. Simulamos descuido: pensa que pôde fugir, tenta-o, mas reapoderamo-nos della. O terror cresce. E isto se repete indefinidamente. Sente, emfim, que tudo está acabado; e, esgotado pelo seu proprio excesso, o terror começa a esmorecer em desanimo, em conformidade... E, na sua passividade descorajada, nesse languecer de des-



alento, ha como o abandono voluptuoso de uma femea que se entrega...

Os velhos continuavam a sorrir. A' beira do copo, em cuja agua limpida uma flexa de ouro se abeberava, passeava a mosca confiadamente. Accendendo um cigarro prosegui:

— Então esgotaram-se os aperitivos preliminares, acabou-se a phase preparatoria. E' a grande hora. Ageitamos a victima para o sacrificio. Vamos saborear a agonia physica depois do soffrimento moral. Sedentos de sangue, e com frenesi de u mlascivo sedento de amor, cravamos-lhe os dentes agudos no flanco. Ha um ganir de dôr deliciosamente cruciante. Nervosamente afastamos com o focinho o lanho de carne arrancada, e applicamos a bocca sanguisudenta bem ao fundo da chaga, no esguicho da arteria rompida; empurramos o focinho soffrego até se justapor á ruptura dos tecidos, para que nós e a victima façamos um só todo, um caso delicioso de xyphopagia, de hermaphroditismo de nova especie, em que em vez da volupia se bebe a vida. Está formado o novo e estranho ser! Somos um! E nos nossos braços felpudos, que embalam e dominam, sentimos a victima barafustar impotente, com excitantes ralos de agonia, toda fremente, a estrebuchar, a estrebuchar, fazendo, a cada arranco, que o sangue borbote em golfadas mais avidas; e, quando o corpo afrouxado dá de esmorecer, num colapso, e o sangue flue moroso, reexcitamol-o com o entranhar nervoso das garras afiladas nas partes mais sensiveis, provocamos um ultimo e poderoso entesamento que nos jorra na guêla a ultima golfada quente. E enfim saciados, a cabeça torva, os sentidos preguiçosos, a volupia extincta, deixamos tombar dos braços, como uma trouxa inconsistente, o corpo da victima inanida, e a passo bambo, vamos enrodilhar-nos somnoentos á sombra acalentadora de uma grande arvore da espessura...

Num estouvado movimento cahiu n'agua a pequenina mosca. Como se debate afflictta! Estendo-lhe uma felpa da palha do cigarro como ponte salvadora. Toda de seu desespero, espolinha-se e não a vê. Não vá a pobrezinha afoagar-se!



— Pois somos assim. O medo das represalias, elle apenas, recalca-nos o natural bravio de besta-féra. Por isso a guerra é bella e natural. Traz a abolição momentanea de todas as ferropias, de todas as mentiras juridicas e moraes — hypocrisias de nossa falsa civilisação. Podemos ser tigres, ser humanos! Deixados á solta, como matilha desatrellada, nossos instinctos recalcados cevam-se em todas as grandes voluptuosidades: os estupros, os saques, as carnificinas, as labaredas incendiarias... Somos selvagens, somos barbaros, mas humanos. E' a grande vida natural que resurge, é a natureza que reivindica os seus direitos imprescriptiveis, é o eterno, o indestructivel, que fulgura á labareda dos incendios, no resplendor de uma incomparavel apotheose!

Afinal sentiu a mosca a fibra. Apegou-se a ella e começou a subir lentamente. Depul-a com cautela sobre a mesa. Andou um pouco, arrastando as azas pesadas. Tentou voar — cahiu. Espanejou-se, deu mais forte impulso, e librandose emfim no ar, alegremente vôou pela restea dourada, janelle em fóra, a seccar as azinhas humidas á luz gloriosa da manhã.

Os velhos continuavam a sorrir...

VI

Esvaziado o canecão, levantei-me, o que significava uma ordem para que cada um se desse ás suas occupações habituaes; era já combinação nossa, imposta por mim, para que não perdessem o dia rodeando-me, esquecidos de tudo. Prospero foi ver se ainda salvava alguns palmos de malha das rêdes rompidas pelos jacarés; siá Marciana dirigiu-se á cozinha, provocando, no caminho, a palra do velho papagaio, exgottado de velhice, que passava o dia a cochilar na placa da varanda; quanto ao Americo, ficou commigo. Aproveitei o momento para passar-lhe um pacotinho de pratas, uma especie de dadiva tira-remorsos, com que concorria, sem sciencia dos velhos, para o custeio da casa, afim de reparar o rombo que davam minhas visitas á caixa com-



mum; esse dinheiro apparecia como renda do negocio mal sortido, que dava uma porta exigua para a estrada. Americo, meio distrahido, e lançando um olhar vago para fóra, enfiou o rolete no bolso. Estava agitado, cogitabundo; por fim voltou-se para meu lado, e disse:

— Não sei se o José virá hoje; se o dr. permite, vou a casa delle saber.

— Pois não!

Americo calcou até ás orelhas um chapéo abudo, tomou um bengalão que figurava uma cobra enroscada num tronco — obra prima do seu canivete — e dirigiu-se para a cancella, que fechou sobre si.

José era um alumno, ou melhor, o alumno. Porque Americo ensinava. O quê, não sei. Por um certo pudor, se eu me avisinhava quando estava leccionando, parava, e por nada no mundo continuaria á minha vista, como quem se considera muito humilde para tão nobre empresa. A verdade é que no commodo de negocio, logar das aulas, eu via á hora da lição profusas bolas de tabatinga, de varios tamanhos, que representavam, talvez, os planetas conhecidos — o que me fazia temer pelo miolo do seu catechumeno.

Embora admittido gratis, era o José tratado com todas as considerações. Americo trazia-o nas palminhas como um bem mui valioso que é necessario conservar. Se cahia doente, velava-lhe á cabeceira, em afflicções paternaes; queria-o comsigo ás refeições, como pensionista semi-interno; e cedo eram inquietações de cada momento: o negrinho viria? não viria? (José era da côr da noite). Commigo mesmo baptizei o discipulo amado: "o hospede do Grande Hotel". A historia da alcunha dava panno para longa novella comico-sentimental. Em poucas linhas passo a tracejal-a:

O sr. João de Almeida vegetou trinta annos numas bibocas infrequentadas do sul de Minas. Assim vegetara seu pae, seu bisavô, seu trisavô, e assim vegetariam mais tarde seus filhos, se os tivesse; mas era apenas pae de nove filhas casadeiras, as mais velhas bem passadinhas, as mais moças passando, ou no viço e frescor dos melhores annos.



Naquelle desterro onde viv'alma não estanceava, que valia, porém, a graça, o viço, o desabrolhar de tantas louçainhas? Ai das nove filhas solteiras! Ai dos ricos encantos que se fanavam na solidão! Feiticeiros sorrisos, voluntariedades feminis, fanfreluches cheios de encanto, momos caprichosos, tudo que faz da mulher um entezinho appetecivel, estavam alli como certas flôres agrestes amoitadas no ermo, e que esterilmente perfumam o ar com suas delicadas caçcilas aromaes, sem um olfacto que as aspire, nem olhos éxtasiados a quem maravilhem. As nove flôres agrestes do sr. João de Almeida, tinham-se apenas, uma ás outras, como espectadoras invariaveis de tanto encanto desperdiçado na solidão, e sabe Deus se se contentavam com tão pouco! A melancolia daquelle destino infecundo azedava-lhes o genio, ao ponto que passavam os dias a unharem-se umas ás outras.

E o sr. João de Almeida, por fim, coçava a barba, pensativo. Gostava de passar os dias pitando seu cigarrão de palha, um tóco babujado que lhe filtrava doce quietude á alma, de envolta com a fumarada, acororado perto de uma bacia com brasas, a ralhar com os crioulinhos e a gritar com as novê; comprehendia agora, porém, que sua vida não podia cifrar-se naquillo. Esta idéa embutiu-se com tanto aferro no seu cerebro, que um dia resolveu quebrar as tradições da familia, tomando uma grande resolução. O proprietario de um grande hotel, numa villa de aguas, desejava pôr lavoura; João de Almeida deu o que tinha pelo hotel e freguezia, e despediu-se definitivamente do ermo agricola. Não vira solução mais acertada para seu caso melindroso. Pois um hotel, em tal ponto, é frequentado pelo escól da sociedade carioca e paulista, e alli, pondo á vista dos pensionistas as nove virtudes guerreiras enrijadas na vida da roça, não lhe seria difficil achar bons partidos matrimoniaes.

E lá se foram. Infelizmente, porém, o Grande Hotel andava desconceituado. O dono alienara-o para livrar-se do alcaide. Tinha o predio corredores immensos, quartos sem conta, refeitórios amplos, era todo largueza e amplidão, mas não appareciam veranistas que lhe viessem despertar



o silencio claustal, animando aquelles corredores, longos e vastos como arterias cortadas, com um pouco de sangue corrente de gente viva. Mais cogitativo que nunca, e a recoçar o queixo, João de Almeida resolveu installar a um canto um fogareiro, para sentir acalentar-lhe a melancolica desillusão um pouco de borralho, a cuja beira passava as horas interminaveis a cuspir o sarro do toco.

Um dia, não se sabe como, surgiu lá o primeiro hospede, homem dos seus quarenta. Foi um reboliço na casa. O sr. João gaguejava e errava o passo, e as nove musas, passadinhas ou não, ficaram num alvoroço de alleluias em tarde estiva, a trançar estonteadamente, pela casa, numa boa vontade de servir e agradar, que era para pôr um homem rendido. O sr. Garcia (era o nome do hospede) não podia queixar-se de mau tratamento. E' verdade que preferia menos reboliço e vae-vem pois, muito neurasthenico, fôra para calma dos nervos irritadiços que escolhera aquelle hotel desfrequentado. Só encontrava um pouco de bem-estar no ambiente sedativo dos logares ermos, na convivencia consigo mesmo em infindaveis meditações, em que o ondeante mover do pensamento parece fazer-se fóra do tempo e do espaço, e o espirito fluctua, frouxamente, como uma penumbra de crepusculo em nave abandonada. Com a sua chegada ao Grande Hotel, fez-se alli na sua paz morta e atmospheria de estupor, a vida que elle evitava. O toco do sr. João de Almeida lá ficou a tostar-se nas brasas esquecidas; na obrigação de dar prosa, não descollava do homem, interessando-se pela sua saude e familia e contado-lhe reminiscencias da lavoura. O sr. Garcia era delicado, e conversava. Se o hospede queria agua, o sr. João de Almeida berrava para os fundos: "Agua para o sr. Garcia!" A casa toda agitava-se, havia correrias, balburdia, rumor de luta, trinclidos de copos, gritos como éco: "Agua para o sr. Garcia!" E era um bater de portas, um alagar de torneiras, até que emfim, quando o sr. João berrava pela decima vez a reclamar a agua, apparecia uma das nove musas com um copo orvalhado numa salva, corada e pudica, e a fazer com os labios uns tregeitinhos graciosos, que eram para bulir

tentadoramente com um coração menos amante do ermo, como o do nevropathico pensionista.

O sr. Garcia ahi viveu, adorado, bemquerido, adivinhado, amimado, por espaço de algumas semanas; mas a situação tornava-se insustentavel; com receio de levantar celeuma, elle procurava conter até as mais urgentes necessidades corporaes. Chegava a passar fome e sêde. Um dia, por fim, com o mal incuravelmente aggravado, e com a obsessão das mais tetricas idéas, sahi do hotel subrepticamente, deixando a conta paga, e sumiu para sempre.

VII

Dos fundos da casa vinha-me sem interrupção o incansavel arrastar de chinellos de siá Marciana. O rangido da porta d'um velho armario, e um barulho secco de milho mexido, indicaram-me que ia tratar da criação de penna. Aquelle rangido conhecido alvoroçou o terreiro: ouviu-se um rumoroso frufutar de azas, pios, grasnidos. Cacarejante e em andar cauteloso, atravessou a casa, da frente para os fundos, uma gallinha cercada de pintos; ao cruzarme, deitou-me a matrona com desconfiança o seu olhar perscrutador, esse olhar lateral das aves, que parece exprimir simulação. Com o seu monotono *cro-cró*, saiu para o terreiro.

Fui-lhe na esteira, para apreciar o espectáculo. Ao atravessar a varanda, o velho papagaio que continuava a cochilar na placa, accordando em sobresalto caiu do poleiro, e com muito custo, á força de bico e de unhas, conseguiu grimpar pela correntinha e alcançar o pouso, onde continuou sua interrompida modorra de velho.

— Quit! quit! quit! — gritava siá Marciana da porta do terreiro, dando tempo a que chegassem os ultimos retardatarios

Debrucei-me á janella a cujo poial se acostava um longo caixote, onde vicejavam mangericões e fuchsias trepadeiras. D'ahi eu via o chão batido do terreiro, onde apenas medravam escassos caruru's e carrapichos de carneiro; e



além, o milharal já secco prompto para a colheita; os altos colmos vestidos de velhas folhas farfalhantes, afogava-os o feijão de vara subindo triumphalmente até aos pendões, enroscando-lhes suas espiraes fartas de folhas verdes, e pesadas de longos e oscillantes molhos de vagens. Entrelaçando seu caule voluvel com o do feijoal, e misturando as folhas verdes, alastravam trepadeiras florescidas, atabafando mais os colmos resequidos, que entreappareciam aqui e alli, estonteados e como faltos de ar, emergindo de sob aquella viridente alcatifa, profusamente estrellada de alegres campanulas roseas e azues. Cobrindo totalmente as achas da cerca, que dava para a rua, com seus fofos de verdura, um xuxuzeiro proliferava em pendentes pesos brancos, de aspera casca. Elle era a providencia d'aquelle lar de pobres. Xuxu's e peixes formavam o fundo certo da alimentação no Corrego Fundo. O mais era aleatorio, problematico. Que a pesca não ajudasse, e que um gume maligno desse um talho no delgado caule da planta, passariam talvez aperturas de fome, pois com os rendimentos do negocio não podiam contar. Uma miseria que nem daria para o pagamento do imposto, si o exactor tivesse a descaridade de exigil-o. Mas o peixe miudo continuava a apparecer, e o xuxuzeiro vicejava sem eiva, numa fructificação sobejante. Havia portanto o que comer.

Para ver-se livre da gallinhada, que se apinhara á orla de sua saia, siá Marciana atirou o primeiro punhado de milho bem longe, no terreiro. As aves em confusão precipitaram-se para o cevo, e num momento cessou todo o rumor de azas, apenas ouvindo-se as pancadinhas seccas dos bicos no chão apisoado.

— T'c, t'c, t'c — e nova mancheia atirada ao meio do bando num rumor espalhado de grãos caídos.

— Chit! — fez a velha enxotando do hombro uma franga imprudente que lhe tomara de assalto o cogóte — Esta Quíta é confiada, que um precipició. Bem sabe ella que é a minha predilecta. A culpa foi da creação.

E, continuando a atirar o milho, siá Marciana contou-me sua historia:



— Era um pintinho doente, morre não morre, que um dia de chuva encontrei encarangado e nu', largado da mãe, debaixo do assoalho. Foi creado á beira do fogo, muito embrulhadito é, á custa de mil cuidados, vingou. Com isso ficou mal acostumado. Cresceu mansinha e hoje é essa agarração que o sr. vê. Não sae da cozinha e dorme na taipa do fogão. Anda atraz de mim, que parece um cachorrinho; a cada momento preciso enxotal-a.

A lata cantou á saída do resto do grão atirado a esmo.

— Então chama-se Quita?

— Está extranhando? sorriu a velha. Minhas gallinhas teem todas nome de gente. Quem me deu a mãe d'esta com a roda de pintos, foi a Quita do compadre Elias. Aquelle gallo chama-se João de Mello — só porque este passou por aqui e o achou bonito. Alli está a Maria Flauzina, a Pinduca, a Amelia... Olha aquella arrepiada: tem um nome de homem... E' a Dr. Felix...

E tia Marciana riu alto.

— Meu nome? perguntei.

— Sim sr., porque estou reservando para o sr. Quero que tambem comece uma criação na sua casa, e o sr. sabe que gallinha, para ir adeante, é preciso que a primeira seja dada.

Deu-me ainda outras instrucções: que nunca eu chocasse numero par de ovos, senão gorava. O numero impar tinha virtudes, até nas creanças; nunca se vira nascer uma de 6 ou 8 mezes.

Num vôo pesado, depois de escolher posição, a Quita alcançou o braço de siá Marciana, onde ficou a bater asas, procurando equilibrio.

— Vem, tentação! fez a velha auxiliando-a a attingir o hombro.

A esse momento siá Marciana lembrou-se de uma operação que tinha de fazer. Acommodou a Quita na cozinha, e tirou de sob um jacá um frangote assarapantado. Munindo-se de tesoura e de agulha, veio sentar-se á porta do terreiro. O frango parecia doente, e fazia com o pescoço movimentos sacudidos, como para tossir, immobilizando-se depois com o bico aberto, anhelante.



— Ainda tem o pau atravessado no papo, este meu negro — disse ella acariciando-lhe a cabecinha.

Contou-me que se chamava Manequinho e que era, ha cinco dias, martyr do gallinheiro, desde que num accesso inconsiderado de gula abocara aquelle graveto. Nada que comia lhe parava no papo: vinham engulhos e vomitava. E o coitado, que era esganado, havia de sentir tanta fome! O resto da gallinhada já sabia aquillo, e, logo depois da ração matinal e da tarde, fazia-lhe numeroso acompanhamento á espera do vomito succulento. E o cortejo lá se punha em evoluções pelo terreiro, lento e expectante, o frango sorumbatico abrindo a marcha, com os engulhos, e as cabeças avidas a espreitar a hora, prestes para o assalto. Quando o vomito tardava, o augusto patriarca do quintal, o gallo João de Mello, bicava-lhe a cabeça afflictta, como a dizer-lhe que se apressasse, por favor, que aquillo de andar tanto, era, afinal, cansativo e aborrecido. Derepente, num engasgo mais forte, Manequinho estacava: era o despeja. Havia então um precipitar-se geral e desordenado; as aves premiam-no num assalto terrivel, pulavam-lhe ás costas; outras, mais soffregas, bicavam-lhe a lingua, e enfiavam o bico pela guela abaixo, de esganadas. Manequinho definhava. Aquillo não era vida!

Nesse dia siá Marciana resolveu livral-o do supplicio ou matal-o. Foi breve a operação: uma tesouradinha no papo, tirar o páo, uns pontos, tudo no meio de um exaggerado bater de azas. Emquanto isso, siá Marciana animava-o. Ia ver como a vida lhe mudava! Todo o dia, quando chamasse para o milho, não viria elle desconsolado, sem enthusiasmo, fechando a comitiva, como se acompanhasse ao proprio enterro; podia agora comer muito, quanto lhe appetecesse, até ficar com o papo tumefacto. Tivesse paciencia...

Um nó cego para rematar a costura e prompto. Acabou-se o estardalhaço de azas. E, como para demonstrar que a cesura não lhe diminuira a voracidade do costume, Manequinho entupiui-se do milho, que a velha lhe serviu no côvo da mão. Em seguida soltou-o. Onde caiu encorajou-se receioso. Mas as gallinhas começaram a avisinhar-

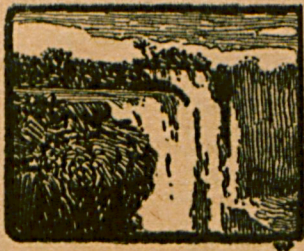


se. Rodearam-no. Premeram-no. Então, Manequinho poz-se a andar, recomeçando sua Via de Amargura. E lá ia o acompanhamento. Pelo terreiro fizeram as evoluções do costume. Manequinho á frente, desconsolado, inquieto, e o gallineiro todo atraz, com pausa e pertinacia. A's vezes, porém, notava-se em seu olhar uma fugidia expressão maliciosa, que parecia dizer: "Podem vir! Mas previno-lhes que perdem o tempo. Estão arranjados, si esperam a mamata do costume! Muitos dias regalei de grãos a vocês todos, com o maximo desinteresse; em vez de me agradecerem a magnanimidade, pagavam-me em maus tratos. Pois bem, já que foram tão ingratos, hoje acabou-se. Podem acompanhar-me quanto quizerem! isso até me distrae... E favorece o chylo. Façamos de conta que estamos fazendo a Avenida".

E, trocando com pachorra as longas pernas, guiava o povinho de pennas por todos os cantos e recantos do terreiro. Certo momento o gallo João de Mello foi-se-lhe pôr á beira, como para offerecer-lhe o braço. Mas não. Interprete do descontentamento geral da massa deu-lhe uma bicada de incitamento. Manequinho piou e abriu as pernas, correndo... A gallinhada atirou-se furiosamente ao seu encaço... Não vi qual foi o desenlace, porque o bando afastou-se, sumindo-se na horta.

(*Continúa*).

GODOFREDO RANGEL.



RESENHA DO MEZ

VICENTE DE CARVALHO

Vicente de Carvalho teve ha dias uma bella homenagem por motivo do apparecimento da terceira edição dos "Poemas e Canções". Valendo-se da oportunidade, os seus amigos e admiradores lhe offereceram um grande banquete e o seu busto, executado com arte pelo conhecido esculptor sr. Zadig. Toda a nossa sociedade associou-se a essa homenagem, que por isso resultou brilhante.



tissima. A Vicente de Carvalho deve ella ter sido particularmente grata, porque foi uma esplendida manifestação de sympathia e apreço, a que adheriram todos quantos presam as nossas letras. Valeu, além disso, por um attestado honrosissimo para o nosso meio intellectual, que assim demonstrou comprehender e admirar um grande poeta. Os successos de livreria que têm assinalado as edições dos "Poemas e Canções" só por si já testemunham a elevação literaria do nosso

meio — e a alta admiração e estima que o Brasil vota a Vicente de Carvalho. Mas, tratando-se de um poeta que aqui vive, e sempre aqui viveu e trabalhou, ficava bem, realmente manifestar essa admiração e essa estima numa grandiosa festa que marcasse época. Foi o que se viu, com applausos de todos.

O grande banquete offerecido a Vicente de Carvalho realisou-se no "Trianon", reunindo numerosissimos convivas, em nome dos quaes falou o sr. Reynaldo Porchat. O distincto orador referiu-se a varios aspectos da obra de Vicente de Carvalho, e concluiu assim o seu excellente discurso:

"Bem sei que Vicente de Carvalho não pôde ser admirado sómente na sua esculptural estatura de grande poeta. Mais predicados tem elle, que exornam distinctamente a sua personalidade.

O modelar artista da palavra em verso também foi emerito no contornear a phrase de prosador elegante. No conto, sempre ameno ao desatar o enleio da novella, vivaz ao debuxar os quadros e as pessoas, attrahente e natural ao desdobrar as scenas, em que o leitor se sente interessado e attento. Veja-se "Folhas Soltas". Jornalista de alta envergadura, vigoroso no ataque e dextro na defesa, a sua penná brilhante de polemista, e relampagueante de satyras, quer em prosa, quer em verso, deliciau e dominou, em largo periodo, a opinião publica que o cercava.

Politico republicano de tempera rija, desses raros que o peso das batalhas nunca verga, e que mais se enrijeem, quanto mais accendem as discordias, a sua passagem pelo Governo do Estado deixou rastros de luz que o dignificam: foi o precursor da obra grandiosa de Cesario Motta, na Hygiene, tendo estudado e lançado as bases do Hospital de Isolamento, do Instituto Bacteriologico e do Instituto Vaccinogenico; trouxe para S. Paulo notaveis especialistas, que impulsionaram os trabalhos scientificos agora tão admiravelmente desenvolvidos: Lachaut, na chimica, Le Dantee, o mais querido discipulo de Pasteur, na bacteriologia, Gorceix, na instrucção publica. Nunca poderá ser esquecida a sua dedicação e o seu esforço para dominar o terrivel flagicio de febre amarella, que assolava algumas cidades do Estado.

No fóro, foi a sua carreira sempre illuminada de saber e cimentada de honra. Advogado, perito nas leis e no direito; magistrado de limpida integridade, é hoje parte desse corpo de sacerdotes impollutos da justiça, que, na Camara Civil do Tribunal de São Paulo, glorificam o nosso Estado e honram o poder judiciario do Brasil.

E sobre tudo isso é o Pai de Familia, exemplar e inexcedivel, no carinho do lar, onde se desatam todas as meiguices, que florescem nas virtudes do seu coração affectuoso e bom.

Vicente de Carvalho:

Sois tambem grande amigo. E dos amigos, todos admiradores do vosso merito, são estas minhas pobrissimas palavras, sinceramente ditas. Não precisaveis desta homenagem. Já sois um immortal. As Academias de Letras já vos consagraram, acolhendo-vos em sua galeria e coroando-vos de louros.

Mas nós queremos tambem deixar, nas paginas adamantinas da historia de vossa vida, o marco de uma festa de sympathia e de carinho, offerecendo-vos, nesta recepção cordial, e neste modesto bronze, a

significação da nossa pura amizade e da nossa convicta admiração.

E desempenhando-me do honroso mandato, em palavras tão mingua-das para tão alto assumpto, eu vos saúdo como o homem de bem, o inspirado poeta lyrico e naturista que, no conceito valiosissimo de Eulydes da Cunha, nobilita o nosso tempo e a nossa terra”.

Falou tambem em nome da cidade de Santos, o sr. Heitor de Moraes, cuja oração foi muita applaudida, como já o fóra a do sr. Porchat.

Vicente de Carvalho, agradecendo a festa, disse estas bellas palavras:

“Meus senhores.

Não sei bem, para fallar-vos com sinceridade, como exprima o confuso sentimento que me inspira a reunião de tantas sympathias associadas em torno dos versos e da pessoa de um poeta. A significação do vosso apreço, não a devo encarecer, que fóra immodesto; mas não a posso e não a quero amesquinhar, que fóra ingrato. Esta prova do vosso apreço, não a recebo como o applauso de um grande publico, que não sois, a um artista triumphante, que não sou. Sei que de um pequeno grupo de amigos, de amigos dedicados, partio a iniciativa desta demonstração de apreço em que tão expansivamente todos vos associastes; sei que, crescendo embora até avultar na multidão em que hoje me rodeaes, aquelle grupo inicial não perden o seu caracter puramente affectivo. Vejo e quero ver, em todos vós, amigos naturalmente generosos para com um amigo. Mas, e com estas palavras me dirijo não só a vós, presentes, mas a tantos outros que, ausentes, se affirmaram solidarios comvoseo, a vossa reunião é, tão largamente e por tantos titulos, representativa da sociedade em que vivemos, que eu sinto misturar-se á minha gratidão pela generosa amizade alguma coisa que se parece com um resquicio de orgulho. Perdoai-o a um poeta que, por premio de toda a alma que tem vindo a gastar em versos atra-

OPHIR ⁽¹⁾

E' conhecido o pluri-secular debate acerca da região denominada Ophir, aonde Salomão mandava buscar ouro e pedras preciosas. A opinião mais corrente entre os commentadores biblicos é a de que se trata da Arabia. A nova edição da *Encyclopedia Britannica*, e o *Dicionario da Biblia* editado por Hastings, e outras obras modernas, referem-se a uma opinião que chamam "recente", segundo a qual Ophir ficaria na Africa, na região de Sofala.

Esta opinião "recente", que os criticos inglezes parecem conhecer apenas pelos trabalhos de Theodoro Bent e pela novella de Haggard "*As minas de Salomão*", tem pelo menos quatro seculos na literatura portugueza, como vamos ver.

Entre os escriptores quinhentistas nota-se tambem grande hesitação quando ao local de Ophir. Camões, por exemplo, colloca-o em Sumatra, seguindo assim a Josepho. Da mesma opinião é frei Amador Arraiz. Mas Samuel Usque, evidentemente um dos escriptores que influíram no espirito de Camões, falando de umas nuvens "louras da cor do puro ouro de Ophir", explica em nota marginal que Ophir era Sofala. (*Dial. I, p. 5*). E no mesmo dialogo, repetindo as mesmas palavras na pag. 10, verso, explica: "Sofala, terra da India"

A expressão "terra da India" não nos deve espantar, uma vez que a India, para os antigos, era uma designação vaga que abrangia mais ou menos toda a região do oceano Indico. Vergilio refere-se a ella nestes termos: "*India... Oceano propior, extremi sinus orbis*". *Georg. II, 122*. — Ainda Garcia da Orta, protestando contra os hespanhoes que blasonavam de *las Indias Occidentales*, diz: "não tam somente não sam as vossas terras Indias;

(1) Appendice aos "Commentarios" ao canto X dos *Lusiadas*, obra a sair dos prélos da Casa Weiszflog, com varias gravuras e as duas trichromias adiante reproduzidas.

antes nunca forão sabidas dos antigos, nem o Brazil; se lhe não quiserem chamar Indias, por serem terras inotas e distantes". (*Col. 34*).

O mesmo escriptor diz que "a Etiopia era chamada India dos antigos". Isto levou o conde de Ficalho a eserever uma erudita nota, de que transcrevemos uma parte: "O nome de India deriva-se geralmente da palavra sanscritica *sindhu*, que significa torrente caudalosa e larga, ou por analogia o mar, e se applicou especialmente ao grande rio do noroeste, estendendo-se ás terras que limitava. *Sindhu* converteu-se em *Hindu*, e esta fórma no *Indós* dos gregos, e no *Indus* dos latinos, chamando-se a terra para além do Indus, *Indikê* e India. A designação de India alargou-se primeiro a toda a Peninsula, a India propriamente dita, ou *aquem do Ganges*, como a define Ptholomen; e depois vagamente ás terras *além do Ganges*, e mesmo á China. Alargou-se tambem para occidente, abrangendo em alguns escriptores a Ethiopia — *Indiam omnem plagam Aethiopiae accipimus*, diz Servius. D'aqui vieram as designações de *India major* e *India minor*, e uma *India tertia*, que incluía ás vezes Zanzibar. A palavra tornou-se em certos casos tão extensa, que alguns auctores dividiam o mundo conhecido em Europa, Africa e India, tomando-a como synonymo de Asia. Em todo o caso, uma parte da Africa foi abrangida pelo nome de India, e é neste sentido exacta a phrase de Orta: "A Etiopia era chamada India dos antigos".

Do testemunho de Samuel Usque, que tem no caso um valor especial, visto que se trata de um judeu muitissimo conhecedor da literatura hebraica, passaremos para o de João de Barros. Tratando das mesmas ruinas de que falam a *Encyclopedia Britannica* e os escriptores inglezes, diz o historiador:

"Tem outras minas em huma Comarca chamada Toróa, que per outro nome se chama o Reino de Butua de que he Senhor hum Principe per nome Burron vassallo de Benomotápa, a qual terra he vizinha a



outra, que dissemos ser de grandes campinas, e ESTAS MINAS SÃO AS MAIS ANTIGAS que se sabem naquella terra, todas em campo. No meio do qual está HUM FORTALEZA QUADRADA, toda de canteria de dentro, e de fóra, mui bem lavrada de pedras de maravilhosa grandeza, sem apparecer cal nas juntas della, cuja parede he de mais de vinte e cinco palmos de largo, e a altura não é tão grande em respecto da largura. E sobre a porta do qual edificio está HUM LETREIRO, que alguns Mouros mercadores, que alli foram ter, homens doctos, não souberam ler, nem dizer que letra era; e quasi em torno deste edificio em alguns outeiros estam outros á maneira delle no lavramento de pedraria, e sem cal, em que ha huma torre de mais de doze braças. A todos estes edificios OS DA TERRA LHE CHAMAM SYMBAOE, que ácerca delles quer dizer Corte; porque a todo lugar onde está Benomotápa chamam assi; e segundo elles dizem, deste, por ser cousa Real, tiveram toda las outras moradas d'El Rey tal nome. TEM HUM HOMEM NOBRE, QUE ESTA' EM GUARDA DELLE ao modo de Alcaide mór, e a este tal Officio chamam Symbacáyo, como se dissessemos guarda de Symbaoe, e sempre nelle estam algumas das mulheres de Benomotápa, de que este Symbacáyo tem cuidado. QUANDO OU PER QUEM ESTES EDIFICIOS FORAM FEITOS, como a gente da terra não tem letras, NÃO HA ENTRE ELLES MEMORIA DISSO, SOMENTE DIZEREM QUE HE OBRA DO DIABO, PORQUE COMPARADA AO PODER, E SABER DELLES, NÃO LHES PARECE QUE A PODIAM FAZER HOMENS; e alguns mouros que a viram, mostrando-lhe Vicente Pegado, Capitão que foi de Cofala, a obra daquella nossa fortaleza, assi o lavramento das janelas e arcos, pera comparação da canteria lavrada daquella obra, diziam não ser cousa pera comparar, segundo era limpa, e perfecta. A QUAL DISTARA' DE CÖFALA PERA O PONENTE PER LINHA

DIREITA POUCO MAIS OU MENOS CENTO E SETENTA LEGUAS, em altura entre vinte e vinte e hum grãos da parte do Sul, SEM PER AQUELLAS PARTES HAVER EDIFICIO ANTIGO, NEM MODERNO, PORQUE A GENTE HE MUI BARBARA, E TODAS SUAS CASAS SÃO DE MADEIRA; e per juizo dos Mouros que a viram parecer ser cousa mui antiga, e que foi alli feita pera ter posse daquellas minas, que são mui antigas, EM AS QUAES SE NÃO TIRA OURO HA ANNOS, por causa de guerras. E olhando a situação, e a maneira do edificio mettido tanto no coração da terra, e que OS MOUROS CONFESSAM NÃO SER OBRAS DELLES, E MAIS POR NÃO CONHECEREM OS CARACTERES DO LETREIRO, que está na porta bem podemos conjecturar ser aquella a regiam que Ptholomeu chama Agysymba, onde faz sua computação Meridional; porque o nome della, e assi do Capitão que a guarda, em alguma maneira se conformam, e algum delles se corrompeo do outro. E pondo nisso nosso juizo, PARECE QUE ESTA OBRA MANDOU FAZER ALGUM PRINCEPE, QUE NAQUELLE TEMPO FOI SENHOR DESTAS MINAS, COMO POSSE DELLAS, A QUAL PERDEO COM O TEMPO, E TAMBEM POR SEREM MUI REMOITAS DE SEU ESTADO: CA' POR A SEMELHANÇA DOS EDIFICIOS PARECEM MUITOS A OUTROS, QUE ESTAM NA TERRA DO PRESTES JOÃO EM HUM LUGAR CHAMADO ACAXUMO, QUE FOI HUMA CIDADE CAMARA DA RAINHA SABA' a que Ptholomeu chama Axumá, e que o principe Senhor deste estado o foi destas minas, e por razão dellas mandou fazer estes edificios do modo que nós ora temos a fortaleza da Mina, e esta mesma de Cofala''.

Desses dizeres de Barros concluimos:

1.º Que ha quatro seculos existiam ruinas de uma fortaleza e edificios adjacentes, a cerca de 170 leguas de Sofala.

2.º Que essa fortaleza tinha na porta um letreiro que mouros entendidos não puderam decifrar.

3.º — Que a fortaleza tinha o nome de Symbaœ, que é hoje o nome da região, e que esta palavra significa *côrte*.

4.º — Que ha quatro seculos ninguem sabia quando e por quem foram construidas essas edificações.

5.º — Que ha quatro seculos essas ruinas, consideradas quanto á edificação, destoavam completamente das rusticas habitações de madeira dos habitantes da região.

6.º — Que os aborigenes as consideravam tão estranhas e tão superiores á sua arte incipiente de construcção, que as reputavam obra do diabo, porquanto a julgar os demais homens por elles proprios, não havia humanos capazes de tal empresa.

7.º — Que as minas adjacentes estavam abandonadas havia muitos annos.

8.º — Que os mouros confessam não ser obra delles.

9.º — Que no conceito de Barros devia aquillo ter sido obra de um principe de região remota para assegurar-se a posse das minas.

10.º — Que a edificação se parece com as de "Acaxumo", na Abissynia, a qual foi "Cidade camara da rainha Sabá".

11.º — Que apesar de tudo João de Barros não pensa em Salomão, como sendo o principe que fez as obras, mas em um outro que seria o senhor daquellas regiões, o que nos leva a enxergar que as suas conclusões, tão curiosas, não eram fructo de uma idéa preconcebida com relação a Ophir.

A 1.ª *Decada* de Barros foi publicada em 1553. As conclusões, portanto, dos ingleses, de que as ruinas são *kraals* ou aldeias hottentotes de 300 ou 400 annos de existencia, são absolutamente falsas, porque ha quatrocentos annos já eram ruinas inexplicaveis aos naturaes e aos mouros.

Passemos agora á *Ethiopia Oriental*, de frei João dos Santos, publicada em 1609. O capitulo XI do livro II é do seguinte teor:

"Perto da povoação de Massapa está uma mui alta, e grande serra, que se chama Fura, d'onde se descobre muita parte do reino de Manamotapa, e por esse respeito não consente o rei que os portuguezes subam a esta serra, por lhe não cubiçarem a grandeza e fermosura de suas terras, onde estão escondidas tantas, e tão grossas minas de ouro. No alto desta serra estão ainda em pé uns pedaços de paredes velhas, e umas ruinas antigas de pedra e cal, que bem demonstram estarem allí já casas, e aposentos fortes, cousa que não ha em toda a Cafraria; porque até as casas dos reis são de madeira, barradas com barro, e cobertas de palha. Dizem os naturaes destas terras, e particularmente alguns mouros antigos, que têm por tradição de seus antepassados, que aquellas casas foram antigamente feitoria da rainha de Sabbá, e que d'aqui lhe levavam muito ouro pelos rios de Cuama abaixo, até o mar Oceano Ethiopico, pelo qual navegavam em navios indo sempre correndo a costa da Ethiopia, até o mar Roxo, e entrando por elle acima, navegavam até chegarem ás praias que confinam com as terras do Egypto, onde se desembarcava todo este ouro, e d'alli o levavam por terra até a corte da rainha Sabbá, a qual diziam fóra rainha e senhora de muita parte da Ethiopia do Egypto, e que por este mar Roxo mandava suas armadas, buscar o ouro destes rios. No que eu tenho pouca duvida, porque esta opinião é de gravissimos auctores nossos, que dizem que a rainha Sabbá foi senhora da Ethiopia do Egypto, como são o glorioso S. Jeronymo sobre o propheta Sophonias, e Origenes sobre os Cantares, e Josepho no livro das antiguidades Judaicas. E além disso ainda hoje ha uma nobilissima cidade na Ethiopia, que antigamente se chamava Sabbá, situada em uma ilha que faz o rio Nilo, mui nomeada, e contada entre as cousas notaveis d'aquella região, assim por sua fertilidade, como por ser mui povoada, e frequentada de varias nações de gente. A esta cidade Sabbá mudou o

nome depois um rei deste reino, chamado Cambisses, e chamou-lhe Méroe, em memoria de uma irmã sua, a quem amava muito. Fazem menção dessas cousas Plinio, Strabo, Josepho e S. Jeronymo, e outros muitos auctores. Donde se collige ter muito fundamento o que se diz acerca dessa rainha da Ethiopia pode ter sua feitoria nesta serra da Fura, donde lhe levassem o ouro.

Outros dizem, que estas ruínas foram feitoria de Salomão, onde tinha seus feitores, que lhe levavam muito ouro destas terras, pelos mesmos rios abaixo, até saírem ao mar Oceano Ethiopico, e pelo mesmo mar navegavam, até entrar pelo estreito do mar Roxo, e que desembarcando nas praias da Arabia, junto a Suez, o levavam porterra até Jerusalem, que são oitenta leguas de caminho, pouco mais ou menos. Dizem mais, que o ouro de Ophir, que levavam a Salomão, era desta terra, a que chamam Fura, ou Afura, e que pouca differença vai da Afura a Ophir, o qual nome andará já corrupto pela mudança dos tempos e edades que de então até agora correram. Eu não sei com que fundamento estes dizem uma cousa e outra, sómente sei dizer que ao redor desta serra ha muito e fino ouro, e que daqui podia ir por estes rios abaixo neste tempo, como agora vae por via dos portuguezes, e antigamente ia por via dos mouros de Moçambique e de Quiloa, antes que os portuguezes conquistassem estas terras. E assim como agora todo este ouro que sae destes rios vae para a India, assim podia ir até o cabo do Estreito do mar Roxo, e dahi até Suez e até Jerusalem, como fica dito. A qual navegação se devia fazer em muito tempo, porque então não estaria esta viagem tão sabida como agora, nem tambem haveria tão boas embarcações e pilotos, como hoje são os que sabem esta carreira, e tambem pelo muito tempo que se devia gastar emquanto se ajuntava e resgatava o ouro da mão dos cafres, porque ainda hoje que as minas estão mais sabidas e a cubiça dos cafres mais accessa no desejo de

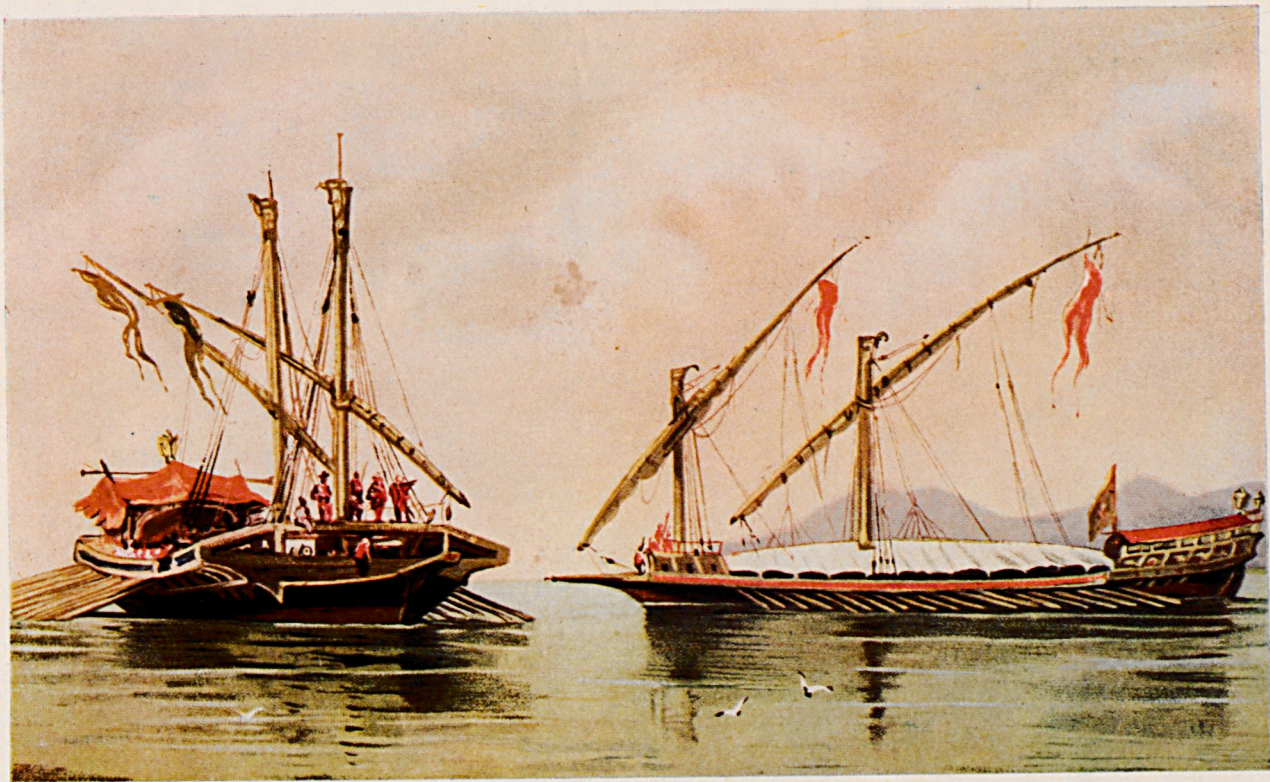
possuir as contas e roupas que os portuguezes de continuo levam a suas terras, todavia gastam os mercadores neste trato um anno e mais sem acabarem de vender suas mercadorias, por causa de serem os cafres muito preguiçosos em cavar a terra para buscarem o ouro, porque o não fazem senão constringidos pela necessidade. Além disso gasta-se muito tempo na viagem que se faz assim pelos rios, como pelo mar Ethiopico, o qual se navega com muitos contrastes, por causa dos tempos differentes que n'elles se esperam, porque em toda esta costa de Ethiopia se navega sómente com dois ventos que duram seis mezes da banda do Levante, e outros seis do poente, a que chamam monções. Pelo qual respeito invernam as embarcações muitas vezes nesta costa”.

O capitulo XII do mesmo livro continua a tratar do assumpto:

“Já temos visto no capitulo atraz, quantos impedimentos e detenções tem a navegação que os portuguezes hoje fazem da India para estas minas de ouro do Manamotapa. D'onde se pode colligir que no tempo de Salomão devia esta viagem ser ainda mais vagarosa e perigosa do que agora é, assim pelas razões allegadas no capitulo passado, como tambem porque a sua frota não podia navegar pelo mar Roxo de noite, senão de dia, por causa das muitas ilhas e baixos que nelle ha, e desta maneira devia gastar muito tempo, e além disso, quando navegasse pela costa da Ethiopia devia fazer muita detença em tomar os portos, concertando e reparando nelles suas embarcações, e provido-as de mantimentos e agua, marinheiros e pilotos, que as fossem guiando até os rios de Cuama; pelo que não é de espantar que se gatassem nella os tres annos que diz a Sagrada Escriptura. O que se deve entender em ir e vir, e em ajuntar o ouro da Fura e as mais cousas desta região, que se levavam a Jerusalem.

Prova-se mais poder vir a frota de Salomão a esta costa da Ethio-

Galeras hespanholas do seculo XVI, apud MODESTO LAFUENTE



• Vestido o Gama vem ao modo Hispano (peninsular),
Mas Francesa era a roupa que vestia,
De cetim da Adriatica Veneza,
Carmesi, côr que a gente tanto preza ». (II, EST. 97).

« Nos de sua companhia se mostrava
Da tinta que dá o murice excellente
A varia côr que os olhos alegrava ». (IDEM, EST. 99).

« Treme a bandeira, voa o estandarte,
A côr purpurea ao longe aparecia ». (II, EST. 73).

m
1
2
3
4
5
6
7 unesp
10
11
12
13
14
15
16



«Purpureos são os toldos, e as bandeiras
Dô rico fio são que o bicho gera».

(VII, EST. 74).

Gravura aproximada de uma nau em festa, de acôrdo
com alguns dados historicos e com as caravelas de Colombo
e galeras hespanholas, como vêm na *Historia de Hespanha* de
Modesto Lafuente, vol. VII e VIII.

pia buscar ouro da Fura, pois também levava pedras preciosas, madeira para o templo, bogios e pavões, como consta de alguns logares da Escriptura; as quaes cousas todas se acham nesta costa, como são perolas finas, e aljofar, que se pescam do parcel de Sofala, entre as ilhas Bocicas, de que já fallei; e a rica e preciosa madeira dos matos de Tebe, que estão entre Sofala e os rios de Cuama, em que eu já estive, onde se fazem embarcações de um só páu cavado por dentro, que tem vinte braças de comprido, pouco mais ou menos; e também em muitas partes desta costa, se cria e colhe muito e fino páo preto, que se leva para India, e vem para este reino. E quanto aos pavões, posto que os eu não visse nestas terras maritimas, contudo não devem faltar pela terra dentro, porque alguns cafres della tenho visto com penachos na cabeça de pennas de pavão mui conhecidas. Pois bogios são infinitos em toda esta costa da Ethiopia, de castas mui differentes. Já no ouro não fallo, porque ha grande copia delle em todo este territorio da Fura. Nem menos da fina prata de Chicova, onde sabe que ha ricas minas, como adiante direi. Assim que todas estas confrontações parece que provam ser esta terra da Fura a verdadeira região de Ophir. O que também se pode confirmar com o texto da Sagrada Escriptura, onde diz que Salomão enviava suas náos em busca de ouro a Tarsis a qual região intendem os gregos por Africa, onde estão as minas da Fura, de que estou fallando. Esta opinião segue Raphael Valaterrano, dizendo que muitos tiveram para si que Ophir era uma parte da Ethiopia, situada no mar de Sofala. Isto mesmo affirma Ludovico Veneto, no tratado que fez da sua navegação.

Outros auctores têm differentes opiniões, entre os quaes S. Jeronymo diz que Heber, patriarcha dos Hebreus, teve dois filhos, um chamado Phaleh e outro Jactan, os quaes lhe nasceram no tempo que foi a divisão de todas as linguas

em Babylonia, e que Jactan teve treze filhos, e dois delles Evila e Ophir foram habitar as terras da India, que estão do rio Ganges até Malaca, e por respeito destes dois homens chamavam ás terras do Ganges a região de Evila, e do Ganges, até Malaca, a região de Ophir. Deste antigo fundamento parece que veio a dizer Josepho que a região de Ophir, d'onde levavam o ouro a Salomão, era a ilha de Samatra, situada na India, na costa de Malaca. Esta opinião segue também Rabano, auctor grave, dizendo que Ophir (que) é uma ilha deserta do mar da India, onde ha muitas feras e muito ouro, a qual tomou nome de Ophir, filho de Jactan. O mesmo diz Nicolau de Lyra. De modo, que desta opinião se collige, que Ophir está na India, e que deve ser a ilha de Samatra, o qual Josepho diz que se chama a terra aurea. Vatablo Parisiense vae por outra via mui differente, e diz que Ophir é uma ilha situada no mar do Sul, descoberta por Christovam Colombo, a que chamou Spagniola, mui abundante de fino ouro, e mui distante de Asion Gaber, menos provavel, pois sabemos que madas de Salomão partiam a buscar o ouro; e porquanto esta ilha estava tão longe, tardavam as náos tres annos em ir e vir. Esta opinião é menos provavel, pois sabemos que esta navegação da Arabia para o mar do Sul não se podia fazer senão pelo mar Oceano Ethiopico, até o cabo da Boa Esperança, e dahi atravessando aquelle grande golfão até o estreito de Magalhães, por onde havia de entrar e sair. A qual navegação não estava ainda descoberta, porque muito tempo depois descobriu Fernando de Magalhães este Estreito, que foi no anno do Senhor em 1520, no mez de Setembro. Pelo que tem pouco fundamento a opinião deste auctor. De modo que todos os que tratam desta materia differem no sitio e região de Ophir. E finalmente não determinando eu esta questão, digo que a serra de Fura, ou Afura, podia ser a região de Ophir, d'onde se levava o ouro a Jerusalem; pelo

que se pode dar algum credito a quem diz serem estas casas feitoria de Salomão, pois estavam na Fura, e o ouro que levavam era de Ophir; nem eu sinto outras minas mais perto, d'onde podesse ir ouro a Jerusalem; e neste tempo podia Salomão ter o commercio e trato que hoje têm os portuguezes nestes rios". (Da edição popular *Luciano Cordeiro*).

Diogo do Couto, abundando nas mesmas razões de frei João dos Santos, também colloca Ophir nesta serra de Afura.

Estamos certo de que se os inglezes tivessem conhecimento destas paginas esquecidas da literatura portugueza, não teriam recebido com tanta pressa as conclusões do sr. Rendall, a saber — que as ruinas de Sofala devem ter de trezentos (!) a quatrocentos annos.

Ha quatrocentos annos já eram, repetimos, ruinas que apontavam para tempos immemoriaes. Quanto a isto, não pode haver a menor duvida.

OTHONIEL MOTTA

MISSÕES DE PROFESSORES PAULISTAS

Não são poucos os professores primarios do Estado de São Paulo que teem ido a outras regiões da Republica para organizarem escolas e deixarem-n'as funcionando de accôrdo com o que a experiencia adquirida ha indicado como o mais viavel, entre nós, em materia de ensino propriamente e nas questões de administração escolar.

Varias teem sido, pois, as commissões desempenhadas por professores sahidos alguns da Escola Normal Secundaria de São Paulo, outros das antigas Escolas Complementares, e também das Normaes Primarias.

Lembro-me da missão Cardim, no Espirito Santo, em que o sr. prof. Carlos Augusto Gomes Cardim, actual director da Escola Normal Secundaria da Capital, desempenhou a respeitavel incumbencia de introduzir e divulgar naquelle Es-

tado, os methodos de ensino postos em pratica entre nós, devendo ao mesmo tempo dar uma organização moderna ao aparelhamento escolar espirito-santense. Considerando os obstaculos que sempre surgem diante destes nobres esforços e a incompreensão de grande parte do povo a respeito do valor do problema dos ensinos preliminar e complementar, e levando-se ainda em conta os elogios recebidos das autoridades do sobredito Estado pelo digno funcionario paulista e a sua competencia em assumptos pedagogicos, é de crer tenha feito obra de monta que, se não prosperar, nenhuma culpa lhe cabe por isso.

Commissionado também para coisas de ensino estabeleceu-se em Santa Catharina, baluarte do germanismo no Brasil segundo se propala, o Director do 1.º Grupo Escolar do Braz, sr. prof. Orestes Guimarães. O enviado paulista aproveita-se actualmente, no cargo de Inspector Geral do Ensino no Estado do Sul, em applicar a sua intelligencia e longa pratica no desenvolver as escolas primarias brasileiras e, o que é melhor, em criar o sentimento nacional pelas localidades onde a preponderancia do elemento estrangeiro é tanta que ali, mais do que em nenhuma outra circumscripção do territorio patrio, torna-se assás difficil resolver o arduo problema da assimilação do elemento immigratorio. A incuria quasi secular da politica brasileira em attender a estas questões, acarretou para a geração actual, e quiçá para as futuras, um caso dos mais graves que se não decidirá sem energia e constancia sobretudo, attributos estes não muito proprios da nossa gente.

O sr. prof. Orestes Guimarães está em Santa Catharina auxiliado por outros formados de São Paulo e, parece vão cumprindo o seu fim. O que se torna de necessidade e urgencia absolutas é intensificar o movimento escolar naquelle Estado, pois enquanto nós brasileiros discutimos se a criação de escolas é ou não da competencia federal, es-





tadual ou municipal, se se deve fazer a revisão constitucional, quem será o presidente no proximo quadriennio, a opinião do sr. deputado X e outros pontos de igual quilate; o estrangeiro pratico e malicioso, sem perda de tempo e sem palavrorio, funda escolas, cria instituições, propaga os seus usos e a sua lingua, organiza *de facto* ... contando com a nossa proverbial ingenuidade. Entretanto a conflagração européa veio bem claramente mostrar quejando é o reverso da medalha da qual os povos, em tempos de paz, costumam a apresentar-nos somente o anverso brilhante e enganoso.

De modo que aos professores nossos em Santa Catharina está reservado um papel importantissimo e eminentemente patriotico e o seu trabalho vem sendo observado com immenso carinho pela parte sã do Brasil.

Outra missão, para outras bandas, constituiu-se pelos srs. professores Leovigildo Martins e Gustavo Kuhlmann, idos ambos ha tempos para Mato-Grosso. Ignoramos a acção desses moços paulistas naquelle colossal Estado, mas, ao que me consta, occupavam cargos elevados na administração escolar e assim poderiam ter exercido uma influencia benefica, lutando aliás com enormes difficuldades se considerarmos a extensão do territorio, pouca densidade e atrazo da população e ainda a praga da politica-gem e dos levantés armados, desmoralizadores dos nossos creditos e attentatorios dos nosso foros de povo civilizado, servindo apenas interesses transitórios e mesquinhos de chefetes sem escrupulos e sem a minima dose de civismo.

Quando o Ministerio da Marinha quiz dar uma organização melhor ás Escolas de Aprendizes Marinheiros, partiu para o Rio de Janeiro o sr. prof. Arnaldo Barreto que então exercia, em São Paulo, o cargo de Inspector Escolar. Dada a capacidade especial do commissionado, um dos melhores professores paulistas senão a mais completa organização pedagogica que já

sahiu das nossas Escolas Normaes, era de esperar da commissão do digno Inspector um proveito extraordinario. O sr. prof. Arnaldo Barreto levou como auxiliares muitos professores de São Paulo e, fazendo do Rio de Janeiro o centro de operações, deu principio ao seu vasto plano de reformas radicaes, depois de uma série de contratempos. Uma vez organizada a escola do Rio, as outras começavam a se modelar por ella, quando o Chefe da missão recolheu a São Paulo e bem assim quasi todos os seus companheiros, ficando no entanto alguns moços aggregados a diversas Escolas de Aprendizes Marinheiros do paiz.

O sr. prof. dr. Luiz Piza Sobrinho esteve em Alagoas, durante bastantes mezes, iniciando aquelle Estado nos segredos da arte de ensinar e nos negocios referentes á organização e administração escolares. E' um moço intelligente, conhecedor dos habitos das nossas escolas e naturalmente muito se esforçou em prol do desenvolvimento da instrução publica alagoana.

Em commissão pedagogica tambem esteve, em Sergipe, o auctor destas linhas. Tendo o presidente daquelle Estado, dr. José Rodrigues da Costa Doria planejado reformas no ensino sergipense, abrangendo o ensino secundario (Atheu Sergipense), o pedagigo tecnico (Escola Normal) e o primario, dirigiu-se ao Director Geral do Ensino de São Paulo por intermedio do deputado federal por aquelle Estado, o sr. pharmaceutico Pedro Rodrigues da Costa Doria, a fim de obter um professor paulista, sendo então indicado o meu nome para a tarefa de pôr em execução a parte relativa aos ensinos normal e primario. Exercia eu então o cargo de Director do Grupo Escolar da Avenida Paulista, tendo partido logo para Aracaju' onde cheguei a 5 de Agosto de 1911. O presidente dr. Doria mostrou-me os planos que elaborára, demo-thes alguns retoques e o trabalho de remodelação inaugurou-se sem demora na Escola Normal e no Grupo Modelo An-

nexo. As difficuldades que soem apparecer nessas occasiões iam sendo vencidas aos poucos e tudo denunciava um futuro de grande progresso, pois uma vez assentadas as bases e preparado um nucleo de mestres intelligentes (e os havia), a tarefa, á medida que se complicasse pelo arranjo de maior numero de escolas, simplificar-se-hia pelo lado da introdução de methodos e processos mais consentaneos com o maximo aproveitamento do esforço do mestre no desenvolver o character e a mentalidade do alumno.

A seára prometia farta messe e os corações bem intencionados abundavam em fagueiras esperanças quando, a 24 de Outubro de 1911, o governo mudou. O novo presidente, fructo do militarismo de então, não justificou os elogios que Euclides lhe fizera nos "Sertões", e entrou para a chefia do seu Estado com um rompante offensivo e inutil. Não me convindo ficar em Sergipe, pedi a rescisão do contracto, e senti deixar um inicio promissor de reforma pedagogica a favor da qual tinha posto todas as minhas forças e um enthusiasmo aliás mal comprehendido de muitos.

Em compensação frequentemente recebo daquelle recanto do Norte, livros, folhetos, consultas, estatisticas, noticias varias que provam que o impulso primeiro foi mais ou menos aproveitado e que os quasi tres mezes de trabalho intensissimo se não perderam de todo.

Em Março de 1916 recebi de Aracaju' do actual presidente de Sergipe, um honroso convite para mim, nestes termos: "Desejo saber se posso contar com o vosso valioso concurso como director da Instrução Publica deste Estado, cargo que brillantemente exercestes governo Doria. No caso affirmativo, rogo-vos dizer as condições e se vossa vinda depende de permissão do governo de São Paulo. — Oliveira Valladão, presidente de Sergipe".

Transcrevo para aqui o telegramma apenas para mostrar que houve quem soubesse interpretar convenientemente os meus actos, em

1911, o que já é um consolo para um quasi mallogro de missão pedagogica.

Ora tudo que atrás referi vem a pêlo, neste artigo, para justificar a seguinte affirmação: os resultados das missões paulistas não teem correspondido ao que dellas se esperava. As causas disso são multipas e vamos tentar passal-as em revista.

Um facto salta logo aos olhares do observador e é o excessivo regionalismo de certos habitantes, patrios nossos, não permittindo um recebimento como convinha fosse feito aos que de uma zona vão a outra levando o animo de trabalhar, mais nada. Muitas ninharias apparecem, as intrigas maçantes se levantam, a politicagem sordida volta-se para o estrangeiro (!) a quem se atiram, nos jornaes, artigos insultuosos e semelhantes productos da imprensa. Não se diga que nos devemos collocar acima destas coisas; não ha duvida que assim é, mas tambem é certo que, por detrás das lamas, muita má vontade se occulta e isto aborrece; demais, todo o intrigante e calumniador tem o seu pouco de psychologia para saber que não ha juizo, falso que seja, que não deixe traço no espirito alheio e, assim, contrariam-nos sobremaneira.

Quer-me parecer que, sem uma certa unidade de vistas nas classes dirigentes dos varios Estados que desejem cuidar de instrucção, não será jámais possivel criar esse meio sympathico, propicio a qualquer trabalho serio, maxime da natureza de obra tão delicada como é o ensino publico.

As mais das vezes essas tentativas falham porque os agrupamentos politicos fazem dellas eixo para séries de explorações inconvenientes e mesmo indignas, e resulta que não pôde haver continuidade administrativa: cada governo tem a sua reforma pedagogica, modificando por completo o que o antecessor estabelecera e, ainda peor, mudando quasi todo o pessoal cuja escolha

obedece mesmo a manejos e arranjos onde absolutamente se não atendem os interesses publicos. O interesse publico! Isto é assumpto de que se não cogita.

Tambem não é lá tão facii ao governo de São Paulo encontrar professores que reunam os muitos requisitos exigidos para se proverem cargos tão importantes; os que temos estão collocados e se não querem aventurar por ahi além. Ha necessidade, para as missões, de homens entendidos em administração escolar e dispondo de orientação pedagogica; que sejam peritos mestres e tenham ainda iniciativa, muita energia para vencerem os contratemplos; outrosim possuidores de uma certa finura diplomatica, etc.

Todavia professores desta tempera não os ha por aqui em abundancia, antes pelo contrario, são até raros; os que existem ou estão occupados e não desejam sair, salvo por uma paga inconveniente ao Estado que convida, ou então são professores que se orientaram já para outras carreiras por attenderem a que o magisterio está com o seu futuro comprometido, pois ao contrario do que devia ser e se dá em todas as demais profissões e em toda a parte, os ordenados diminuem constantemente, sob desvairados pretextos. Para fugirem de uma semi-indigência na velhice, num Estado de vida cara como o nosso, os elementos mais aproveitavéis poem-se a salvo, enquanto é tempo, com graves prejuizos para a mentalidade da classe.

Além disso tudo, um professor só, ou com alguns auxiliares, não perde pouco tempo e mesmo gasta boa parte da sua energia, até familiarizar-se com os novos companheiros do Estado para onde fôr a missão pedagogica.

Sou, conforme se vê, contrario ás idas de professores paulistas para outros pontos do Paiz, assim como sou contra as vindas de professores estrangeiros ao Brasil, por verificar a insubsistencia do trabalho que produzem, destinado a desaparecer uma vez terminada a tare-

fa de que elles se achavam encarregados.

Como, porém, não devemos destruir sem que reconstruamos, nem condemnar o que está estabelecido sem termos coisa melhor para offerecer, eu aponto outro caminho a seguir e, segundo penso, muito mais proveitoso do que o até agora trilhado e bem mais conveniente para ambas as partes contractantes, isto é, a população do Estado que solicita e o governo de São Paulo. Esta via nova consiste em mandarem os Estados que pretenderem ficar ao par da situação do ensino aqui, uma turma de tres a quatro mestres primarios, observadores, afim de que vejam as nossas casas de instrução publica, o frau de progresso das mesmas e a sua influencia no meio social; apprehendam o que houver de melhor no nosso organismo escolar e, de volta ás suas terras, adoptem o que seja adaptavel e se constituam nucleos das idéas que formaram quanto ao nosso ensino e sua efficiencia.

O Paraná acaba de seguir essa trilha, pois não faz muito esteve em São Paulo uma commissão de ensinantes primarios daquelle Estado e pena foi que o nosso M. D. Governo lhe não facilitasse uma visita a alguns estabelecimentos do interior, dignos de apreciação pelo seu trabalho honesto e bem orientado. Acabo de ler nos jornaes a chegada de uma sra. professora que, commissionada pelo governo do Maranhão, acha-se em São Paulo, a serviços do ensino: muito bem.

Eu mesmo, quando em Março de 1916 o sr. general Valladão mandou-me o delicado convite para voltar a Sergipe tratei de fazer sentir a s. exa. que a orientação mais proveitosa para aquelle Estado, ou para qualquer outra circumscripção do Paiz, era a consistente em remetter uns mestres primarios que aqui vissem de perto, durante alguns mezes, o que temos feito no assumpto.

São faceis de descobrir as vantagens desse novo systema; ellas dizem respeito ao ensino, á administração e ao professorado.

Quanto ao ensino propriamente,

isto é, á applicação de nossos methodos e processos pedagogicos, desde logo se verifica que a vinda de professores produzirá, na sua volta ao torrão natal, uma adaptação immediata do que fôr viavel e mais com ajustamento ás condições geraes da vida regional, não ficando, porisso, as novidades, a modo de enxertos exóticos e sem eficiencia. Além disso o nucleo de professores modernizados terá um caracter permanente o que não acontece agora, com qualquer missão paulista, a qual terá sempre os olhos voltados para São Paulo.

As vantagens relativas á administração são as decorrentes da economia com que se formará um professorado apto; fica mesmo relativamente mais barato para um Estado manter alguns mestres aqui entre nós, por algum tempo, do que subsidiar um enviado pedagogico ou uma comissão de professores paulistas. E noto ainda vantagens quanto á melhoria das informações sobre aquillo que fazemos e quanto á fiscalização da tarefa de reforma, mais completa tratando-se de funcionarios habituados aos costumes dos respectivos Estados.

Com referencia ao professorado são grandes os proveitos que decorrem do systema que aponto. Em primeiro lugar os professores passeiam um pouco; passeiando, ficam conhecendo centros mais adiantados onde verificarão e adquirirão outros habitos de trabalho; todas estas observações trazem aos visitantes um estimulo suave e fructificador por virtude de sentirem elles claramente a obra feita, o esforço realizado, o que foi effectuado e o que ainda ha por fazer, não conhecendo apenas de outiva estas questões de ensino publico, organização de escolas, preparo do mestre e muito principalmente o seu character, a sua disciplina e o seu preparo geral e technico. E' essa convivencia num meio progressivo e que os filhos de outras terras brasileiras encontrarão aqui, que nós iremos sentir entre outros povos de adiantamento superior, muito superior mesmo ao nosso,

quando os governos de São Paulo enviarem os nossos professores aos paizes de cultura pedagogica intensa.

S. Carlos, 1917.

CARLOS DA SILVEIRA.

BIBLIOGRAPHIA

Historia da Revolução de Pernambuco em 1817 do dr. Francisco Muniz Tavares, 3.^a edição commemorativa, revista e annotada por Oliveira Lima.

Acontece com os episodios historicos o mesmo que, não raro, acontece com os individuos: ou têm a fama maior que a sua importancia real, ou têm uma importancia real maior que a fama. O povo, como qualquer critico ou historiador imparcial, deforma tudo que lhe atravessa o espirito, pondo ou tirando-lhe alguma coisa... E' quasi uma lei da natureza humana.

Vêde, por exemplo, o que se dá com estes dois episodios notaveis da historia patria — a Inconfidencia Mineira e a Revolução Pernambucana de 1817. Vivem ambos no espirito publico com os vultos trocados: a Inconfidencia é um acontecimento grandioso, e a Revolução Pernambucana um motim local sem grande relevo, quando a verdade historica é precisamente o inverso. A Revolução Pernambucana foi o movimento nacionalista mais serio que, antes de 1822, abalou a Colonia, reduzindo a um fio os liames que nos prendiam á Metropole, ao passo que a Inconfidencia Mineira não passou de uma vaga aspiração intellectual. Tudo, na Revolução Pernambucana, homens e factos, attingiu a uma altura que a Inconfidencia Mineira nem de longe rasteou. A Revolução Pernambucana obedeceu a um largo plano separatista e teve a seu serviço meia duzia de homens de acção, homens por varios titulos superiores, emquanto a Inconfidencia Mineira, mal servida de homens de acção, sem uma cabeça orientadora, nem sequer chegou a

concretisar-se em factos, diluindo-se, como um sonho luminoso, no espirito dos que a conceberam e recomendando-se á memoria dos posteror apenas pelo soffrimento de alguns dos implicados e pelo fim tragico a que levou o Tiradentes, cuja leviandade de palrador impenitente um subito arranço de heroísmo em face da morte resgatou, dando-lhe em meio a covardia geral, um destaque varonil e amortalhando num clarão de gloria a sua insignificancia pessoal.

Mortes mais bellas, heroismos mais altos pontuam entretanto a Revolução Pernambucana, sem que o mesmo relevo hajam alcançado até hoje no espirito publico. O padre Roma, por exemplo, cuja morte lembra a de Ney, pois como o bravo dos bravos elle proprio dirigiu o destacamento incumbido de o fuzilar, ordenando-lhe que visasse direito ao coração, é um typo de uma rara nobresa moral e nada fica a dever, em elevação de sentimento, em serenidade de animo, em intrepidez de caracter, aos maiores martyres politicos que honram a historia das outras nações. Muito longe, todavia, está a sua gloria de emparelhar, no espirito publico, com a do Tiradentes, quando, se a gloria fosse uma função exacta do merecimento, á deste devera de muito sobrepujar.

Não se pense disto que reputamos desarrazoado o culto nacional á memoria de Tiradentes. Não. Achamos apenas que esse culto devia ser repartido — e não o é — por outros que, tanto como o Tiradentes e alguns mais do que elle, legaram ás gerações actuaes uma herança grandiosa de serviços e de exemplos, de civismo e de nobresa. E' uma injustiça que temos o dever de apagar. Apagal-a-emos no dia em que estudarmos, sem preconceitos de qualquer especie e de ouvidos fechados á voz dos apolo-gistas, a historia real dos dois episodios.

Quanto á Revolução Pernambucana, esse estudo tornou-se facil hoje graças á Historia de Muniz Tavares, que é um depoimento pes-

soal prestado com a maior isenção de espirito e com o maximo respeito á verdade. Essa Historia acaba de ser editada pela terceira vez e vem acompanhada, na ultima edição, de preciosas annotações do nosso eminente collaborador sr. Oliveira Lima.

Quanto á Inconfidencia, andam esparsos ainda os elementos de estudo, mas não é difficil reunil-os. A boa vontade de qualquer estudioso, com um pequeno auxilio do governo do Estado, poderá levar a effeito, em pouco tempo, essa tarefa. Nem faltam em Minas espiritos esclarecidos capazes de fazer para o seu Estado o que Oliveira Lima acaba de fazer para o delle. Não ha época aliás mais propicia para uma empreza deste genero. Estamos todos empenhados em despertar o sentimento nacional, mostrando ao brasileiro que elle só tem motivos para amar a sua patria e para della orgulhar-se. Ora, não ha meio mais pratico de o conseguir do que dando a ler aos brasileiros a historia dos seus antepassados. Elles verão que o heroísmo de fóra tem sido mais apregoado, mas não é maior do que o da sua casa e que para accender o seu enthusiasmo e alimentar a sua admiração não é preciso abrir as janellas e espiar para o terreno do visinho...

Poucas leituras serão neste momento mais proveitosas do que a da Historia da Revolução Pernambucana.

O sr. Oliveira Lima, anotando-a com o cuidado que costuma pôr em todos os seus trabalhos historicos, prestou ás nossas letras e ao paiz um dos mais valiosos serviços que lhe podia prestar.

MOVIMENTO LITERARIO

Projecta-se uma grande festa em homenagem á poetisa Francisca Julia. Por iniciativa do sr. Simões Pinto, director do semanario *A Vida Moderna*, ser-lhe-á offerecido um bello brinde, realisando-se

então um sarau literario e artistico em sua honra. Não ha quem deixe de applaudir calorosamente essa homenagem á grande poetisa dos *Marmores*, que o Brasil inteiro conhece e admira.

* * *

Deve apparecer por estes proximos dias o novo livro de versos de Amadeu Amaral — *Espumas*. Com uma linda capa desenhada por Wash Rodrigues, *Espumas* está sendo carinhosamente editado por forma a poder garantir-se desde já que será um bello livro. Contém numerosos versos inéditos, entre os quaes o “Açude”, que por gentileza de Amadeu Amaral póde a *Revista do Brasil* offerecer agora aos seus leitores.

* * *

Annuncia-se tambem um livro muito interessante: *Os Lusíadas*, pelo sr. Othoniel Motta, professor do Gymnasio de Campinas. E’ um grosso volume, de commentarios aos *Lusíadas*, apresentando muitas notas importantes á comprehensão do poema de Camões. Além de varias illustrações no texto, os *Lusíadas*, que estão sendo editados pela Casa Weiszflog Irmãos, trarão as duas admiraveis trichromias, que os leitores encontram neste numero. Ainda por amabilidade do sr. Othoniel Motta, a *Revista do Brasil* publica um dos capitulos da sua obra, que diz respeito á debatida questão de Ophir.

* * *

A apparecer tambem por estes dias, a *Torre Encantada*, do sr. Homero Prates, que está sendo artisticamente editada nas officinas do *Estado de S. Paulo*. A capa é desenho do distincto pintor sr. Fisher Elpons.

* * *

Verão é o titulo de um livro de versos que o nosso collaborador, sr. Martins Fontes, tem em preparo. Delle podemos dar aos leitores uma amostra, publicando as poesias que o sr. Martins Fontes assigna paginas atraz.

* * *

O sr. Valdomiro Silveira vae emfim reunir em volume os seus contos regionaes que têm sido tão apreciados. *Lereias* será o titulo desse interessantissimo livro de que a *Revista do Brasil* já publicou um conto — *Desespero de amor*.

* * *

O sr. Humberto de Campos, tambem nosso collaborador, tem a sahir do prélo um livro em prosa: *Da Seara de Booz*, que certamente está destinado ao mesmo successo que têm tido os seus versos.

MACHADO DE ASSIS

Já está publicado o quarto volume da “Sociedade de Cultura Artistica”, com as conferencias sobre Machado de Assis alli realisadas pelo sr. Alfredo Pujol. E’ um bello volume de 370 paginas, onde, em sete conferencias, o nosso director versa todos os aspectos da obra admiravel do grande escriptor brasileiro, illustrando o seu trabalho de diversas gravuras e numerosas notas inéditas. Entre estas ha duas cartas, dirigidas pelos srs. Medeiros e Albuquerque e Constancio Alves ao sr. Alfredo Pujol, ácerca das suas conferencias, e que julgamos interessante trasladar para aqui. Escreve o sr. Medeiros e Albuquerque:

“Meu caro Alfredo Pujol. — Recebi hontem a sua terceira conferencia do curso Machado de Assis. A Sociedade de Cultura Artistica está erigindo a Machado de Assis o melhor dos monumentos. Elle terá, mais cedo ou mais tarde, o calunga de bronze, que lhe é devido em uma praça publica. Não será, porém, a homenagem intelligente que você lhe está prestando, e excede qualquer outra. A proposito de Machado de Assis, ha uma nota que eu sempre julguei justa, no livro do Sylvio Romero.

Trata-se de uma coisa que era difficil dizer, emquanto elle estava vivo. Não sei se você conheceu o Sylvio de perto... Era um sujeito

excelente, bom, affavel, acolhedor, alegre, tão aggressivo quando escrevia, como meigo na intimidade. Tinha, porém, uma idolatria feroz pelo Tobias Barreto. Ora, para elle, Machado commettera o grave crime de haver obtido mais successo que Tobias. Se o Machado dissesse que era discipulo de Tobias, no dia seguinte Sylvio o acharia genial. Mas, emfim, no livro mediocre que o Sylvio escreveu sobre o Machado, elle fez uma observação interessante. Disse que o estylo do Machado era o *estylo de gago*. Disse-o, é claro, só por maldade, para lembrar ao Machado o seu defeito. Mas eu acho que a observação tem um fundo physiologico justo. Cada um, pensando, pensa com as phrases que está habituado a formar, que pôde formar, naturalmente. E' bem sabido que os oradores, cujo folego é extraordinario, (voê o sabe melhor do que ninguem) teem a natural tendencia a fazer as longas phrases, os grandes periodos, cheios, amplos, redondos. E' natural que um gago — o Machado não o era de todo — faça phrases curtas, hesitantes; diga e corrija; vá e venha com a phrase. Exactamente pelo seu natural desejo de esconder um pouco o defeito natural, elle nunca se atirava a fazer phrases muito longas. Isto não tira o encanto real, a originalidade do estylo de Machado, que conseguiu fazer servir esse defeito á formação de um estylo gracioso e original. Para bem entender um estylo, vale a pena ás vezes tomar um imitador. O imitador exaggera. A esse respeito, creio que vale a pena ler o livro de contos de Pedro Rabello, *A Alma Alheia*. E' o *pastiche* mais perfeito que eu conheço do estylo do Machado. Uma nota ainda: o Machado devia ser do typo *visual*.

Certo dia, elle me chamou na rua para contar-me este factó: disse-me que, na vespera, á tarde, quando voltava para casa, vira no largo da Carioca um sujeito, que elle conhecia. Conhecia; mas não sabia de onde. Rodou em torno do sujeito, fazendo um grande esforço de me-

moria para lembrar-se onde o vira, até que, de subito, achou: — Ah! é o Raposo, do Medeiros!" Eu tinha publicado, dias antes, na *Revista Brasileira*, um conto — *As calças do Raposo*. Lendo-o, Machado de Assis evocara um certo typo para o meu Raposo. Fora esse typo que elle julgara reconhecer no homenzinho do largo da Carioca. A anedocta me parece significativa. Se, á simples leitura de um trabalho de valor muito secundario, elle evocava um personagem com tanta nitidez que o julgava encontrar na vida real, é bem evidente que devia evocar perfeitamente os dos seus livros, com os quaes convivia por mezes ou annos. Medite nestas duas observações. A primeira desagrada, mas me parece justa. Servir-se de um orgam imperfeito, para com elle fazer uma coisa perfeita, é um grande merecimento. Positivamente, uma pessoa sem folego *não pensa phrases longas*. Embora não as profira em voz alta, a falta de sopro a impede de fazer, mesmo mentalmente, phrases que excedam a sua capacidade respiratoria. Mas... porque lhe escrevo eu tudo isto? — Porque é um excellento pretexto para estar um pouco em sua companhia. Do velho amigo, Medeiros e Albuquerque. — Siracusa, 31 de janeiro de 1916."

Em sua carta, o sr. Constancio Alves, diz:

"... O que talvez possa servir a V. como informação puramente anedoctica ou suggestiva, é a phrase (que me foi transmittida por Capistrano de Abreu) com que Raul Pompeia definia Machado de Assis: "escriptor correcto e diminuido". Nesse juizo ha, principalmente, malicia derivada de divergencias fundamentais: de uma incompatibilidade de espiritos, de um antagonismo de sensibilidades, e de uma differença de attitudes relativamente a acontecimentos sociaes e politicos do Brasil. Ao artista trepidante, entusiasta e arrebatado d'*O Atheneu* e dos folhetins do *Jornal do Commercio*, eram intoleraveis a alma contida, a inspiração vigiada, a correção meticulosa do creador de *Braz*

Cubas. Raul, nos seus ultimos annos, viveu inteiro na agitação da vida politica, e Machado de Assis, que ha muito deixara de azorregar saltimbancos, estava á margem dessa corrente e observava em silencio, de longe e do alto, a sua furia espumante. Raul, fervoroso jacobino, allucinadamente florianista, via em Machado de Assis o monarehista, o conservador, o aristocrata, o insensível ás vibrações do nativismo salvador...

Mas não é raro encontrar na malevolencia a verdade. V., que está estudando, com tanto carinho e tão fina agudeza intellectual, a obra de Machado de Assis, examinará aquella definição formulada com intuito depreciativo e dirá se Raul teve ou não razão: se Machado de Assis, á força de se corrigir, não se diminuiu, se não sujeitou o seu talento a uma lapidação excessiva, se não podou deshumanamente a sua obra — no interesse de sua perfeição, mas com prejuizo da sua espontaneidade — tolhendo a encantadora incorrecção de arvore, que alonga ramos indisciplinados carregados de flôres e de fructos irregularmente dispostos.

Cabe a V. julgar se o proposito visível na obra de Machado de Assis. de constranger, de attenuar o que nelle havia de *sympathia* por seus semelhantes, não o diminuiu pelo menos como inventor de typos.

Lady Macbeth exproba ao marido o ter nutrido a alma com o *leite da ternura humana*, porque isso era um obstaculo a seus planos criminosos. A observação é justa. Mas esse leite, que não presta para o alimento de ambiciosos não será o principio vital das creações literarias? E não parece que as de Machado de Assis se resentem de ter bebido aquelle leite misturado com agua?"

NOTAS DE SCIENCIA

A PARALYSIA INFANTIL

A'cerca deste interessante assumpto encontramos numa revista norte-americana um artigo, escripto

a proposito de uma epidemia de paralytia infantil que se manifestou ha um anno em Brooklyn, Estado de Nova York, e rapidamente invadio quasi todo o territorio dos Estados Unidos. A epidemia não foi sómente notavel pelo numero de casos, que excederam de 7.000, mas tambem pela proporção enorme de casos mortaes, sendo de notar ainda que quasi todos os sobreviventes ficaram paralyticos inteiramente ou pelo menos de um membro. Ora, o artigo a que alludimos, publicado pela importante "American Review of Reviews" mostra que ensinamentos se pôdem tirar dessa mysteriosa epidemia que periodicamente surge nos Estados Unidos. Segundo as estatisticas do Departamento de Hygiene de Nova York, oitenta e cinco por cento dos casos eram de creanças abaixo de seis annos, e em cada cinco casos tres creanças eram do sexo masculino. Essa doença, que tem hoje o nome de poliomielite, não é doença nova, pois desde tempos immemoriaes se registam casos isolados della.

O que fez chamar a attenção agora sobre essa paralytia e baptisala com um novo nome, foi a forma epidemica e contagiosa que assumiu, de sorte a representar um grande perigo social. Até agora os medicos mais illustrados confessam francaamente não saber a origem e as causas dessa molestia, e para elles a prophylaxia e a cura della são igualmente problematicas e nebulosas. O que se pôde affirmar com toda a segurança é que a poliomielite é devida a um germen pathologico, a um microbio que se encontra não sómente nos organismos doentes, mas ainda nas secreções mucosas das fossas nazaes e da bocca de pessoas que embora sans tenham tido contacto directo com os doentes. Assim, estes ultimos podem transmitir o microbio pathogenico, de sorte que o contagio se faz de preferencia para os organismos debeis e predispostos, o que explica que sejam as creanças as mais facilmente affectadas por esse mal. Nos adultos a infecção se limita ás fossas nazaes, ao passo que nas crean-

gas em geral attinge o cerebro e a medulla espinhal, determinando a paralyasia. Esta é a theoria adoptada pela maior parte dos medicos norte-americanos que têm feito estudo especial da mysteriosa molestia. A Sociedade Norte-Americana de Hygiene Publica, porém, entende que são os insectos ou outros animaes os agentes necessarios da diffusão do mal, embora não haja ainda prova disso.

Experiencias clinicas realizadas sobre macacos demonstram que a poliomielite é transmissivel mediante contagio directo, pois adoeeceram da molestia os macacos cuja membrana nazal tinha sido posta em contacto com as materias infecciosas. Ha, porém, extranhas circumstancias que levam a crêr exactamente no contrario. Assim, por exemplo, as estatisticas da ultima epidemia demonstram que de 7.000 casos estudados em Nova York, 6.521, ou sejam 96,6 0/0 se limitaram a um só membro da mesma familia. Em 205 familias houve dois casos, e sómente em 22 familias os casos de poliomielite foram de tres ou mais. Não é improvavel que os casos multiplos occorram por infecção simultanea e não pela transmissão de um doente para outro.

Nas pequenas comunidades suburbanas poude-se mesmo estabelecer com absoluta certeza que a creança doente não estivera em contacto directo com outra pessoa atacada de poliomielite ou em que a doença se tenha desenvolvido mais tarde. Assim, pois, parece demonstrado que a infecção se transmite as mais das vezes por pessoas sans, o que difficulta enormemente a fiscalisação e a lucta contra a insidiosa molestia. Os medicos norte-americanos não desesperam, porém, de encontrar algum meio seguro para distinguir os diversos graus de susceptibilidade e para descobrir os portadores da infecção. Além disso, estão se realisando nos Estados-Unidos estudos com o fim de obter a immuidade contra a molestia. Além do tratamento passivo adoptado na maior parte dos casos, verificou-se que algumas vezes é efficaz na cura

da poliomielite o uso de um sôro obtido com o sangue de pessoas immunizadas, isto é, que tenham sido já atacadas por essa molestia, mas tenham sarado della. Esse sôro é injectado na espinha dorsal, antes que a paralyasia se manifeste, e em numerosos casos esse tratamento, embora não seja infallivel, tem sido coroado de successo. As consequencias da poliomielite, mesmo no caso da molestia não produzir a morte, são gravissimas, pois quasi sempre os doentes ficam paralyticos definitivamente. Em 2.715 individuos examinados em Nova York, nada menos de 1.885, ou sejam 2/3 são absolutamente incapazes de andar; 530 têm os membros inferiores paralyzados parcialmente; e 273 têm um braço ou ambos os braços paralyzados. Em numero restricto de casos se registaram melhoras e até curas completas, mediante applicações electricas e outros remedios. Mas, apesar disso a cura da poliomielite é ainda incerta.

A VISTA DAS CREANÇAS

Observações medicas recentes demonstram que em 23.000.000 de creanças que frequentam as escolas norte-americanas, cerca de 3/4 estão em más condições physicas e pelo menos 1/4, isto é, 5.000.000, têm defeitos na vista. Essas perturbações em precoces do orgam visual — lemos numa revista medica de Nova York — podem ser o prenuncio de graves molestias, capazes de acarretar mais tarde a cegueira. E' sabido, entretanto, que muitas dessas perturbações visuaes das creanças são susceptiveis de melhoras ou de correção completa, desde que sejam curadas a tempo. Deixando de lado o perigo da cegueira, consideremos sómente a situação dolorosa em que se achará o individuo que por causa do enfraquecimento de sua vista não possa trabalhar e ganhar a sua vida como os outros. E' grave o damno moral e mais grave ainda o damno economico que resulta dahi, repercutindo ambos sobre a sociedade. E por-

que? Porque o mestre escola sup põe que o exame da vista lhe faz perder mais tempo, prejudicando a lição da arithmetica ou da grammatica. Ou porque uma municipalidade de idéas acanhadas não sabe calcular o resultado economico para o individuo e para a escola do dinheiro dispendido com o serviço de inspecção medica das escolas. Ou ainda porque progenitores ignorantes e teimosos não prestaram ouvidos ás pessoas que os preveniam contra o mal.

A's proprias creanças se deveria, entretanto, desde as classes mais elementares da escola, dar algumas noções sobre os perigos das doenças e sobre os modos de evitar os contagios; o ensino deveria ser feito por meio de lições, como o da geographia ou da arithmetica, e de maneira quanto possivel interessante e simples. No que toca á conservação da vista, dever-se-ia, antes de tudo, dar a conhecer aos mestres os elementos da hygiene ocular e o modo de descobrir os primeiros symptomas de qualquer perturbação, por meio de um exame diario meticuloso. Depois dever-se-ia ensinar as creanças a ter cuidado com os olhos, a conserval-os limpos, a laval-os sempre, não enxugal-os nunca com pannos sujos nem tocal-os com lenços de outrem. Nas classes superiores outras noções mais completas deveriam ser dadas, sobre a necessidade de consultar um medico apenas se note alguma coisa de anormal na vista, sobre a causa das doenças, sobre o modo de estudar sobre a importancia das condições de luz quando se trabalha, sobre a utilidade dos ocules quando a vista é fraca ou defeituosa.

Os conhecimentos que se adquirem nos primeiros annos de vida são ás vezes os que se imprimem melhor na mente para dar fructos no futuro. Muitas coisas pôdem ser ensinadas a uma creança de cinco ou seis annos sem cançal-a, por meio de historietas, de desenhos ou de poesias. E quaes são as noções que importa dar a conhecer primeiro, se não as hygienicas, destinadas a salvar o organismo em geral e especial-

mente a vista, de molestias e danos talvez irreparaveis?

A UTILISAÇÃO MECHANICA DOS RAIOS SOLARES

Nos paizes meridionaes da Europa, ao meio-dia, um corpo humano exposto aos raios do sol accumula energia equivalente mais ou menos a 1.250 watts: o bastante para accender vinte e cinco lampadas de cincoenta velas. Trata-se, diz no "Correspondant", de Paris, o sr. Francis Marre, de "energia latente", ou, para usar termos menos abstractos, da quantidade de energia mechanica correspondente á quantidade total de energia luminosa que existe nos raios solares que incidem sobre o corpo. Physicos e physiologos são accordes: esta noção é baseada em calculos extraordinariamente precisos, os quaes demonstram que uma parte da superficie do nosso corpo do tamanho de um sello commum recebe tanta energia calorica quanta seja bastante para augmentar de um gráu, em um minuto, a temperatura de cem grammas de agua distillada. E' facil imaginar a enorme e inerivel quantidade de energia solar que sem o perceber recebemos. Felizmente os pigmentos da pelle e a evaporação do suor nos defendem perfeitamente.

Mas é possivel que tamanha energia solar continue sem utilidade? Entre as muitas soluções que ha tempos tem sido propostas para o interessantissimo problema, ha uma digna de particular attenção, devida ao sr. Theodoro W. Case e que foi por este suggerida á Sociedade Electrica de Nova York. Imaginae uma coberta daquellas que os horticultores empregam para proteger as sementes que plantam, coberta que gira de modo a podel-a orientar, afim de que receba sempre os raios solares directos. Sob ella estão dispostas tantas cellulas, como alveolos quadrangulares ou caixinhas abertas. Dentro de cada cellula dois pequenos cilindros de assucar envoltos em cobre e entre os dois tubos mas não em contacto, um outro

de fio de prata, revestido de brometo de prata. Os fios de cobre de um lado e os fios de prata de outro estão em comunicação com um telephone de fio de alta resistencia. A cellula assim formada é submetida a uma corrente de agua, fraca mas continua. Quando um forte raio de luz cahe sobre ella, ouve-se no receptor do telephone um som: signal certo da passagem de uma corrente electrica. A experiencia demonstrou que sómente o tubo com fio de cobre reage sob a influencia da luz, razão pela qual se construíram elementos mais fortes com largas placas de cobre, em vez de fios, dissolvendo chloreto de sodio na agua, para diminuir a resistencia opposta á passagem da corrente. Assim se têm obtido effeitos de notavel intensidade. Estamos, pois, a caminho de uma descoberta preciosa, que permittirá recolher a energia electrica contida nos raios solares. A coisa não é impossivel em theoria, nem irrealisavel na pratica, embora até aqui não tenham dado resultado as experiencias para a utilização directa do calor escolar. A tentativa do sr. Theodoro Case abre uma via nova, porque não tenta a utilização directa do calor solar, mas a transformação em corrente electrica das radiações chemicas que acompanham os raios luminosos.

O PROBLEMA DA MORTE

Acaba de apparecer um livro do sr. Felix Le Dantec, escripto antes de 1914 e que agita problemas muito interessantes. Intitula-se "Le probléme de la mort et la consciencie universelle". O sr. Le Dantec entende que não ha "problema da morte". A apparencia da questão que a morte levanta provém de duas causas: Primeiro, o máu uso das palavras. O conjuncto dos phenomenos da vida psychologica recebe um nome — "alma" ou "espírito individual". Por uma crystallização crescente, esse conjuncto de phenomenos se torna uma coisa, uma realidade substancial. Dahi o pergun-

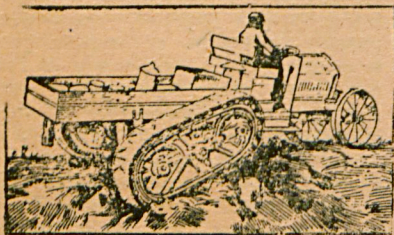
tar-se o que será essa realidade depois da morte. Mas ha tanta logica nisso como perguntar para onde vae a chamma da vela que nós assopramos. Um ser vivo é um individuo, isto é, um todo, em que cada parte é solidaria, e solidaria não sómente de uma maneira exterior, mas pelo seu funcionamento, na propria intimidade de sua formula chimica, e no typo de reacção continua que costitue seu caracteristico. A vida de cada ser é, pois, a sua propria individualidade, e esta individualidade desaparece quando cessa por completo o funcionamento della. E' tão absurdo indagar se a alma não sobrevive ao corpo quanto indagar se o menino que fomos, quando tínhamos apenas doze annos, não sobrevive em algum logar, longe do adulto de barba grisalha que hoje somos. A segunda razão que faz nascer o apparente problema da morte é o facto da consciencia. Nós nos conhecemos de duas maneiras: de fóra, como conhecemos os outros e como os outros nos conhecem; de dentro, de maneira absolutamente unica, juxtapostas a representação espacial e physica do mundo, ou antes, envolvendo essa representação; e a sciencia não existe para nós senão quando conhecemos, e não conhecemos senão quando somos conscientes. Ha, entretanto, uma distincção a fazer: a consciencia por si mesma não tem conteúdo proprio; toda a consciencia é a consciencia de alguma coisa, que se passa no mundo physico, coherente, e completa por si mesma. Ella é como o raio de luz que aclara uma engrenagem sem modificar-lhe o movimento. A consciencia é assim um "epi-phenomeno", não que seja um phenomeno secundario, accessorio, fazendo parte da trama das causas e effeitos, mas porque é de uma outra ordem completamente extranha á sequencia dos factos physicos e não intervindo nelles assim como as propriedades materiaes de um quadro negro não têm relação com as figuras geometricas que nelle são desenhadas. Ora, nós somos feitos de materia, de movimento, de reacções

physico-químicas, etc. Ha, pois, conhecimento pessoal da materia; e a questão fundamental da psychologia é saber quando o ha, visto como nós constatamos que em nós mesmos o funcionamento vital não se acompanha de consciencia. A experiencia parece mostrar que todo o despertar de consciencia corresponde ao esforço, á acção de uma força que encontra obstaculos ou ao contrario, que se liberta destes. O habito, a adaptação, destroem toda a consciencia.

Seria longo entrar em todas as consequencias que Le Dantec tira dos seus principios. Em resumo: acha elle que a morte não é temivel e provavelmente na maior parte dos casos não é tão dolorosa quanto imaginamos. Além disso, as consequencias de suas theorias nos levam a considerar que as idéas de justo e de injusto, de bem e de mal, repousam na crença do livre arbitrio e estão em desacôrdo com o determinismo scientifico

OS COURAÇADOS TERRESTRES

Os couraçados terrestres, as formidaveis machinas blindadas que os inglezes empregam na guerra actual com o nome de "tanks", atravessando todos os obstaculos accumulados deante das trincheiras inimigas, já eram conhecidos



nos Estados-Unidos, datando de 1876 as primeiras experiencias que com machinas semelhantes fez o norte-americano Holt. Apenas, nesse tempo essas formidaveis machinas não se tinham aperfeiçoado tanto e eram empregadas sómente nos

trabalhos agricolas. Não se conhece ainda em todos os detalhes o funcionamento dos "tanks". Mas é certo que a particularidade mais notavel delles é o systema de tracção, que já permittiu aos allemães empregarem machinas iguaes, não como instrumentos de defesa, mas como meio de transporte das grandes peças de artilharia que o exercito francez via subir como outros tantos reptis ou larvas gigantesas até as suas fortificações. A' primeira vista esses aparelhos parecem não ter rodas, mas estas se acham escondidas por uma cadeia dentada de cada lado da machina, e giram de maneira a lembrar uma locomotiva que levasse consigo os trilhos. E' justamente por esta particularidade que os "tanks" actuaes lembram os vehiculos munidos de igual systema de propulsão e que foram inventados ha quarenta annos pelo americano Holt. Uma cadeia é composta de uma série de planos articulados, que giram entorno de rodas dentadas havendo na frente duas rodas menores, lisas, e que servem para guiar a machina. As rodas dentadas são motrizes, sendo a sua rotaçao determinada por um motor de petroleo. Essas machinas não podem orientar-se senão á maneira de um bloco e todos se surpreendem quando pela primeira vez observam a facilidade com que effectuam esta manobra. Cada cadeia, formando um conjuncto articulado, mas relativamente indeformavel, é uma especie de ponte que se lança sobre as escavações e outros obstaculos, constituindo um solo metallico sobre o qual rola o apparelho. Graças a esta disposição, a machina pôde percorrer os terrenos mais accidentados, os mais movediços ou lamacentos, pois a sua grande superficie evita o escorregamento e reduz ao minimo a pressão exercida sobre o solo. O seu poder de escalada é verdadeiramente extraordinario, pois sem esforço apparente e com a sua velocidade habitual de quatro a seis kilometros por hora, vence rampas de 7,5 por cento.

M. P.



REVISTAS E JORNAES

HOMENS
E COISAS NACIONAESEXPRESSÕES TECHNICAS DA
ARCHITECTURA

Na excellente e bem estudada contribuição sobre a *Arte tradicional do Brasil* pelo sr. Ricardo Severo na *Revista do Brasil* (n. 16) de abril d'este anno, vejo empregado, como expressão technica um vocabulo que não me parece o mais proprio

O autor fala de varios tectos de egreja em *caizotões rectos* e em *caizotões curvos* para designar a forma rectangular ou rhomboide de certos lavores conhecidos.

Parece-me, porém que os tectos quarteados, de uso antigo, quer procedam de uma superficie rectangular dividida em quadrados justapostos ou de rectangulos concentricos, têm a sua expressão technica especial.

Quartela diziam os antigos do algapão das escotilhas, ordinariamente assim construido de modo a com seus vãos abertos, favorecer o arujo dos porões. E ainda se conserva essa forma tradicional em todos os typos de navios de carga.

A mesma expressão como termo de heraldica se depara em *estudo quartelado*, *quarteado* ou *quartejado*. Comtudo, no que respeita ao lavor dos tectos, o quarteamento chama-se *alquerque*.

Esta palavra é de origem oriental que passou ás linguas e dialectos da peninsula para indicar não sómente esse lavor ornamental dos tectos como para designar um jogo infantil que consiste exactamente num taboleiro quarteado em que se dispoem algumas pedrinhas no sentido das linhas internas dos quadrados ou das diagonaes do quadrado maior.

Creio que o *alquerque* sobrevive em algumas regiões da peninsula. Segundo Guadix e Marina é um "juego de niños que consiste en colocar piedrecitas en cada una de las

caras de una figura formada por el trazado de tres cuadrados concentricos divididos por dos lineas diagonales y dos rectangulos".

Eguilaz y Yargas no seu *Glossario* oriental adopta essa explicação e dá como origem o arabe *alquir* correspondente ás formas *alquerque*, *alquergue* e *algarve* (forma esta ultima que fortuitamente coincide com a de *Algarve* mas inteiramente distincta, bem se vê).

Alquergue tambem foi colhido por Moraes, que desde as suas mais antigas edições, registra o adjectivo *alquergado*: "lavores de tectos *alquergados*" abonando o vocabulo com esse trecho, das *Cartas do Japão*. Ao mesmo tempo registra *Alquergue*, o jogo infantil. E' provavel que tomasse a definição da antiga Prosodia e Vocabulario bilingue de Bento Pereira que assim diz:

ALQUERGUE: *Calculatorum ludus vel ludus scrupcus.*

D'ahi ou talvez de outra fonte.

E' evidente que do nome do jogo, como da sua forma e dispositivo, se tiraram todas as demais derivações: *alquerque*, *tecto alquergado*.

Presumo, pois, que *alquerque* e *tecto alquergado* são expressões technicas, abonadas em exemplo classico, e por isso preferiveis á *tecto em caizotões*. Conviria conserval-as, pelo menos, entre architectos e archeologos.

E' curioso notar que o vocabulo a meu parecer se diffundiú para além da peninsula

Nas antigas canções medievas de *Lou Catounet Gascon*, (1) publicadas por A. Jeanroy, o erudito professor da Faculdade de Letras de Tolosa, occorrem os seguintes versos de interpretação difficil:

Non t'anes pas cargua de fantasies
Mes tout gaujou *alquerque* tous
|quehés.

(1) Poésies de G. Ader. Tomo IX da *Bibliothèque méridionale*, 194, composta de textos criticos da litteratura medieval.

Jeanroy comquanto grande conhecedor dos dialectos antigos do sul de França, confessa não conhecer o vocabulo e interpreta conjecturalmente aquelles versos:

“Ne vas pas te charger de vaines imaginations, mais arrange (?) allégrement tes affaires”.

E em nota propõe o etymo de *alguerque* por simples metathese de *aggregare*, mas ajuntando que a etymologia é duvidosa.

Quanto a mim, supponho que o *aguerquer* francez é o mesmo *alguerger* hispanico, que tambem significa *arranjar* e *compôr*, do *alqirc* arabico que se disseminou um pouco além das fronteiras pelos incessantes contactos do limosino e do provençal com os dialectos espanhões.

A segunda palavra, vernacula que, traduz o *caixotão* ornamental é *artezão*, derivado de *arteza*, vaso quadrilongo de funil, agulheirado para o fundo, e que serve para amassar pão.

O *artezão* é o mesmo lavôr dos tectos e é a morada ordinaria das aranhas; do termo serviu-se Felinto Elysio na versão das fabulas de Lafontaine:

Emtanto a aranha
Vae apossar-se de *artezão* dourado
Que tomou quasi a fôrta vitalicio...

Fab. L. (ed. de Londres)

E' a fabula 8.^a do Livro III nas melhores edições do fabulista francez — *La goutte et l'Araignée*. A traducção é liberrima e *artezão* mal corresponde ao francez *lambris*, mas é o termo que em nosso idioma equivale ao *alguerque* já obsoleto. (João Ribeiro — *Sciencias e Letras*, Rio de Janeiro).

HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

A FRANÇA E A GRECIA

Uma das creações maravilhosas do genio grego, a lingua, a primeira civil e polida das que a memoria dos homens conserva, endereçou por sua vez as tendencias do povo e as suas concepções philosophicas, scientificas, artisticas e politicas para es-

se apogeu de perfeição que um atheniense do nosso tempo, Renan, chamou o “milagre grego”. Antes dos grandes engenhos exercerem uma influencia sobre ella, maior foi a della sobre elles dando-lhes a capacidade de creação, possibilidade efficaz de expressão com o que revelaram o genio natural. Todo o povo que a falava seria educado nessa clareza de intenção, nessa penetração de pensamento, nesse infallivel rigor de logica, que ao grego devia dar o predomínio incontrastavel do mundo antigo, a ponto de poucos e não dos mais fortes, vencerem a tantos e tão violentos. Lembrem-vos como um symbolo aquelle argumento de um delles, invocado contra Themistocles — um bastão suspenso sobre a cabeça do orador, para se tolher a palavra: “Bate, mas escuta”. E tendo-o escutado, a convicção foi plena e maravilhosa — salamina — isto é, o desbarato de Xerxes, o recuo dos persas para a Asia, a salvação do mundo, obtida pela dialectica. Não é muito que nos livros sagrados dos christãos o proprio Deus venha a ser o Verbo, mas ha de começar pelo “Logos” hellenico. Não extranha que pela lingua, instrumento docil e efficaz de conquista, synthese de uma civilisação que communicava arte, sciencias, costumes, maneiras incomparaveis, todos os barbaros, o oriente classico da Europa, Asia e Africa, fossem gregos. As inscripções, as moedas, os decretos, como os negocios, a politica, o meneio da vida se escreviam e tratavam em grego. Os hellenos puzeram o alfabeto nas mãos de todos os povos da bacia do Mediterraneo; quando Alexandre chegou ás margens do Indus, viu que fôra precedido por emissarios pacificos da conquista hellenica, que haviam chegado seculos antes do tributo politico. Mais tarde, até os orgulhosos romanos, da Republica ou do Imperio, viriam educar-se em Athenas ou em Roma, com os mestres gregos. Além da lingua materna, que servia para falar ao povo, commandar os soldados, distribuir a justiça, todos os romanos de alguma instrucção falavam e escreviam

a lingua da philosophia, das letras, da graça e da polidez. Muitos chegaram a só pensar e a escrever nella e não dos menores. Marco Aurelio, imperador romano, foi um autor grego.

Tambem, pelas suas qualidades de clareza, elegancia, ordem directa que é o ideal do menor esforço, agilidade que se presta a toda desenvoltura do espirito, plasticidade que se adapta a todos os relevos e depressões da phantasia, aspectos communs e originaes das idéias, o francez foi no mundo moderno desde o seculo XII, "la plus delitable parlure", por toda a parte, ainda quando os dominantes sejam inglezes, allemães, russos, hespanhoes ou americanos. A lingua essencial para que se communicquem entre si os civilisados e semi-barbaros, uns com os outros, porque se a propria é apenas sabida por poucos, a franceza é sabida por todos, lingua internacional, dos congressos de sabios, da conferencias de interesse, dos diplomatas e dos tratados, na qual se entendem e se trocam o pensamento, a graça, as boas maneiras, as disposições praticas efficazes e definitivas, economicas e politicas, lingua emfim da humanidade, em todas as acepções deste termo. Não um esperanto neutro e frio, imposto pelas rivalidades de raça e inconciliavel amor proprio nacional de povos agarrados ás suas presumidas semi-superioridades, mas espontanea, natural, porque não pretende, porque a procuram, pela necessidade dellés, pela sua excellencia propria.

... Esta excellencia da lingua franceza, que lhe deu fóros de universal, despertou em França, principalmente ao nosso tempo, uma immensa produção litteraria, sorte de industria intellectual que viria prover a uma clientella numerosa no mundo. Produção litteraria muitas vezes feita para nós, para a exportação. As qualidades de graça e imaginação assim conduzidas ao livro, que a lingua facilitava, deram milhares de volumes, de todos os feitios, de todos os preços, que abarrotam o commercio de livraria. Isoocrates

dizia que simples pessoas em Athenas teriam passado alhures por professores de eloquencia. Toda a gente, em França, é capaz de fazer versos, escrever nos jornaes, ardir um drama ou coupor um romance. Homens e mulheres: todas as francezas são Sevigné mais ou menos graduadas: uma pobre costureira escreve "Marie Claire", o mais delizioso livro destes dez annos. Essa litteratura assim tão facil para servir a tanta gente diversa que a reclamava, tinha que ser interessante, portanto, maliciosa, talvez má, porque não lhe bastava o sal da ironia. Os livros francezes, romances, dramas, poemas e canções inundaram por isso o mundo do que o mundo procura nos livros, isto é, namoros, perdições, raptos, adultérios, sevicias, perversidades, crimes por paixão ou por vicio, por ganancia ou por loucura. Andando o tempo, porém, esses estrangeiros servidos complascentemente nos seus gostos, talvez que enfatiados do excesso, devem capacitar-se, por uma transposição da phantasia na realidade que esse mundo que nos descreviam existia de facto e existia em França.

A França seria uma immensa podridão a infestar o mundo com a confissão da sua decadencia...

Foi assim tambem na Grecia. Erro de leviano seria que lhe julgassem os costumes pelos de Corintho ou de certos bairros de Corintho, a cidade entre os mares e os dois mundos onde se reuniam todos os traficantes da Asia e da Europa, fartos de mercadorias que traziam e dinheiro que apuravam: Não era espantoso que muitos desses barbaros gastassem algo do lucro em orgias e deleites grosseiros ao acañce, para elles unica iniciação accessivel da civilisação hellenica.

... Seria ocioso traçar o paralelo, a comparação da França intellectual, artistica e scientifica, com a Grecia antiga: nenhuma nação moderna se lhe emparelha e honra essa ascendencia, nenhuma se encontra repetindo a outra, augmentada, como estas duas. Em grego e em francez estão escriptas as mais formo-

sas paginas de verso e prosa, sciencia e philosophia e ficção, que o mundo ainda leu. Na perspectiva das cidades, na proporção dos monumentos, no gosto e na imponencia comedida da architectura, nos marmores, nos bronzes, nas telas, nas medalhas, nas praças, nos jardins, nas modas, nas maneiras, nas palavras, na ironia, fina e ultima flôr do espirito — Athenas revê-se engrandecida em Paris, no Paris contemporaneo, no Paris de sempre. Já seculos atraz um grande da Inglaterra, escriptor, bispo, "lord" e chancellor, Richard Bury, dizia: "Que effluvios de volupia corriam-me pelo coração quando eu podia visitar esse paraizo do mundo, Paris! Ahi se encontram bibliothecas de perfume mais delicioso que todas as caçoilas de aroma, vergeis de sciencia eternamente verdes"... Lembra-me agora uma palavra que ouvi, faz poucos annos, quando divagava pelo Oriente, a um pobre homem meu guia em Damasco: contava-me entre duas visitas pela cidade, como assistira a exposição de 1900, interprete contratado de seus naturaes, e não se continha nos louvores ingenuos a tudo o que vira e ainda o maravilhava, para concluir: "Ce n'est pas du tout Paris, c'est Paradis, on a enlevé deux lettres..." Conheceis mais formoso madrigal? Se o preclaro homem de Estado inglez, no Seculo XIV, encontra com um syrio humilde no XX, é que de facto pelo consenso de todos, merece Paris o louvor mais que humano, de Paraiso. Se os francezes fossem philologos arrogantes, como os seus presumpçoes inimigo, acabariam por achar uma etymologia verosimel, senão verdadeira.

Falamos de arte e encanto da vida, não nos esqueçamos da sciencia e da utilidade da vida; entenda-se, da verdadeira sciencia, a que descobre verdades novas e abre novos caminhos ao conhecimento original, fecunda e eterna como a Natureza, que ella investiga e decifra. E' Descartes que dá methodo á sciencia do espirito e funda a geometria analytica; Vauban que tra-

ça a arte das fortificações e inventa a sciencia economica; Montesquieu que dá base positiva ao direito e promove a sciencia das constituições politicas; Papin, que utiliza o vapor; Joffroy, que o applica á navegação, á qual Savage dá as helices; Chappe, que inventa o telegrapho semaphorico, tornado electrico por Ampère e radiographico por Branly; Niepce e Daguerre, que fixam a imagem photographica, á qual Lipman dá as cores naturaes; Becquerel, que descobre a radio-actividade; Curie, que descobre o radio. O metro é obra de Borda, Lagrange e Laplace; a couraça dos navios, de Dupuy de Lome; o gaz de illuminação de Lebon; o teár mechanico de Jacquart; a electro-dynamica, de Ampere; a industria chimica das gorduras e das cores, de Chevreul; a polvora sem fumo, de Vieille; o acumulador electrico, de Planté; a electro-metalurgia de Moissan; o submarino, de Zédé e Romazotti; o automovel, de Forest, de Dion, Panhard e Renault; o avião pratico, monopiano, de Bleriot; a separação do Velho Mundo pelo Suez, de Lesseps; a separação do novo pelo Panamá, plano de francez e traçado de Godin de Lepinay... (Afranjo Peixoto — *Revista Americana*, Rio de Janeiro).

RICARDO WAGNER E O GERMANISMO

Poucos conhecem as curiosas notas sobre "as idéas politicas de Ricardo Wagner" publicadas em 1884 por Konstantin Frantz, nos *Bayreuther Festblätter*. Trata-se ahi de uma correspondencia entre Frantz e Wagner. Baseado nessa correspondencia, Frantz refere como Wagner estava desolado com o materialismo que cada vez mais se apoderava do seu paiz. O que o exasperava, ainda mais, era a importancia crescente do militarismo, que então se propagava da Prussia por todo a Allemanha.

Wagner lamentava que não se tivesse dado á guerra de 1870 — essa guerra, dizia elle, "criminosa-

mente desencadeada" — outra conclusão diversa desse "arranjo de Francfort", origem de conflitos sempre renascentes". — Eis um trecho do artigo intitulado *Deutsche Politik*: "Seria preciso não conquistar fortalezas, mas desmantelá-las; não dar garantias da segurança militar mas dar garantias da segurança da paz. Em vez disso, não se evocam e não se applicam senão *direitos historicos* oppostos a *reivindicações historicas*, as quaes igualmente, se fundam sobre o *direito de conquista*.

Já em 1880 elle havia escripto nas *Bayreuther Blätter*: "E' uma loucura querer manter a potencia, com as precauções, embora prudentes, da "força". Entretanto, tambem elle teve o sonho da *Weltherrschaft*, a hegemonia mundial que Edgard Quinet, já denunciára nos "Teutomanos" de 1842: "Nós poderíamos, com o auxilio das raças germanicas que são nossas parentes, espalhar no universo inteiro as creações do nosso genio particular sem precisar tonar-nos os "senhores do mundo". Não soubemos tirar partido das nossas ultimas victorias sobre os francezes. A Hollanda, a Dinamarca, a Suecia, a Suissa, nenhuma dessas nações demonstra inquietação a respeito da nossa força, e entretanto, se se tratasse de Napoleão, é certo que elle as teria submettido ao seu imperio. Nós, porém, esquecemos desgraçadamente, de unir a nós, intimamente, esses vizinhos. E eis que agora um judeu inglez nos dá a lei! Nunca seremos, parece, grandes politicos. "Seremos talvez alguma coisa de grande, se medirmos com justeza as nossas aptidões".

Para avaliar estas palavras é preciso approximal-as das reflexões que Wagner fez mais tarde no seu famoso artigo das *Bayreuther Blätter*, em resposta a esta pergunta: *Was ist deutsche?* Que é allemão? — Elle reconhece e proclama que o allemão não foi feito para dominar no exterior, e constata que todas as desgraças da Alemanha provêm das suas "ambições exteriores": "O periodo mais fatal da

nossa historia é a época em que os allemães "exerceram o seu dominio sobre povos não allemães..." A idéa desse dominio (*Herrlichkeit*) é uma idéa anti-allemã (*undeutsch*). E eis como elle desenvolve e fortifica esta apreciação: "O que distingue o allemão propriamente dito dos francos, dos godos, dos lombardos, etc. é que estes puderam estabelecer-se nas terras estrangeiras, misturando-se ao povo que nelles encontraram, até esquecer a propria lingua e os costumes proprios. O verdadeiro allemão não se sente bem no estrangeiro. E' por isso que elle tem sempre pesado como estrangeiro, sobre outros povos. Facto digno de nota é que, até o presente, os allemães na Italia e nos paizes slavos são detestados como estrangeiros e como oppressores. E, por outro lado, é uma verdade humiliante para nós termos de constatar que outras fracções do povo allemão se accomodavam de boa mente a um sceptro estrangeiro, desde que este não as tratava brutalmente, do ponto de vista da lingua e dos seus costumes: o exemplo da Alsacia ahi está diante de nossos olhos!"

Pela penna de Wagner, é essa uma observação interessante. Mas elle via nessa situação uma humiliação. E por isso não deixava de mofar com os "patriotas" allemães: "O patriota (allemão) pronuncia em geral o nome do seu povo com uma veneração convencida. Quanto mais um povo é poderoso menos deve elle mencionar o seu nome com esse respeito. E' infinitamente raro, na Inglaterra e na França, ouvir falar de virtudes "inglezas" e "francezas". Nós outros, allemães, não cessamos de gabar a "profundezza allemã", a "gravidade allemã", a "fidelidade allemã" e outras analogas". E acrescentava: "Infelizmente, numerosos casos nos têm demonstrado que essa gabolice não era completamente justificada". Nessa ordem de idéas, ainda ha outro trecho de Wagner: "Pelo facto de Goethe e Schiller, Mozart e Beethoven, terem sahido do seio do povo allemão, um grande numero de

mediocridades são facilmente levadas a considerar esses grandes espiritos como pertencentes de pleno direito ao seu meio. Com emphase demagogica persuadem a massa do povo de que ella mesma é Goethe e Schiller, Mozart e Beethoven! Nada favorece mais a tendencia á molleza e á preguiça do que ter uma alta opinião de si mesmo e fazer-se erêr que se é qualquer coisa de grande, que não vale a pena esforçar-se. "E' essa uma tendencia essencialmente allemã. Tambem, não ha povo que precise tanto como elle ser agulhoado e incitado á acção pessoal pela necessidade da sua propria salvação". (Maurice Kufferrath — *Revue Bleue*, Paris).

O INVENTOR DO ESPERANTO

Morreu ha pouco o dr. Zamenhof, inventor do Esperanto. De origem russa, Zamenhof exercia em Varsovia a profissão de oculista. Desde a sua primeira mocidade elle acalentava o sonho de forjar um idioma internacional. Convencido de que nenhuma lingua existente pode dar a solução do problema, pôe de parte igualmente as linguas mortas, e aborda resolutamente tarefa mais ardua: fazer uma coisa verdadeiramente nova. Tacteia a principio, anima logo, mas reanima-se depois: "Uma lingua humana, escreve elle mais tarde, com a sua massa infinita de formas grammaticaes, com suas centenas de milhares de palavras tantas que os grandes dictionarios me aterrorisavam — parecia-me uma machina tão complicada e colossal, que por mais de uma vez disse a mim mesmo: — Para longe as chimeras! este trabalho é pesado de mais para as forças humanas — E contudo voltava sempre a pensar no meu projecto."

Impressionado com a simplicidade da grammatica ingleza, contrastando principalmente com as grammaticas grega e latina, Zamenhof se convence, graças a isso, que a multiplicidade das formas grammaticaes não é mais do que um "cego acaso historico que de nenhum modo

é necessario a uma lingua". Desta constatação nasceu a grammatica Esperanto, a mais simples de todas as grammaticas passadas, presentes e futuras. Em eguida elle volta-se para os dictionarios. Reconhecendo que é quasi impossivel aprender e reter palavras de formação arbitrária, Zamenhof decide-se a constituir sua lingua com raizes internacionaes, principalmente latinas e germanicas. Depois, tendo occasião de ler na rua todos os dias a taboleta de um "cabaret" (*Svejkarskaja*), e a de uma confeitaria (*Konditorskaja*), elle deduz desta approximação toda a theoria methodica e racional dos affixos, que lhe permite crear ao infinito vocabulos novos sem adjuncção de raizes novas. "Eu comecei, diz elle, a comparar as palavras, procurando entre ellas relações constantes e definitas, e todos os dias tirava do dicionario uma nova serie bem longa de vocabulos que substituiu por um suffixo indicativo de uma relação determinada". A 5 de dezembro de 1888 a *Lingwo universal*, primeira forma do Esperanto ainda bem imperfeita, estava prompta, e Zamenhof festejou solennemente o nascimento della com os seus camaradas, cantando um hymno escripto na nova lingua. Até ahí tudo já muito bem. Mas estava proxima a via dolorosa. Sabindo do gymnasium, os primeiros adeptos não resistiram por muito tempo aos sarcasmos que os acolheram cá fóra, e sentiram sua fé abalada, abandonando o propheta. Zamenhof, embora abandonado por todos, luctou sem descanso pelo seu sonho durante os seis annos de estudos medicos na Universidade de Varsovia.

Viveu então sósinho, durante todo esse tempo, sem ninguem a quem confiasse as suas tristezas e esperanza. Foram para elle annos sombrio esse tempo de estudante que para tantos outros são a *plej bela tempo de l'vivo*. Mas a fé o sustinha. A sua obra não estava senão esboçada, e tornava-se preciso transpor o abysmo que separa a theoria da pratica. Zamenhof transforma, corrige, aperfeiçoa, dispensa suffixos inuteis—traduz obras estrangei-

ras, habituava-se a pensar e a escrever em sua lingua, dá-lhe sobretudo o que lhe faltava ainda—ductilidade, graça, vida, uma alma emfim. Terminados os seus estudos, abre o seu consultorio medico e cuida de fazer conhecer a sua obra. Durante dois annos procura em vão um editor desinteressado e audacioso, e após longos esforços “não podendo abandonar a idéa que lhe havia invadido o corpo e o sangue”, acabou por publicar elle proprio sua primeira brochura, em julho de 1887. Intitulava-se *Lingvo internacia*, e era assignada pelo pseudonymo de *Docteur Esperanto* (aquelle que espera), donde provém o nome da lingua.

Que será da lingua universal? Desenvolver-se-á? Está ao contrario, destinada a perecer? E' o que se não pôde ainda saber. Os não iniciados podem ter della uma amostra com a seguinte traducção em Esperanto da primeira phrase da “Oração na Acropole” de Ernesto Renan:

“Mi estas, blukula diino, naskita de barbaraj gepatroj, che la Kimberianoj bonkoraj kaj virtamaj, kiuj loghas borde de maro malhela, plena je elstarighantaj shtonegoj, chiam batata de l'fulmotondroj”.

E' o seguinte o texto original:

“Je suis né deesse aux yeux bleus, de parents barbares, chez les Cimmériens bons et vertueux, qui habitent au bord d'une mer sombre, herissée de rochers, toujours battue par les orages.”

Evidentemente é muito mais harmoniosa a prosa de Renan. — (*Les Annales*, Paris).

A EDUCAÇÃO DA MULHER

Até agora tem-se descuidado da educação da mulher, que começa apenas a fazer-se, graças aos ensinamentos que nos dá a tremenda guerra mundial. E, comtudo, nada ha que mais mereça a attenção do que a educação da mulher. Todos os grandes psychopedagogistas do mundo, particularmente os modernos, todos os estudiosos de sociologia, têm proclamado esta verdade in-

discutivel: que não pôde haver progresso de civilisação se não se torna a mulher apta a educar a sua próle. Desde Aristoteles, que disse “omnis educatio est a matre” até Mazzini, até Dickens, numerosos escriptores têm escripto paginas bellissimas e commoventes sobre os deveres da maternidade. Estudamos esta materia e sobre ella escrevemos ha mais de trinta e cinco annos. Poderiamos, pois, citar numerosos escriptores autorisados que sobre ella temos versado. Mas, bastam-nos apenas quatro, que synthetisam admiravelmente o nosso assumpto. J. B. Say disse: “C'est par l'éducation des femmes qu'il faut commencer celle des hommes”. — Laboulaye: “Elever un homme, c'est former un individu qui ne laisse rien après lui: élever une femme, c'est former la génération á venir”. — De Tocqueville: “L'homme est pour ainsi dire, tout entier dans les linges de son berceau.” — Smiles: “As mulheres formam a atmospherá moral em que crescemos durante a infancia, e exercem enorme influencia em nossa vida de homens adultos”.

A nossa guerra tem dado origem a muitas coisas boas, entre as quaes o altruismo de que dão admiravel amostra as mulheres de todas as classes sociaes, altruismo que se manifesta sob as formas philanthropicas mais elevadas. Todos experimentamos grande satisfação e orgulho com as iniciativas tomadas pelas mulheres da Cruz Vermelha, que são dignas de estar ao lado dessas irmãs de caridade cuja vida é todo um sacrificio offerecido á humanidade soffredora. Ora, é justo pensar e indagar se esta guerra fará brotar na alma feminina virtudes novas que devam manter-se definitivamente pelo futuro adiante, tranfigurando as mulheres-bonecas de hoje. Esta obra é necessaria, e deve-se facilitar-a por todos os meios possiveis. As mulheres que, ou por ignorancia ou por futilidade, ou por amor cego, descaram dos seus deveres na educação dos filhos, não pôdem dar á vida social senão fructos máos. Entretanto, as meninas assim educadas serão esposas ama-

nhã, serão mães, e sobre a sua prole pesará fatalmente a herança da sua má educação. São anneis da mesma cadeia, e é digno de recordar-se o ensinamento de Belgiojoso na "Escola e Família": "O sexo que, medido pelo dynametro, se faz chamar debil, é, entrtanto, nosso arbitro, porque conserva nas mãos as duas idades que decidem de toda a nossa existencia: a infancia e a juventude". E' logico, pois, que se essas mãos pertencem a uma mulher-boneca, a infancia e a juventude da sua prole não poderão dar bons resultados. (Lino Ferriani. — *Rassegna Nazionale*, Florença).

UM NOVO PROGRAMMA ESCOLAR

Bernardo Shaw moveu guerra contra os systemas educativos em uso nas escolas, e a proposito divertiu-se em abalar as idéas mais firmemente estabelecidas a respeito, propondo um programma perfeitamente revolucionario: aconselhava entre outras coisas que se ensinassem ás creanças como se lê um horario de estrada de ferro...

Reformas não menos radicaes e praticas parecem estar nos propositos do Conselho Geral de Instrução Rockefeller. O programma formulado por Abraham Flexner, secretario do Conselho, pretende alliviar a escola elementar e secundaria norte-americana de todo "o peso morto do ensino tradicional". E continua: "O estudo theorico da grammatica, por exemplo, como demonstram os factos, não constitue auxilio á correção do escrever e do falar: pôde, pois, ser abandonado. Outro tanto se diga de certos factos historicos remotos que se ensinam aos meninos pela unica razão de que outras gerações precedentes os têm aprendido e esquecido. A escola moderna não precisa disto, como tambem não precisa dos antigos e difficeis classicos, cujo conhecimento imposto pela tradição, se tornou apenas uma regra de conveniencia". O latim e o grego serão tambem postos de parte, não porque as literaturas dessas duas linguas sejam menos bel-

las do que o que geralmente se diz, mas porque é inutil e absurdo o estudo forçado dessas linguas na escola, estudo que, pela sua difficuldade, predispõe a creança mais á antipathia do que á admiración. E' muito melhor despertar o interesse do alumno por meio dos elementos românticos e aventureosos da literatura, afim de que elle adquira o habito de lêr. Isso é mais proveitoso do que constrangel-o a admirar, e muitas vezes a imitar, certas coisas que nem chega a comprehender. A proprio mathematica deverá ser ensinada de modo diverso do actual, e sómente quanto o exijam as outras materias. Todos sabem o tempo e a fadiga que tal estudo nos absorve. Todos sabem que resultado escasso se colhe com elle. As creanças, na melhor das hypotheses executam mechanicamente certas operações algebraicas, por meio de signaes e modelos arbitrarios ou então aprendem de cór uma série de proposições geometricas: a inutilidade dessas coisas revela-se bem clara quando se lhes dá um problema mechanic de fôrma um pouco diversa da costumada. Isso não acontecerá, porém, quando por meio de systemas praticos a mathematica fôr ensinada sómente para servir á applicação e nos limites em que pôde servir. A nova escola offerecerá grande desenvolvimento ao ensino das linguas modernas, sobre as quaes procurará dar ao alumno tudo quanto lhe fôr necessario na pratica; cuidará de todas as relações com a vida vivida; e como material desse estudo tomará tudo quanto a circunda, tudo quanto exista no ambiente: museus, officinas, theatros, jardins, laboratorios physicos, gabinetes chemicos, etc."

Não faltam naturalmente opposições a esse programma. Alguns pedagogistas, como o padre José H. Rokwell, do Brooklyn College o declara "absurdo". Outros, como o sr. Stephen S. Weise, pelo menos "suspeito" William G. Willcox, presidente do Conselho de Instrução Publica norte-americano, declara-se contrario ao abandono dos classicos e da historia antiga, observando que

a natureza humana não mudou através dos seculos e que sem estudar os antigos não é possível compreender os modernos. E parece que a razão está com elle. (*Literary Digest* — Nova York).

O PATRIOTISMO DE RENAN

Renan foi um patriota ardente, amando a França com um fervor de bretão, ciosamente guardado em sua alma. Consagrou duas de suas obras — *Réforme intellectuelle* e *Questions contemporaines* — ao progresso politico e material do seu paiz; quando em 1869 consentiu em apresentar a sua candidatura ás eleições, vencendo a sua repugnancia instintiva e o seu horror á multidão, — o fez por amor desinteressado da França.

Rebentando a guerra, em 1870, Renan, conservou-se no seu posto e soffreu todos os horrores do cerco de Paris, até o momento da Comuna, censurando os que abandonavam o seu paiz. E não foi só: pôz também a sua penna ao serviço da França. São desse periodo tres cartas suas, altivas e dignas, endereçadas ao governo, afim de que este se não decidisse a mutilar a França antes de ter convocado uma assembléa nacional. Ao mesmo tempo, recordava a Strauss que sómente por meio de um accordo poderia a Alemanha continuar dahi por deante a sua missão historica: e era o que se referisse á integridade da França. E comtudo, também elle fizera a sua educação intellectual na escola allemã. No pensar de Taine, Renan e Heine foram os primeiros divulgadores do pensamento allemão na França.

Mas, depois da guerra, o autor da *Vie de Jésus*, que sobre as bases da exegese germanica construiu o seu monumento historico, exprimiu toda a sua aversão para com o paiz que até então havia venerado como a fonte do idealismo, e que então via renegar todo o ideal. Esta irritação conta os vencedores é abertamente confessada no prefacio da *Réforme intellectuelle*: “O povo que

eu havia sempre mostrado aos meus compatriotas como o mais moral, revelou-se, sob as vestes do soldado, não differente dos povos de todos os tempos, dos povos máus, demoralizados e salteadores, como na idade de Waldsteim”.

Mais tarde, a sua desapprovação ao paiz vaidoso e invasor, se torna mais aguda e sarcastica. Quando, no prefacio do *Avenir de la Science*, é constrangido a recordar-se da sua admiração de outro tempo por Fichte e por Goethe, Renan acrescenta: “ Não havíamos ainda aprendido em Treitschke que tudo aquillo eram sonhos immoderados”.

A necessidade do despertar da França e a preparação para a desforra de Sédan são o sopro inspirador da *Réforme intellectuelle*, que entre as mais bellas paginas da philosophia politica contém a mais profunda interrogação do futuro. “A França, diz elle, não tem senão que imitar o exemplo da Prussia, que, com cincoenta annos de trabalho, conseguiu pôr-se no primeiro logar entre as nações”.

Não se pôde censurar em Renan mais do que a moderação na sua colera e a ausencia de todo o fanatismo. Mas é facil desculpa-lo, quando se pensa na sua missão que não era a de rebaixar a natureza humana, mas a de eleva-la e nobilita-la. (Nicolas Ségur — *La Revue*, Paris).

AS REPETIÇÕES DA HISTÓRIA

Ha muitas analogias entre o presente conflicto mundial e o periodo napoleonico. Do confronto de um com outro resulta a confirmação da theoria segundo a qual as guerras de conquistas são emprehendidas pelos povos mais prolificos, que acabam por se tomar prisioneiros da coalisção dos povos ameaçados. No principio do seculo findo a França, no que respeita ao desenvolvimento demographico, havia attingido um posto ainda mais preponderante, com relação aos outros paizes da Europa, do que o da raça germani-

ca, presentemente. Naquelle tempo não se viam senão francezes entre as populações estrangeiras das outras nações. Pode-se citar o testemunho de Dickens, com relação aos inglezes da sua época, os quaes tomavam por francezes todos os estrangeiros. A' expansão da França — que se lançou sobre a Europa como a Allemanha de hoje — não se havia aberto ainda a via das colonias.

A concepção militar de manobra, praticada hoje pelos allemães, é a mesma de Napoleão, cujo methodo consistia na surpresa dos adversarios, reunindo as forças, por meio de uma concentração rapida, e desfechando-as sobre um ponto fraco do exercito inimigo. Os soldados de Napoleão diziam ter ganho as victorias com as suas marchas. Não é diversamente que a Allemanha deve os seus primeiros successos á organização ferroviaria.. Mesmo na situação dos proprios aliados ha analogias flagrantes. Os paizes balticos representam hoje uma parte pelo menos semelhante á da Hespanha, relativamente a Napoleão, que, embora houvesse conquistado a região, ali começou a soffrer os primeiros desgostos, os quaes foram o indice da sua decadencia. Assim tambem os allemães viram esvair-se as esperanças da victoria quanto mais occupavam a peninsula baltica. E as trincheiras de Salonica, destinadas a supportar o choque do inimigo no ponto extremo, recordam as defezas inglezas na peninsula iberica.

A propria attitude incerta dos neutros, as polemicas e as criticas provocadas pela expedição do oriente se encontram tambem nos jornaes daquella época, a proposito da expedição a Portugal. (L. De Montgolfier — *La Nouvelle Revue*, Paris).

O THEATRO FRANCEZ E A GUERRA

Numa conferencia feita recentemente pelo director do Theatro Antoine, sr. Gémier, que é tambem um verdadeiro artista, tratou-se da decadencia do theatro francez antes

da guerra. “Nunca, disse elle, o theatro foi tão invadido pelo mercantilismo como agora, porque, escrevendo uma peça, o autor quer antes de mais nada fazer um bom negocio. No tempo em que uma obra não chegava para alimentar um autor, no seculo de Corneille, de Molière, de Racine, por exemplo, os poetas escreviam obras primas porque nenhuma idéa de especulação, de proveito immediato vinha perturbar o seu pensamento e prejudicar a elaboração do trabalho. Elles sabiam morrer de fome: hoje, ninguém mais sabe sacrificar-se a esse ponto e ninguém o quer mais. E' muito bom que uma peça dê fortuna ao seu autor, mas o que é nefasto é o baixo objectivo de Gémier, que, de resto, não são sómente delles, têm muita gravidade. Semelhante situação, a continuar, acabaria por corromper as proprias fontes da arte dramatica. E' claro que escriptor que não se preocupa com outra coisa senão ganhar dinheiro vê logo degenerar o seu pensamento. Mas não é preciso que todos os homens de talento morram de fome. E' sabido que um financeiro que se arruina com escandalo atráe immediatamente a attenção sobre si. Lastimam-n'o, toda a gente se interessa pelas circumstancias da sua ruina, ha uma certa tendencia em transformal-a em calamidade publica. Um homem que revolveu milhões mette pena aos outros no dia em que não tem mais com que jantar. Mas todos acham muito natural, entretanto, que um artista ou um escriptor passeie melancolicamente nas ruas á hora das refeições. Isso foi mesmo durante muito tempo a melhor definição que a burguezia franceza tinha do verdadeiro talento. E' preciso, entretanto, considerar que as condições de uma sociedade se transformam. E aqui tocamos neste ponto: a sociedade depois da guerra em suas relações com o theatro. A minha opinião é que todas as nossas idéas sobre a sociedade de amanhã são vãs e não vale a pena pensar nisso. Aqui estão porém, as grandes linhas dos acontecimentos que já imagino: Vamos

encontrar-nos numa sociedade muito mais agitada no fundo do que na superfície. Exteriormente, a vida não será muito differente do que era antes da guerra. O que será modificado profundamente são os sentimentos, as idéas, as regras de conducta, modificações essas que terão character mais geral do que particular. Quero dizer: não as notaremos num individuo determinado, que continuará a agir, entregar-se aos seus negocios, como antes: mas ellas repercutirão sobre o conjuncto do paiz, sobre o seu estado politico, a sua moral, o seu gosto, e por consequencia, darão ao theatro um publico, senão inteiramente novo, ao menos muito differente do que era antes da guerra. Em que sentido veremos nós orientar-se essas transformações? — Limitando-me ao publico do theatro, direi sem optimismo, como sem pessimismo, o que imagino. Por um lado, suponho que esse publico será avido de distrações, de espectaculos variados e faceis, e, recio mesmo, de qualidade inferior: tudo quanto lhe puder dar essas distrações será empregado pelos emprezarios de espectaculos. Nós assistiremos a combinações bizarras de cinema, de circo e de arte dramatica, dado que isso ainda se possa chamar de arte dramatica. Um publico cada vez mais numeroso precipitar-se-á para esse genero de espectaculos, pedindo-lhes emoções continuas; e um mundo de autores e de artistas as crearão. Artistas e autores serão obrigados a tornar-se habeis e mediocreos, e muitas vezes terão bastante engenho para fingir talento. A critica lhes será indulgente, os jornaes rodeal-os-ão de vasta publicidade paga, e o lado industrial do theatro, a industria theatral, attingirá um gráu de prosperidade e tambem de vulgaridade que ella não conheceu nunca. Eis ahi o lado pessimista da minha opinião. Mas ha o lado optimista. Parallelamente a esse publico ansioso de esquecer as difficuldades da vida em qualquer ficção, haverá, estou certo, outro publico instruido pelas profundas lições da guerra, e que terá encontrado na maior experiencia da his-

toria uma renovação do seu pensamento e de sua emoção. Esse publico será certamente menos numeroso que o primeiro, mas terá muito mais influencia sobre os verdadeiros artistas, e esse será o que ha de orientar o ideal delles, porque em França ha de haver sempre artistas desinteressados que viverão de sua arte sem rebaixar-se, e que não a darão ao povo em troca de dinheiro. E haverá sempre uma *élite* franceza para animal-os e applaudil-os. O que eu prevejo, pois, é, de um lado, grandes theatros populares, brilhantes e animados, consagrados mais a espectaculos impressionantes do que á arte dramatica; de outro lado, um numero restricto de palcos escolhidos em que esta arte se cultivará no que ella tem de mais nobre, de mais delicado e de mais sorridente. Haverá sempre uma especie de separação muito nitida e que será talvez muito fecunda pela distincção visivel que estabelecerá entre o mediocre e o bello. Será occasião da critica e da *élite* rodear os verdadeiros escriptores, e mercê delles conservar em alguns cantos reservados aos iniciados a graça e o genio da nossa raça. E eu espero que pouco a pouco o grande publico ir-se-á chegando pouco a pouco para junto dessa arte, aquecendo-se ao seu calor e deixando-se penetrar pela sua luz. (Alfred Capus. — *Revue Hebdomadaire*, Paris).

VARIÉDADES

SUPERSTIÇÕES DE SOLDADOS E LENDAS DA GUERRA

A longa duração da guerra tem produzido numerosas superstições e todo um "folk-lore" mystico ou profano entre os soldados combatentes. Aqui está, por exemplo, a superstição dos tres cigarros accesos por um só phosphoro. E' de origem ingleza, mas foi-me narrada por um tenente francez: "Expliquem a coisa como quizerem, mas eu não posso negar factos de que fui testemunha Toda a vez que deante de

mim se accendiam tres cigarros num unico phosphoro, acontecia pouco pouco depois a morte de um dos tres fumantes." Em tempo normal, os inglezes attribuiam ao facto de se accenderem tres cigarros com o mesmo phosphoro resultados maleficos. Em tempo de guerra, porém, o resultado mais simples e mais natural é o de perder a vida. O tenente que me falou desta superstição não acreditava nella nem deixava de acreditar: mas conservava a seu respeito uma recordação muito impressionante Um dia, num grupo de militares, falava-se dessa superstição e todos riam, menos o tenente a que alludi e o seu amigo François V., o qual julgava muito interessante o facto. O tenente accendeu um phosphoro e passou-o ao seu visinho, e este ao seu amigo François, joven official de artilharia, que se curvou e accendeu o seu cigarro tambem naquelle phosphoro. Pois, esse joven official foi morto no dia seguinte, enquanto desempenhava uma missão, e foi morto a sete ou oito kilometros atraz das linhas de fogo, por uma granada atirada ao acaso pelos allemães. Os "poilus" têm muito cuidado, por isso, em não accender tres cigarros com um mesmo phosphoro. E um capitão francez observava que muito mais temível é ainda o phosphoro fatal porque a morte que elle traz não é das mais bellas, colhendo a victima nas trincheiras ou na rectaguarda.

Outra superstição: a do "autobus" visto em sonho. Ouvi-a pela primeira vez de soldados francezes, addidos a uma bateria composta de homens do Norte. Asseguravam-me que todos quantos tinham sido feridos na batalha (cinco ou seis homens apenas) haviam, na noite precedente sonhado com um "autobus". E eis como um delles narrava esse sonho: "Era meia noite. Um "autobus" corria pesada e velozmente pelo caminho. Estava cheio de viajantes que se empilhavam uns sobre os outros e me olhavam com olhos esbugalhados de fazer tremer... Eu me achava numa especie de estreito corredor em que todo o regimento desfilava, e fazia signal ao "auto-

bus" para que parasse e eu pudes-se subir; mas elle pesadamente se distanciava, cada vez mais rapido". Na verdade, tres dias depois o cabo que assim referiu o seu sonho morria heroicamente, enquanto estava a cortar rês de arame. Como um soldado um dia sonhasse com "autobus", e contasse o facto, o sargento esforçou-se por mudar o caracter daquelle sonho. Conseguio-o, e o soldado foi logo promovido a cabo. Mas o sargento lembrou-se de lhe perguntar: "Como sonhaste com "autobus" se nunca estiveste em Paris?" E o soldado lhe descreveu a machina com que sonhara. "Ah! respondeu-lhe o sargento. Aquillo com que sonhaste é com certeza uma nova machina que entrará no corpo dos "boches" Fica tranquillo: tu verás esse facto e eu tambem". A superstição dos soldados exerce-se ainda com relação ao ouro. Os soldados pensam que todo o prisioneiro que traz ouro comsigo é mais bem tratado pelos allemães do que os outros. E por isso procuram trazer no bolso, quando podem, moedas de vinte e de dez francos. Na verdade, porém, elles se enganam inteiramente, apesar de ser certo que os allemães empalmam todo o ouro que os prisioneiros francezes trazem comsigo Mas é absolutamente falso que os tratem melhor por isso. Seja como fôr, porém, o-ouro amoeado tomou o caracter de um talisman, destinado a proteger os que tem a desgraça de ser feitos prisioneiros, feridos ou não. Muitos soldados trazem moedas de ouro do lado esquerdo, pensando que assim podem blindar o seu coração e protegel-o contra as balas. Tem-se attribuido ainda ao ouro a virtude de attrahir os allemães, narrando-se o facto de um sargento possuidor de um "louis", o qual, fazendo brilhar a moeda ao sol, encantára assim um grupo de soldados inimigos, tanto que os attrahira pouco a pouco até a trincheira franceza, onde foram feitos prisioneiros. Um soldado disse que todo o homem tem a sua estrella, mas que é preciso procurar conhecê-la: e sómente a moeda de ouro pôde pôr o homem em communica-

ção com a sua estrella. Outros crêm que o ouro preserve contra a putrefacção: e assim, depois da guerra, o cadáver ainda reconhecível poderá ser transportado para o tumulo de familia ou para o pequeno cemiterio da aldeia natal. Isto me affirmava um pequeno soldado bretão, ingenuo e muito valente.

Ha ainda a lenda do ramo de louro que é oriunda da frente de batalha, e me foi narrada por um soldado de artilharia. O castello dos Sciarbaski, nos arredores de Moscow tem uma historia. Napoleão ahí se demorou um dia e uma noite, antes de entrar na Cidade Santa, tendo occasião de plantar um pé de louro que foi sempre cultivado com carinho. Sob os ramos dessa arvore ha um banco e todas as manhãs a joven e bella princeza Lydia Sciarbaski vem ahí ler ou sonhar longamente. Seu pae e seus tres irmãos são soldados: é nelles que Lydia pensa, nelles e em todas as mulheres que têm entes queridos na guerra.

Uma manhã, pensando nestas coisas, ella estendeu a mão machinalmente para a arvore e colheu um raminho, que beijou e lançou ao vento dizendo: "Raminho de louro eu te mando áquelle que nos restituirá os nossos entes queridos, ao grande soldado taciturno que na sua modestia prepara a victoria!" O vento, que soprava para Oeste, levou o ramo perfumado a um caminho por onde passava um official ferido que, já curado, voltava á frente de batalha. O official alegremente adornou o seu "bonnet" com o ramo. Num assalto feliz durante o qual esse official fez grande numero de prisioneiros, o raminho de louro, levado pelo vento, foi atirado para além das linhas allemãs; e como um passaro ferido, foi cahir sobre os joelhos de um jornalista norte-americano. Este jornalista, após algum tempo, tendo já visitado a frente oriental, partiu para a occidental. Passando por Lille, encontrou um comboio de mulheres francezas que os allemães arrancavam aos seus lares para levá-las a trabalhar em terra longinqua. O jornalista ficou tão

commovido com o spectaculo doloroso que offereceu a uma dessas raparigas o ramo de louro. A rapariga agradeceu-lh'o, mas o official allemão que guiava o comboio, tendo presenciado a scena, arrebatou o raminho das mãos da rapariga. Ficou com ella, porém, uma folha, que foi escondida ciosamente sobre o coração. O official allemão offereceu o ramo de louro a um aviador compatricio, e este, alguns dias depois, voando sobre as linhas francezas, foi abatido por um aviador francez. Na quéda, o raminho foi pelo vento arrancado ao "bonnet" do allemão e impellido a voar sobre Verdun em meio das granadas de grosso calibre que rebentavam no ar. Foi o mesmo vento que o lançou para dentro de um automovel que passava por uma estrada visinha. E assim o raminho de louro veio pousar delicadamente sobre o "kepi" do generalissimo Joffre que fazia a sua inspecção ao longo da frente. E foram afinal ouvidas as palavras da princeza Lydia Sciarbasky... (Guillaume Apollinaire — *Mercuré de France*, Paris).

LADRÕES INTELLECTUAES

Dá-se-lhes geralmente o nome de plagiarios, mas o de ladrões seria mais apropriado. A grande procura de romances, novellas e dramas, e os ganhos que ás vezes se obtêm com elles, têm impellido muita gente ao plagio. E não é raro hoje que um editor receba, como manuscritos originaes, plagios evidentes — coisa estrahida de livros mais ou menos velhos, e rejuvenescidos por meio de dialogos oportunos e actuaes. Mas é de interesse dos editores e dos autores, é de interesse do proprio publico que se mova guerra sem tregua aos plagiarios. Elles exploram todo o campo literario: os livros e revistas, o theatro e o cinematographo, e formam um exercito de parasitas que vivem á custa do trabalho alheio. Estes põem nos seus trabalhos a mesma

intelligencia aguçada que os falsarios põem nas suas emprezas. Os argumentos de que usam em sua defesa, quando são descobertos, são as desculpas habituaes dos criminosos: "Não sabia que isso já havia sido impresso. Foi-me narrado por um amigo, como coisa original..." — Ou então: "Certa pessoa, cuja nome não posso revelar, e que nem sei mesmo onde hoje está, deu-me o manuscrito, pedindome que o retocasse um pouco". E ainda: "Não sei como explicar semelhante facto. Provavelmente li a historia em criança, guardando-a impressa na memoria. Surprehendeme muito o facto!"

Mas é extranho que individuos de memoria tão vacillante, e de tão mesquinho organismo intellectual, sejam capazes de reter detalhes de dialogos, situações e outras coisas *ad infinitum*.

Se esses mesmos plagiarios quizessem exercitar os seus dotes em qualquer actividade legitima, provavelmente alcançariam grandes successos porque possuem intelligencia subtil. A's vezes é difficil quasi distinguir nitidamente onde começa a sua arte e onde acaba a do autor.

E' grande o prejuizo que causam os plagiarios. Um editor, que já uma vez foi enganado por algum, que lhe passou, como seu, manuscritos roubados, conserva grandê desconfiança com relação a todo o manuscrito que lhe venha de fonte não conhecida. Ha annos, aceitavam-se os trabalhos segundo o seu merito, admittindo *a priori* que os autores fossem honestos. Hoje, é preciso escrever, procurar informações; e nem mesmo assim pôde o editor estar seguro contra a fraude.

Como combater essa gente? — Dando a todos os casos de plagio que fossem descobertos a maxima publicidade: uma commissão especial deveria ser constituida para examinar os casos suspeitos, e sobre elles dar informações á Liga dos Autores. E todos os editores, directores de revistas, empregarios dramaticos deveriam ser notificados sobre esses casos.

Não é sufficiente a pena infligi-

da até aqui. Ha uma ruptura de relações, algumas vezes seguida da restituição do dinheiro deshonestamente ganho. E como se segue um periodo de silencio, algum tempo depois o criminoso põe-se de novo na sua escrevaninha, deante de uma resma de papel em branco, escolhe outro modelo — e recomeça a vender historias velhas como se fossem ineditas... — (Robert H. Davis — *Bulletin of The Author's League*, Nova York).

O MEDO DO KAISER

Um periodico de Dresde publicou não ha muito um retrato de Guilherme II, representando-o muito avehntado, com o aspecto de um homem consumido por alguma enfermidade. Exgottou-se a edição inteira em poucas horas; mas não tardou que viesse a policia e apprehendesse todos os exemplares que encontrou. Não obstante, circularam clandestinamente muitos, que se pagam a peso de ouro. A apprehensão obedeceu ao temor de que o kaiser pudesse ver o retrato, reproducção de uma photographia instantanea, cujo aspecto sem duvida lhe havia de causar uma impressão terrivel, pois Guilherme tem um medo visceral de toda a casta de enfermidades, principalmente contagiosas, medo accrescido ainda pela doença que o abate e tanto o preoccupa. Por isso, toma excessivas precauções contra o contagio. Se vive durante a maior parte do anno no Palacio Novo de Potsdam, summamente incomodo, é porque esse palacio se acha isolado em absoluto. No Palacio de Mármol, Guilherme tem numerosos vizinhos e se acha exposto a sustos, como o que lhe occasionou a morte do principe herdeiro de Schoenburgo, commandante dos hussares da Guarda. Quando o Imperador ficou sabendo que esse principe tinha morrido de diphteria, exclamou:

— De diphteria? Com certeza a atmospherá deste lugar está contaminada! Digam ao "chambelland" de serviço que aprompte immediata-



mente a equipagem e a envie para Berlim.

O mordomo do palácio, que era então von Liebenau fez observar que as habitações de Sua Magestade em Berlim não estavam promptas.

— Não importa, replicou Guilherme; lá encontrarei ao menos um canto onde dormir e comer. Estarei longe do contagio!

E vendo que Libenau vacillava, sem duvida por considerações de etiqueta, o soberano accrescentou:

— Preparem tudo! Quero partir immediatamente!

Momentos após, encontrou a Imperatriz e disse-lhe sem mais explicações:

— Sigo para Berlim, e não voltarei mais a esta casa.

Tão inesperada noticia deixou estupefacta Augusta Victoria, que não se atreveu a perguntar o motivo daquella subita resolução. O almoço imperial foi silencioso e triste. E acabado elle, a Imperatriz muito apprehensiva, chamou em particular uma das damas de serviço e perguntou-lhe:

— Sabeis porque razão o Imperador abandona o palácio?

— Sua Magestade soube da morte do principe de Schoenburgo, que succumbiu pela diptheria; e, vivendo tão perto, teme o contagio.

Ao ouvir estas palavras, a Imperatriz respirou como se se alliviasse de um grande susto:

— Mas porque não me disseram antes? Ter-me-iam evitado algumas horas de angustia.

Guilherme II nega-se frequentemente a conferenciar com os homens de Estado e demais personagens officiaes, só porque estes têm algum enfermo em casa. Com igual frequencia tambem, em plena recepção o kaiser se separa bruscamente de tal ou qual pessoa, deixando-a attonita, porque esta commetteu a imprudencia de dizer que um filho seu, um sobrinho, ou outra pessoa de sua familia está com angina ou sarampo, por exemplo. Apenas ouve falar da enfermidade, o Imperador cautelosamente escapa. Ao receber a noticia de que o pequeno principe de Reuss acabava de morrer de es-

carlatina, Guilherme exigiu que a Imperatriz fizesse desinfectar todo o vestuario do menino, que havia levado para Gera por occasião do baptisado. A propria doença do Imperador faz com que este seja mais apprehensivo. A primeira vez que na côrte de Berlim se ouvin falar do mal que Guilherme soffre desde muito moço no ouvido, foi em 1891, precisamente por occasião da morte do joven Henrique de Reuss Gera, primo da Imperatriz por parte de sua mãe, que era da familia Hohenlohe. Ao receber a noticia, Augusta Victoria chamou suas damas de honor e disse-lhes:

— Espero que o Imperador não saberá de que morreu o menino, porque o aborrece em extremo ouvir falar de enfermidades contagiosas em sua presença.

— Sua Magestade não teve escarlatina? perguntou uma das damas do palácio.

— Sim, respondeu a soberana, e uma escarlatina de muito máo character. E' extranho que a senhora não o sabia, depois de estar a serviço tantos annos em palácio.

O kaiser deita-se habitualmente ás dez horas, depois de uma ligeira refeição. Junto á cama tem sempre uma mesinha, papel e lapis para anotar o que possa occorrer-lhe durante as horas de insomnia que na actualidade são cada vez mais frequentes. Guilherme dorme com um revolver carregado na gaveta superior dessa mesinha. Este revolver de aço, prata e marfim é precioso; mas conserva em continuo sobresalto a Imperatriz, que apesar das mais reiteradas instancias nunca poude conseguir que seu esposo o abandonasse, o que prova que o medo do kaiser se estende a alguma coisa mais do que ás enfermidades contagiosas. Actualmente Guilherme evita permanecer em Berlim, por temor da "peste" revolucionaria que da Russia ameaça extravasar para as margens do Spree. O peor é que contra essa classe de "epidemias" não ha nenhum dos antisépticos com que até agora se têm combatido os outros contagios. (*La Revista Quincenal*, Barcelona).

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

NO'S, livro de versos de Guilherme de Almeida, com illustrações de Corrêa Dias — Officinas do "Estado de S. Paulo". — S. Paulo

O CONTRACTADOR DOS DIAMANTES, peça em tres actos e um quadro, de Affonso Arinos — Livraria Francisco Alves. — Rio e São Paulo.

FIALHO D'ALMEIDA, com um desenho de Antonio Carneiro, pelo Visconde de Villa-Moura — "Renascença Portuguesa". — Porto.

CULTURA E ANALPHABETISMO, por Adolpho Coelho. — "Renascença Portuguesa". — Porto.

PENSAMENTOS, PALAVRAS E OBRAS, por Severo Portela — "Renascença Portuguesa" — Porto.

O METODO MONTESSORI, por Luisa Sergio, com uma advertencia de Antonio Sergio — Segunda edição, da "Renascença Portuguesa". — Porto.

1817 — A CONSPIRAÇÃO DE GOMES FREIRE, de Raul Brandão — Segunda edição, da "Renascença Portuguesa". — Porto.

O INFANTE DE SAGRES, drama em quatro actos por Jayme Cortesão — "Renascença Portuguesa". — Porto.

A RAÇA AFRICANA E OS SEUS COSTUMES NA BAHIA, por Manoel Querino — Bahia, Imprensa Oficial do Estado.

BAILLES PASTORIS, trechos coordenados por Manoel Querino — Bahia, Papelaria Almeida.

ALMA CIVICA, por Victruvio Marcondes — Livraria Magalhães.

Publicaremos nos proximos numeros:

Vocabulario analogico (continuação), por Firmino Costa.

A Ema, por F. Badaró.

O Aracambé, por F. Badaró.

A morte do Sacy, por Sergio Espinola.

Populações meridionaes do Brasil (II), por F. J. Oliveira Vianna.

Livros... por Medeiros e Albuquerque.

Brasil-Estados Unidos (continuação), por Helio Lobo.

Paulistica: Sob as Ordenações manuelinas, por J. Capistrano de Abreu.

Literatura didactica, por A. Sampaio Doria.

Vida ociosa (continuação), por Godofredo Rangel.

Epigrammas e madrigaes, por Amadeu Amaral,

e outros trabalhos dos srs. Pedro Lessa, Mario de Alencar, Oliveira Lima, Alfredo Pujol, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Monteiro Lobato, Magalhães de Azevedo, Julio Cesar da Silva, Homero Prates, Florivaldo Linhares, Roquette Pinto, Jacomino Define, Valdomiro Silveira, Humberto de Campos, Armando Prado, Carlos Chagas, etc.



AS CARICATURAS DO MEZ

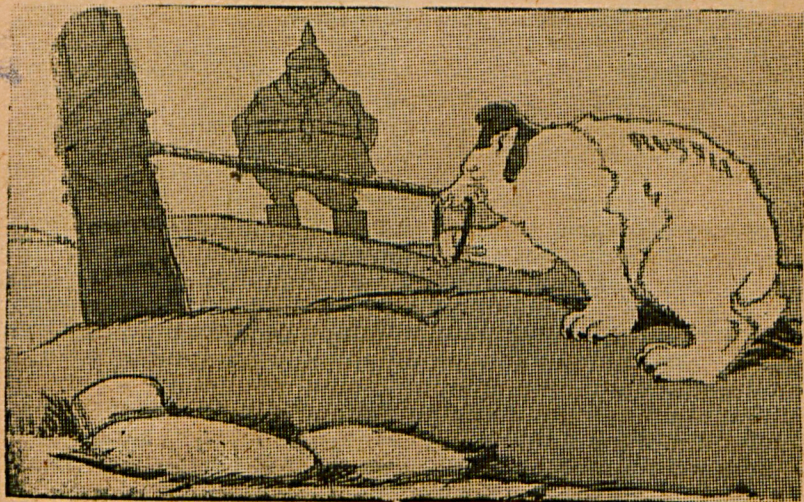
CHRISTO — TIO SAM



— Venham a mim as creancinhas!

(D. Quixote — Rio de Janeiro)

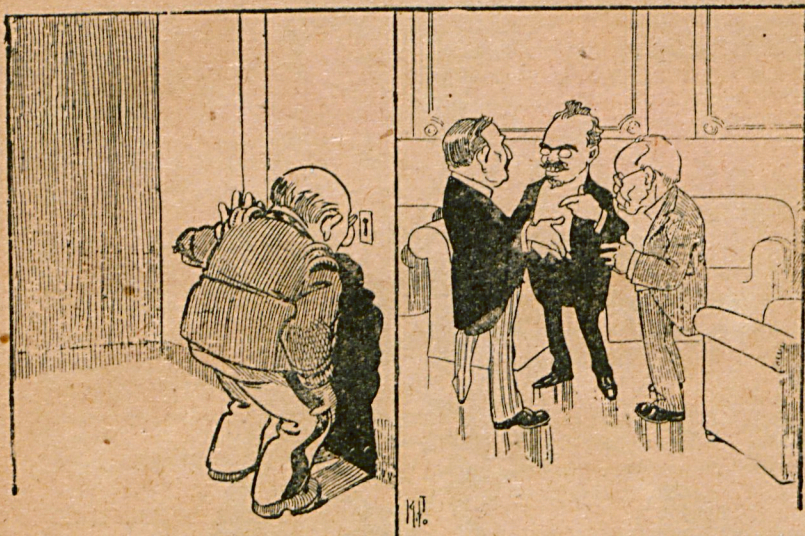
SAHIU PEOR A EMENDA...



O urso roendo a corda do pacto de Londres.

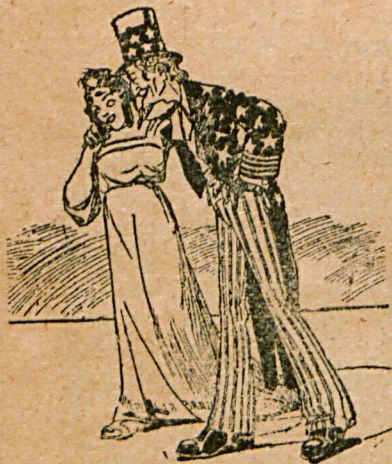
(J. Carlos — "Caretta", Rio de Janeiro)

A TRINCA



Elle. — Quem haveram de dizerem!

(Callisto — "D. Quixote", Rio de Janeiro)



Tio Sam — E' nas ocasiões que se conhecem os amigos.

(Callisto — "Gazeta de Noticias", Rio de Janeiro)



HORAS DE ARREPENDIMENTO

O sonho doirado do Kaiser: uma casinha à beira de um lago em... Santa Catharina.

(Vollino — "Cigarra", S. Paulo)

AGENTES DA "REVISTA DO BRASIL"

AVULSOS: Salomão Kfourí, Francisco Gomes e Maurício de Camargo.

ABAEETE': João Maciel.

ABRE CAMPO: Pharm. Estevam de Oliveira Cotta.

AGUDOS: Justino dos Santos Leal.

ALFENAS: Dr. Almeida Magalhães.

ANTONINA: Rocha & Picanço.

ARAXA': Acrísio Ferreira.

ARARAQUARA: Antonio Silva.

ARAGUARY: José Martins de Mello Junior.

ARRAIAL DOS SOUZAS: Nagib José.

ARIRANHA: Bento Pantaleão.

ATIBAIA: José Preto da Silva.

AVARE': Sebastião Araujo.

AYURUOCA: Luiz G. Dalia.

BAHIA: Romualdo dos Santos e Nevio & Pinto.

BARIRY: José Raphael de Almeida.

BARRA BONITA: Juvenal Pompeo.

BARRETOS: José Marchi e Moreira & Barros.

BAURU': José Ramos de Paula.

BEBEDOURO: Fídelis Esteves e Francisco Velloso.

BEELE'M DO PARA': J. B. dos Santos.

BELLO HORIZONTE: Giacomo Fernando Prado.

BOTUCATU': Cesar, Toledo & C.

BRAGANÇA: Samuel Saul e Joviano Alves Cardoso.

BUENOS AIRES: Balden Moen e Francisco Cabello Navas.

CAPITAL: Casa Garraux, Livrarias Alves, Lealdade, Acadêmica, Teixeira, Magalhães, Zenith e Livraria do Globo.

CABO VERDE: D. Carlos de Souza.

CABRAS: Nagib José.

CAÇAPAVA: Paulo Andrade e A. Andrade Netto.

CACHOEIRA: João Barboza Ferraz Filho.

CAMPANHA: Fabio da Veiga Oliveira.

CAMPINAS: P. Genoud e Antonio Albino Junior.

CAMPO GRANDE: Salles & Campos.

CAMPOS DO JORDÃO: M. Corrêa.

CASA BRANCA: Anysio Baptista de Mello.

CASTRO: Cel. Francisco Tiburcio da Silva Brasil.

CAYEIRAS: Pedro Fernandes Lara.

CAXAMBU': Dr. Polycarpo Vioti.

CORTIBA: J. Cardoso Rocha.

CORUMBA': João Antonio Esteves.

CRAVINHOS: José Caropreso.

CRUZ ALTA: L. P. Barcellos & Comp.

CURRALINHO: Nabor Silva.

DIAMANTINA: Dr. Argel Andrade.

DOIS CORREGOS: Cel. Joaquim Marcondes do Amaral.

DORADO: Jacomo Carlo.

ESPIRITO SANTO DO PINHAL: R. de Paula & Cia.

ESTRELLA DO SUL: Francisco de Paula Brasileiro.

FORTALEZA: (Ceará): Leandro P. Lyra.

FRANCA: Hygino Caleiro.

FLORIANOPOLIS: Paschoal Simone & Filhos.

GUARATINGUETA': Henrique Fonseca.

ITAPIRA: João da Silveira Mello.

ITAPOLIS: Dr. Orestes C. Sene Junior.

ITU': Antonio Ferreira Dias.

JABOTICABAL: Alcebiades Fontes Leite.

JAHU': Amerirco de Fraga Moreira.

JANUARIA: Luiz de Castro Araporanga.

JARDINOPOLIS: João Cernach.

JOAQUIM EGYDIO: Attilio Martins.

M. Campos & Cia.

JUIZ DE FO'RA: José Ferraz e

JUNDIAHY: Nicolau Carderelli.

LAVRAS: Dr. La Fayette Padua.

LISBOA: Livraria Ferreira.

MANAOS: Cesar, Cavalcanti &

Cia.

MARIANNA: Pharm. Raymundo de Oliveira Moraes.

MATTO GROSSO DE BAATAES: Manuel Cesario de Campos.

MOCO'CA: Manuel Oca.

MONJOLINHO: Pedro Fernandes de Lara.

MONTE ALEGRE: Arthur Ayrorosa.

MONTE ALTO DE JABOTICABAL: Antonio Villas Bóas.

MONTES CLAROS: José Dias de Sá.

MONTE SIÃO: André Jacconi.
MUZAMBINHO: José Poli.
NAZARETH: Olandim Fumes.
OURO PRETO: Edmundo Tarquinio Pereira e Manuel Cruz.
PALMEIRAS: Borba & Villela.
PARAHYBA: Gonçalves Penna & Cia. e Francisco Feliciano.
PARAHYBUNA: Paulo Andrade.
PARNAHYBA: Antonio Corrêa do Amaral.
PARANAGUA': Rocha & Picanço.
PASSOS: José Scalmani.
PEDREGULHO: Alfredo Alongo Galante.
PIAUHY: A. Carvalho & Cia.
PINDAMONHANGABA: Benedito Ribeiro e José Athayde Marcondes.
PINHEIROS: Paulino Pinto.
PRACICABA: Pedro Ferraz do Amaral.
PIRASSUNUNGA: José Ferreira de Albuquerque.
PITANGUY: Luiz Gonzaga Junior.
PYRAMBOIA: Luiz Chaguri.
PORTO ALEGRE: L. P. Barcellos & Cia., Carlos Echenique, Cunha Rentzsch & Cia. e Livraria Selbach.
PORTO FELIZ: Eduardo Motta.
PORTO FERREIRA: Lolio da Silva Oliveira.
POUSO ALTO: Philadelpho de Souza Nilo.
PRATA: Dr. Emygidio Marques.
PRESIDENTE ALVES: Carvalho & Ferraz.
QUELUZ: José de Paula França.
QUIRIRIM: Paulo Andrade.
RECIFE: Ramiro M. Costa & Filhos e Manuel Nogueira de Souza.
REDEMPÇÃO: Joaquim Braga de Paula.
RIBEIRÃO BONITO: Jorge Ferraz.
RIBEIRÃO PRETO: José Selles e Veríssimo dos Santos.
RIO DE JANEIRO: Agencia Cosmos, Leite, Ribeiro & Maurillo, Braz Lauria, Araujo & Lopes, Livrarias Garnier, Alves, Briguiet e Castilho.
RIO PRETO: Francisco Mesquita.
SABARA': José Alves Nogueira.
S. CARLOS: Dr. Carlos da Silveira.
S. JOÃO DA BOCAINA: Armando Azevedo.
S. JOÃO D'EL-REI: Bel. Custodio Baptista de Castro.
S. JOÃO DO CURRALINHO: Nabor Silva.
S. JOAQUIM: Jacomo Cernah e Celso Junqueira.

S. JOSE' DO RIO PARDO: Anyzio Baptista de Mello.
S. LUIZ DO MARANHÃO: Ramos d'Almeida & Cia.
S. MANUEL: Francisco Martorelli.
S. ROQUE: José Hyppolito da Silva.
S. SEBASTIÃO: Antonio Argino da Silva.
S. SEBASTIÃO DO PARAIZO: J. Aristheu de Castro e Carlos Orsi Parenzi.
S. SIMÃO: José Luiz de Carvalho.
S. THOMAZ DE AQUINO: Alvaro de Almeida Coelho.
SANA ADELIA: Esmeraldo Figueiredo.
SANTA CRUZ DO RIO PARDO: Dr. Alvaro Camera.
SANTA ISABEL: Virgilio Wey.
SANTA MARIA: L. P. Barcellos & Cia.
SANTA RITA DO SAPUCAHY: João de Camargo.
SANTA ROSA: Americo de Paiva Pinheiro.
SANTOS: José de Paiva e André Soares Couto.
SERRA AZUL: José Luiz Carmo.
SERRA NEGRA: José Gomes Junior.
SERTÃO SINHO: Arthur Camargo.
SOCORRO: Aurelio Martins.
SOROCABA: Ricardo Moreira.
TAQUARY: Joaquim Rodrigues.
TAQUARARITINGA: Simeão Pereira dos Santos.
TARU-ASSU': Nicolau Sinegôa.
TATUHY: Antenor Dias da Silva.
TAUBATE': Gabriel Nogueira de Toledo.
THEREZINA: A. Carvalho & Cia.
TREMEBE': Paulo Andrade.
TRES LAGOAS: José Silveira Mello.
UBERABA: João Ribeiro Bello.
UBERABINHA: Prof. Honorio Guimarães.
VALLINHOS: Hygino Carlos Stellin.
VARGEM GRANDE: Antonio Arruda.
VARGINHA: Joaquim Getulio Ferreira.
VILLA ADOLPHO: Augusto ROQUE.
VILLA NOVA DE LIMA: José de Avila Oliveira.
VILLA NOVA DE REZENDE: José Poli.
VILLA OLYMPIA: Jovelino Antonio de Oliveira.

Companhia Mechanica e Importadora de S. PAULO

Fabricantes de Machinas de Café e para Lavoura, de Material Ceramico e Sanitario - Fabrica de Pregos e Parafusos e Rebites Fundição de Ferro e Bronze etc.

GRANDE SERRARIA A VAPOR ≡
CONSTRUCTORES e IMPREITEIROS

AGENTES de: Robey & C. (vapores) - Automoveis FIAT - Fabrica de Ferro Esmaltado SILEX - Comp. Paulista de Louça Esmaltada - Societá Italiana Transaerea SIT (aeroplanos e hidroplanos Bleriot), etc., etc. — Deposito, fabrica e garage:

RUA MONSENHOR ANDRADE e AMERICO BRASILIENSE (Braz)

Estabelecimento Ceramico: **AGUA BRANCA** Telephone N. 10-15

IMPORTADORES DE materiaes para toda a classe de construcções e para estradas de ferro, locomotivas, trilhos, carvão, ferro e aço em grosso, oleos, cimentos, asphalto, tubos para abastecimento de agua, material electrico, navios de guerra, rebocadores, lanchas e automoveis FIAT, etc., etc.

RIO DE JANEIRO :

Avenida Rio Branco n. 25

Caixa 1534

SANTOS :

Rua Santo Antonio, 108, 110

Caixa 129

LONDRES - Broad Street House-New Broad - LONDON E. C.

EM S. PAULO :

Rua Quinze de Novembro n. 36

Endereço Telegraphico "MECHANICA"

Caixa do Correio 51 - Telephoue 244

Codigos em uso: A. B. C. 5.^a EDIÇÃO - A. I. A. Z., WESTEN UNION
LIEBERS E RIBEIRO

ROBES & MANTEAUX

Lingerie de Luxe, Blouses, Trousseaux

Bertholet

Corsets, Spécialité de Fournitures pour Modes

Rua 15 de Novembro, 30

São Paulo - Paris

Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560



LE COURRIER DE LA PRESSE

“LIT TOUT”

Renséigne Sur Tout

Ce qui est publié dans les JOURNAUX, REVUES
& PUBLICATIONS de toute nature :: :: ::

Paraissant en France et l'Étranger et en fournit
les Extraits sur tous Sujets et Personnalités.

Circulaires explicatives et Tarifs envoyés franco

CH. DEMOGÉOT, Directeur

21, Boulevard Montmartre - PARIS (2.)

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO DO NUMERO 17

25 DE MAIO DE 1917

J. CAPISTRANO DE ABREU (do Inst. Hist. e Geographico Brasileiro) — *Paulistica*.
 OLIVEIRA LIMA (da Academia Brasileira) — *O coprador do Barão de Penedo*.
 HELIO LOBO (do Inst. Hist. e Geographico Brasileiro) — *Brasil e Estados-Unidos*.
 EMILIO DE MENEZES (da Academia Brasileira) — *O corvo* (Edgard Poe).
 MEDEIROS E ALBUQUERQUE (da Academia Brasileira) — *Livros...*
 CARLOS DE LEMOS — *A fallencia da doutrina na guerra naval*.
 FERNANDO DE AZEVEDO — *Educação hygienica*.
 GODOFREDO RANGEL — *Vida ociosa*.
 MACHADO DE ASSIS — *Cartas inéditas*.
 COLLABORADORES — *Resenha do mez*.

RESENHA DO MEZ — Céu e agua (*Basilio de Magalhães*) — Nossos defeltos (F. G. Schmidt) — Movimento literario — Movimento theatral — Bibliographia — Vigarios estrangeiros (*Tobias Monteiro*) — A nossa poesia (*João Ribeiro*) — Emillo Verhaeren — A segunda revolução russa — O renascimento catholico na literatura franceza — A industria do livro na Franca — Os Estados-Unidos e o commercio mundial — Os pés dos combatentes — O uso do assucar — A mãe da marinha britannica — Leipzig, a Capital do Livro. — As caricaturas do mez.



WILSON, SONS & CO. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523

End. Telegr. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke etc. ; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de flandres e ferragens; óleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para industrias; barro e tijolos refractarios, barrilha etc.

AGENTES DE:

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres

Seguros maritimos e contra fogo

J. B. White & Brothers, Londres

Cimento Portland "J. B. W."

Aberthaw & Rhose Portland Cement & Lime
Co. Ltd. Cimento marca "Mitra"

Read Brothers Limited, Londres

Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"

Curtis's & Harvey Ltd., Londres

Dynamite marca "Dragão"

Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres

Chá preto e verde marca "Bond"

William Pearson Ltd., Hull

Creolina, Pacolol e Pacofluido

Andrew Usher & Co., Edinburgo

Whisky "Liqueur"

J. Bollinger, Ay Champagne

Champagne "Bollinger"

P. Virabian & Cie., Marselha

Ladrilhos e Cimento

Holzapfels Ltd., New-Castle-on-Tyne

Tintas preparadas "Lagoline"

Aceitam pedidos para importação directa mediante modica commissão



ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para **CAFÉ** **MANDIOCA**
ARROZ **MILHO**
ASSUCAR **FUBÁ, etc.**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigit-se a

Rua de São Bento N. 29-C

SÃO PAULO

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"

